

# **BIOGEOGRAFIA HISTÓRICA**

## **ENFOQUES FUNDAMENTAIS**

**Dispersialismo – Darwin 1859, Wallace 1876**

**Biogeografia filogenética – Hennig 1966, Brundin 1966**

**Áreas ancestrais – Bremer 1992, Ronquist 1994**

**Panbiogeografia – Croizat 1958, Craw 1988, Page 1987**

**Biogeografia cladística – Nelson 1974, D. Rosen 1976, Nelson & Platnick 1981**

**Análise de parcimônia de endemismos (PAE) - B. Rosen 1988, Craw 1988, Morrone 1988**

**Métodos baseados em eventos – Page 1994, Ronquist 1997**

**Filogeografia – *Avise et al.* 1987**

**Biogeografia experimental – Haydon, Tadtkey & Pianka 1994**

**Biogeografia Integrativa – Donoghue & Moore 2003**

## Donoghue & Moore 2003

Métodos da Biogeografia Cladística são fundamentalmente **baseados em topologia** = padrões gerais são delineados com base em comparação ou combinação somente das topologias dos cladogramas de táxons e áreas.

Necessidade de **incorporação de datação absoluta** (temporalidade) da diversificação das linhagens componentes:

**“ Biogeografia Integrativa ”**

# Teste de tempo na Biogeografia Histórica

Donoghue & Moore 2003

Coincidência temporal

Sim

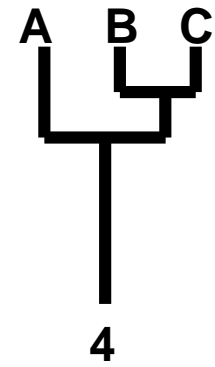
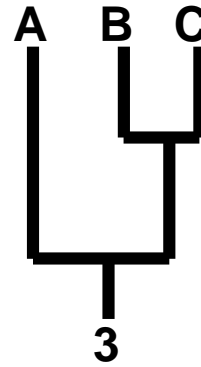
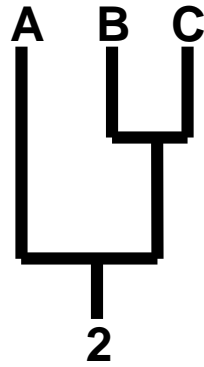
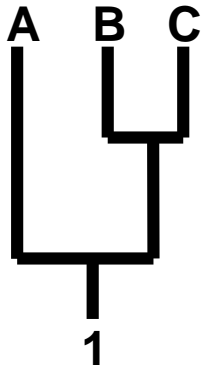
Congruência

Não

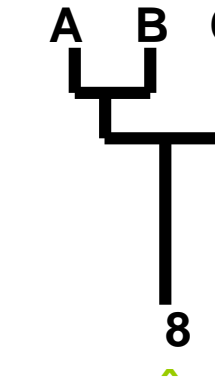
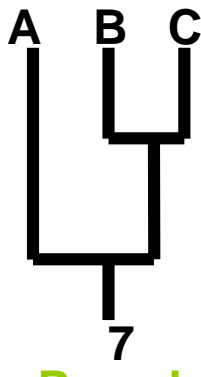
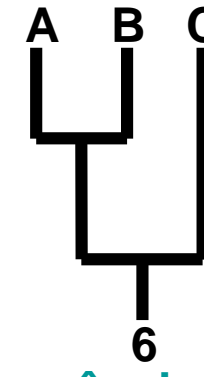
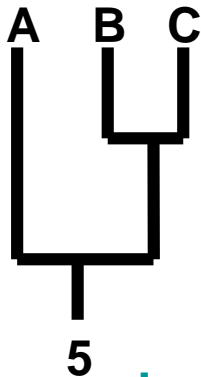
Pseudo-congruência

Coincidência topológica

Sim



Não



Incongruência

Pseudo-incongruência

# “**BIOGEOGRAFIA MOLECULAR**”

**Caccone *et al.* 1994, Lavin *et al.* 2000**

**Reconstrução da **história biogeográfica de 1 táxon**  
sob 2 perspectivas:**

- 1. Uso de **filogenia molecular como dado bruto**  
de métodos da Biogeografia Histórica**
- 2. Aplicação de **relógio molecular para incorporar tempo**  
nos métodos da Biogeografia Histórica**

# “Paradigma cronobiogeográfico”

Hunn & Upchurch 2000

Elaboração lógica e não uma substituição do paradigma atual.

Requer métodos que permitam atribuir  
**valores de tempo a táxons**,  
i.e., tempo de origem e tempo de cada  
evento cladogenético numa filogenia.

Os dados de distribuição temporal dos organismos poderão prover  
reforço ou rejeição de hipóteses sobre a  
causalidade dos eventos filogenéticos.

# “Biogeografia Integrativa”

Donoghue & Moore 2003

# Sistemática molecular

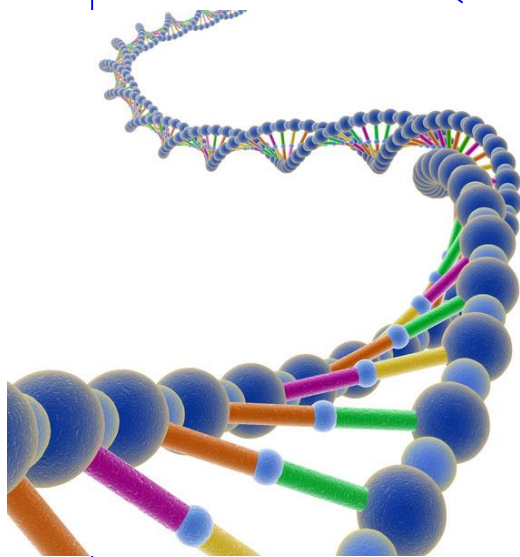
sequenciamento de segmentos dos ácidos nucleicos  
(nuclear e cloroplasto)

- número elevado de caracteres,  
menos influenciados por fatores ambientais

(muitos podem estar em **evolução neutra** ou quase neutra,  
sem o forte componente de seleção natural  
que pode levar a evolução convergente )

- seleção objetiva de caracteres

permite comparação entre quaisquer  
grupos de organismos  
(grandes amostras de OTUs: centenas)



# 3 genomas nas plantas: DNA nuclear

## DNA mitocondrial – 80 000 pares de bases

## DNA cloroplasto – 120.000 pares de bases

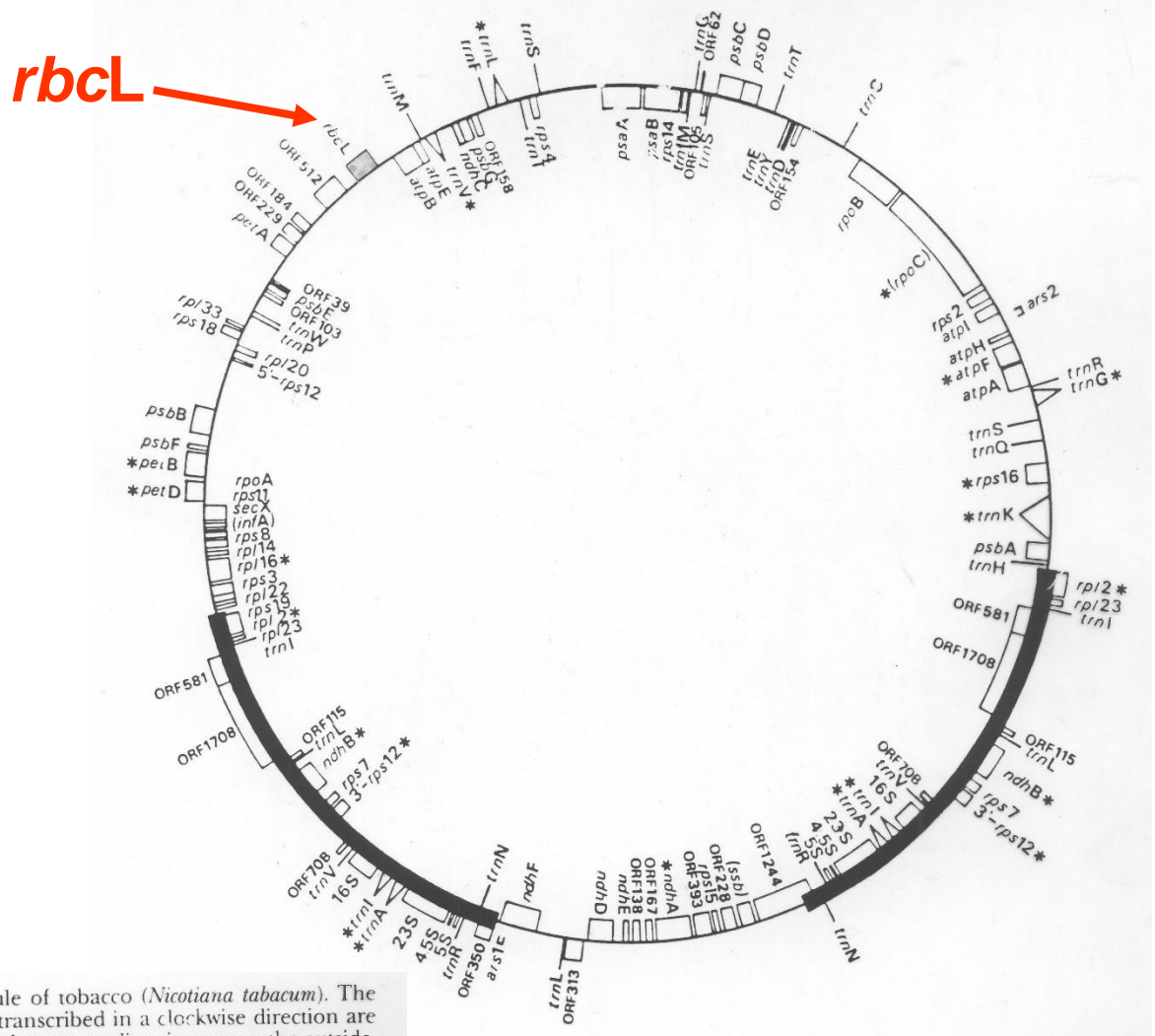
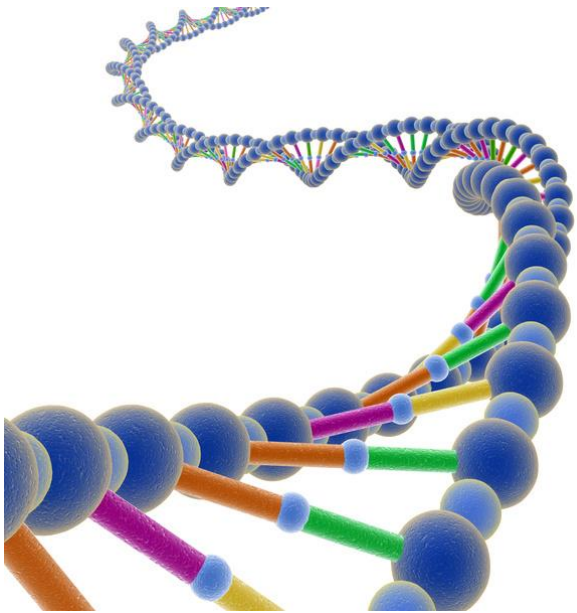


Figure 9.1. Map of the circular chloroplast DNA molecule of tobacco (*Nicotiana tabacum*). The inverted repeat is indicated by the dark bars. Genes transcribed in a clockwise direction are shown on the inside of the circle; those transcribed in the reverse direction are on the outside. Asterisks indicate intron containing genes. The map is from work of Shinozaki et al. (1986) and is reprinted with permission from the EMBO Journal.

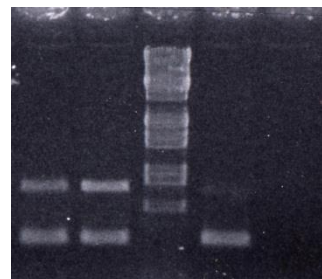
OLMSTEAD & PALMER 1991

# Obtenção de seqüências

Folhas secas em sílica

Extração DNA

PCR



Purificação de DNA

Reamplificação de gene a partir de colônias de bactérias

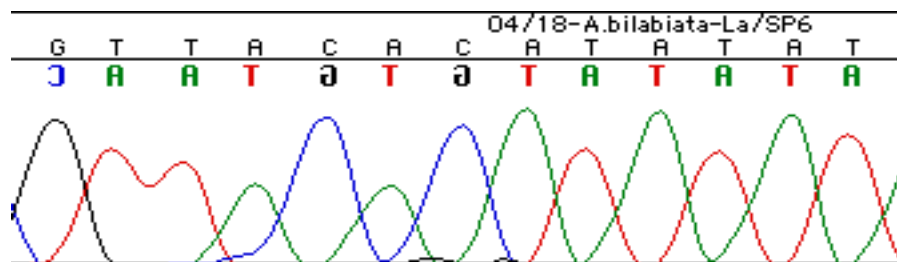


clonagem

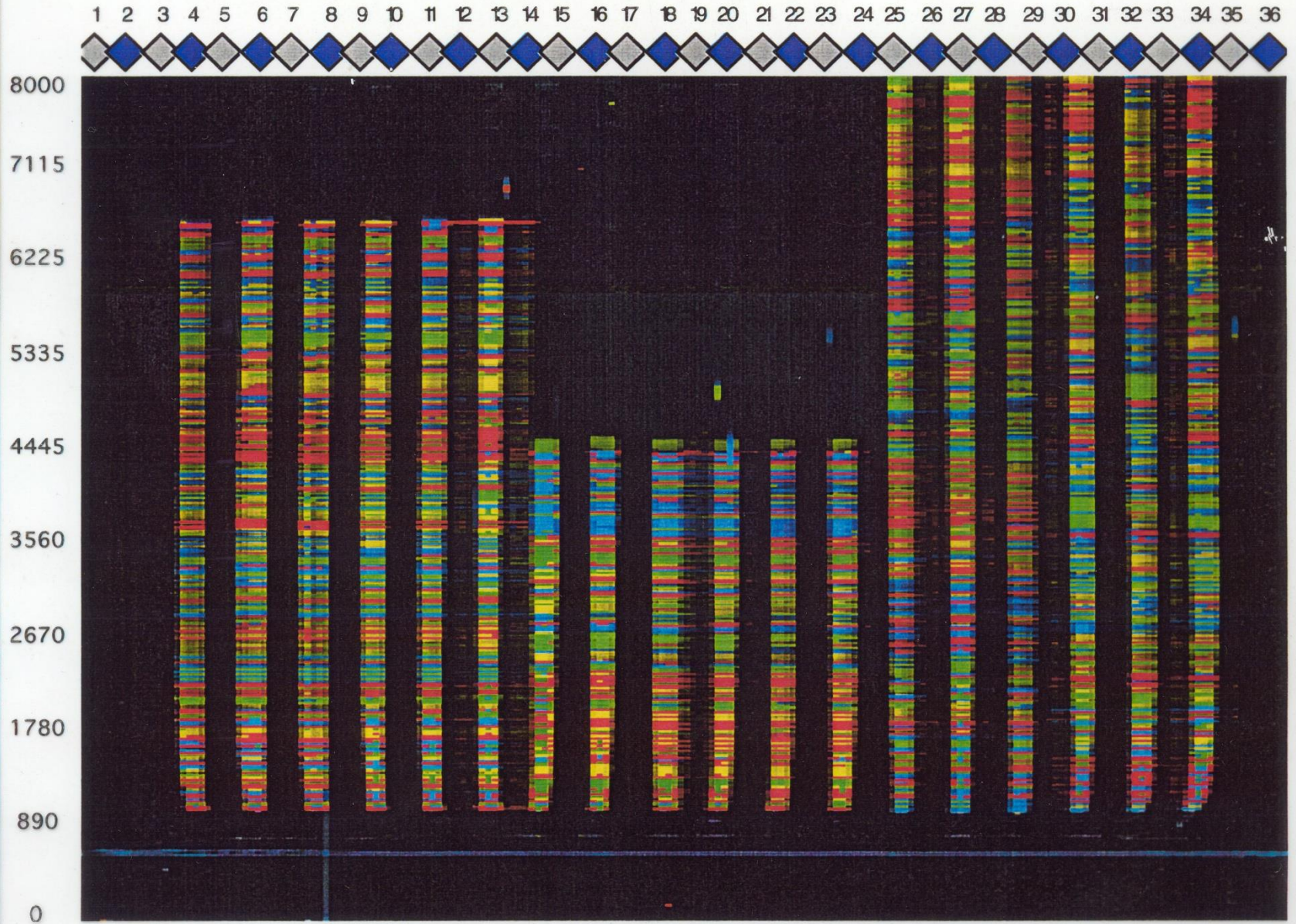
nuclear

cloroplasto

Seqüência









Model 377  
Version 3.0  
ABI200  
Version 3.0

14\*B. reflexa - 1448 -tab c  
B. reflexa - 1448 -tab c  
Lane 14

Signal G:225 A:271 T:183 C:274  
DT (BD Set Any-Primer)  
dRhodamine Matrix  
Points 940 to 8000 Base 1: 940

Page 1 of 2  
Mon, May 25, 1998 12:49 PM  
Sat, May 23, 1998 2:00 PM  
Spacing: 11.72{11.72}

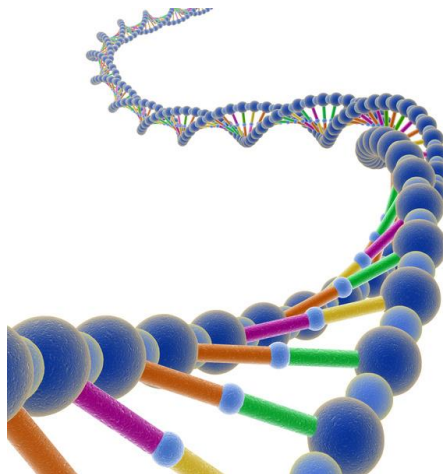


# Pareamento das sequências de bases:

**alinhamento mais provável**

**CTCAGGATTC....  
AGCTCAACGGG...**

**-- CTCAGGAT...  
AGCTCAACGG...**





# Sistemática molecular

CLADÍSTICA

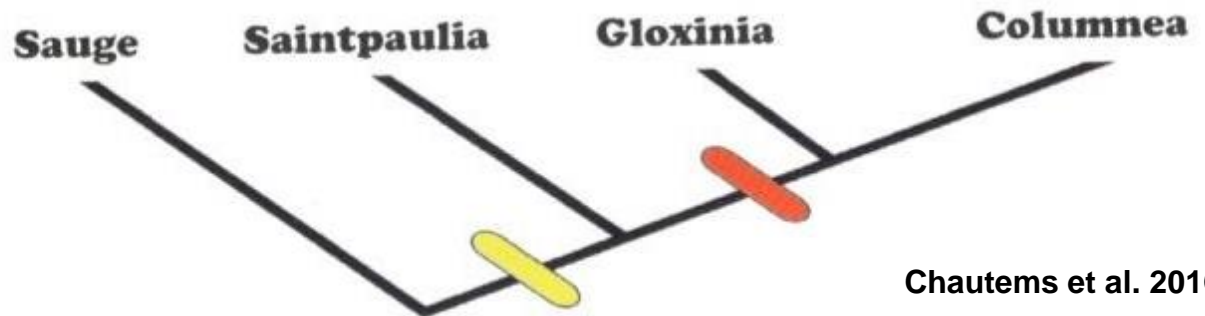
Bases = caracteres multiestados não-ordenados

**Táxons**

**sequência de bases**

<b>Columnnea</b>	A	A	T	T	C	G	T	A	C	T	T	G	A	T	C	G	T
<b>Gloxinia</b>	A	A	T	T	C	A	T	A	C	T	T	G	A	T	C	G	T
<b>Saintpaulia</b>	A	A	C	T	C	T	T	A	C	T	C	G	A	T	C	G	T
<b>Sauge</b>	A	G	G	T	G	C	C	G	C	T	G	G	A	T	C	G	T

grupo-externo



Chautems et al. 2016

- método de comparação com grupo-externo
- critério de parcimônia
- outros critérios: Máxima Verossimilhança, Bayesiano.

# GENES

Regiões comumente utilizadas como fonte de informação:

**Inferência filogenética entre gêneros e espécies:**

*ndhF* (2100 – 2200 pb)  
*matK* (1100 pb)  
*trnL-F* (1100 – 1400 pb)  
*rps16* (729 pb)

} **cloroplasto**

ITS 1 (210 – 270 pb)  
ITS 2 (205 – 240 pb)  
ETS (100 pb)

} **núcleo**

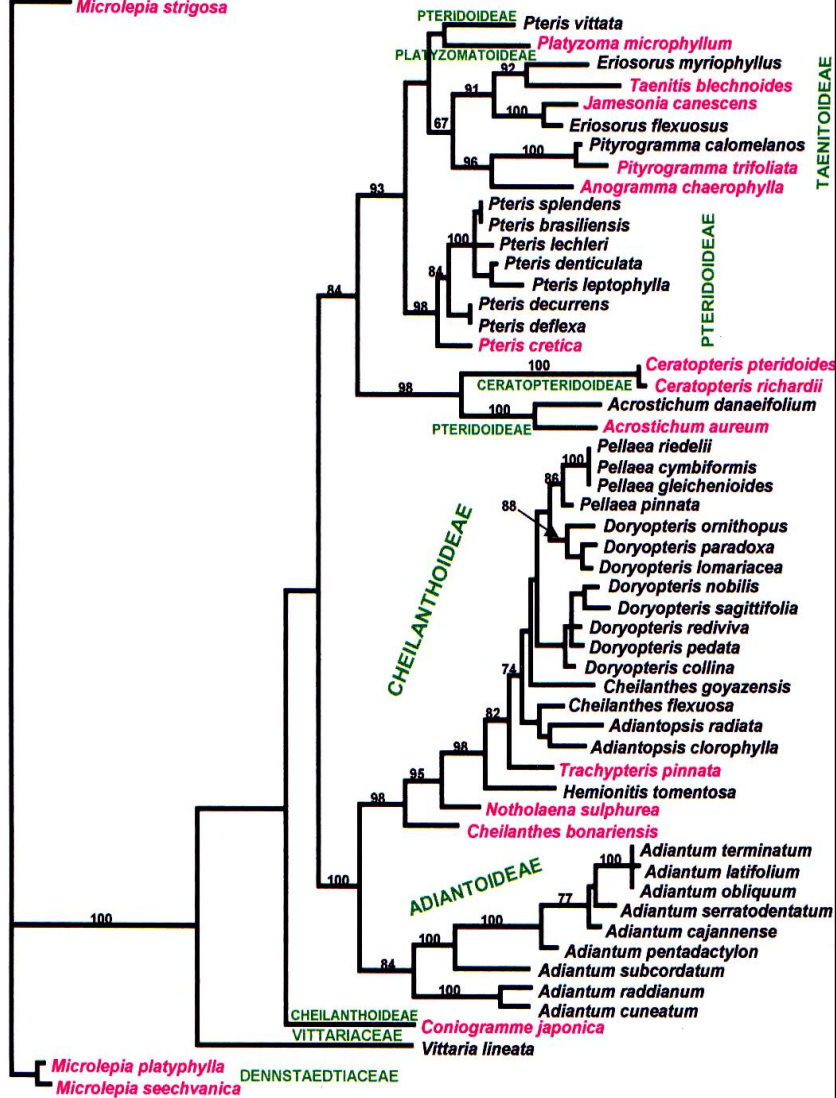
**entre famílias e ordens:**

*rbcL*  
*atpB*

} **cloroplasto**

18SnrDNA **núcleo**

DENNSTAEDTIACEAE  
*Microlepia strigosa*



UMA DAS ÁRVORES MAIS PARCIMONIOSAS OBTIDAS COM SEQUÊNCIAS DE *rbcL* DE PTERIDACEAE. EM VERMELHO, ESPÉCIES COM SEQUÊNCIAS PROVENIENTES DO GENE BANK



*Pteris gleichenioides*

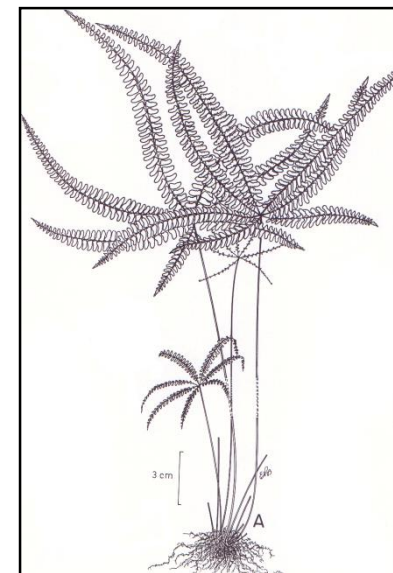
## FILOGENIA DE PTERIDACEAE BASEADA EM SEQUÊNCIAS DE *rbcL*

Salatino et al. 2008

*rbcL*

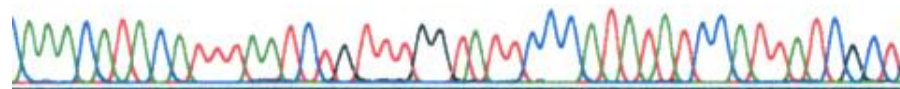


LOCALIZAÇÃO DO GENE *rbcL* (1,4 KB)



*Adiantopsis radiata*

TTTCTATCTAAATACAGAAAGGATAAACCCCTATATACCTAATACGCA  
190 200 210 220 230

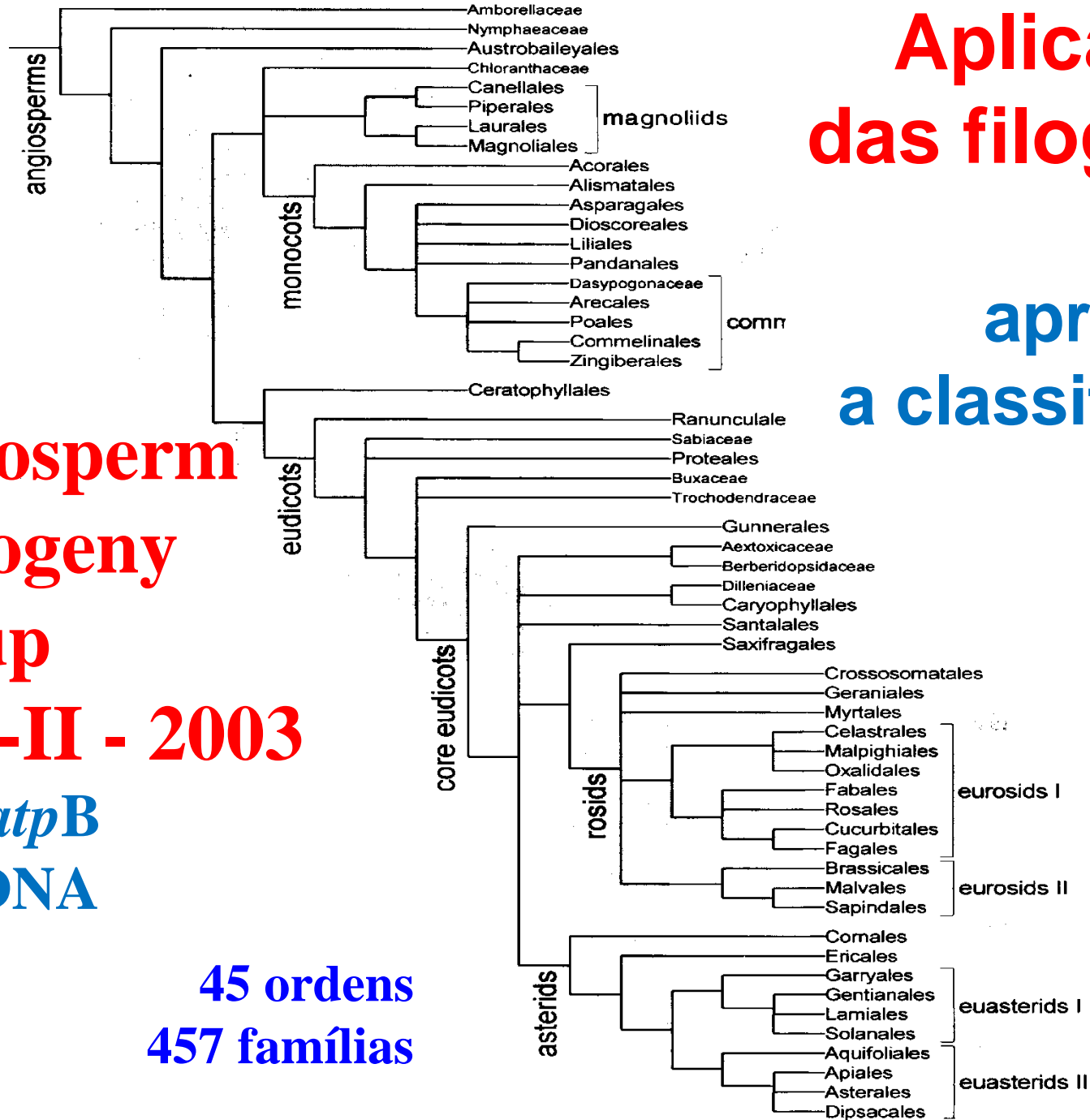






# Aplicações das filogenias

aprimorar a classificação



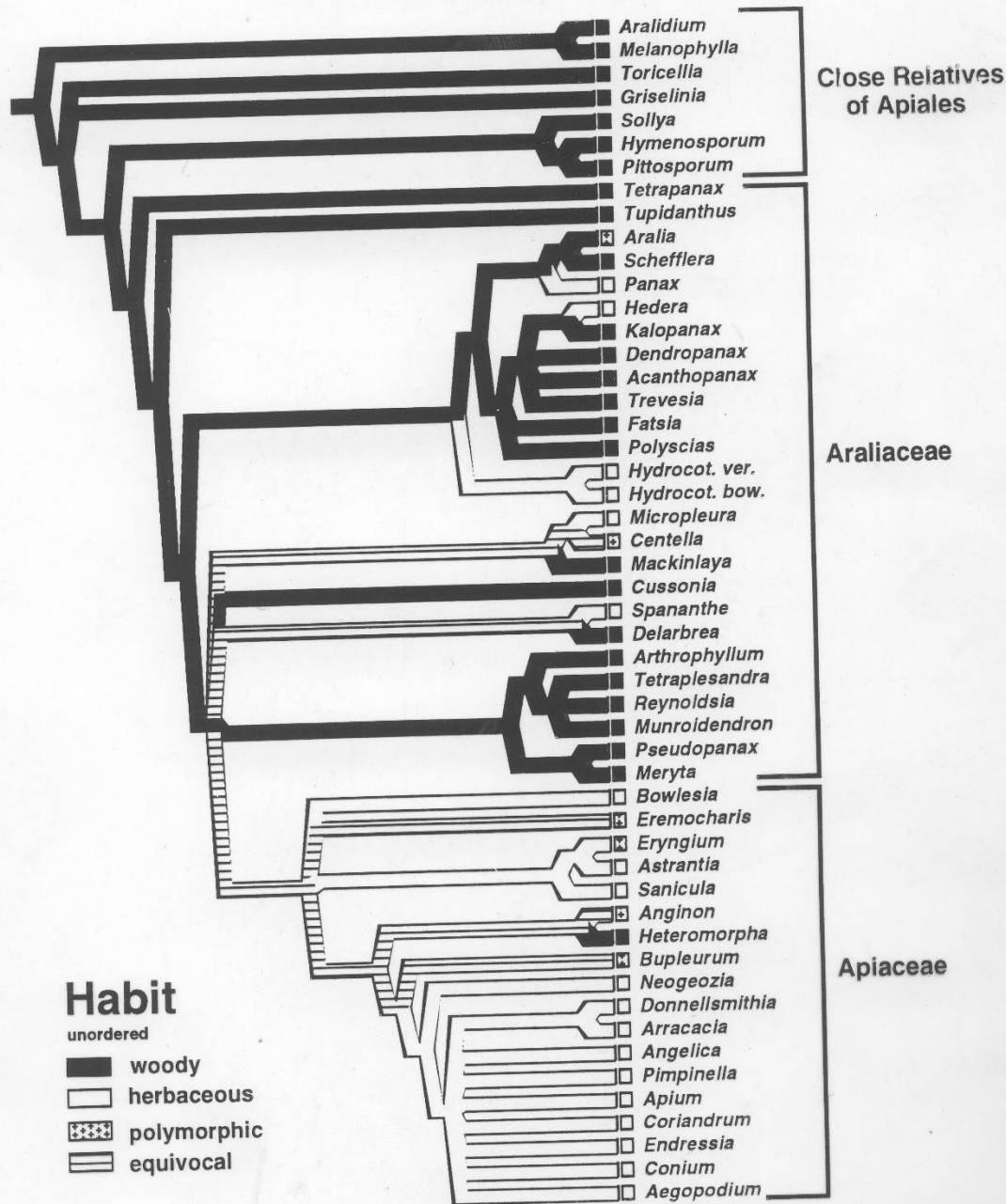
## Angiosperm Phylogeny Group APG-II - 2003

*rbcL, atpB*  
18S rDNA

45 ordens  
457 famílias

# Aplicações das filogenias

## hipóteses de evolução de caracteres

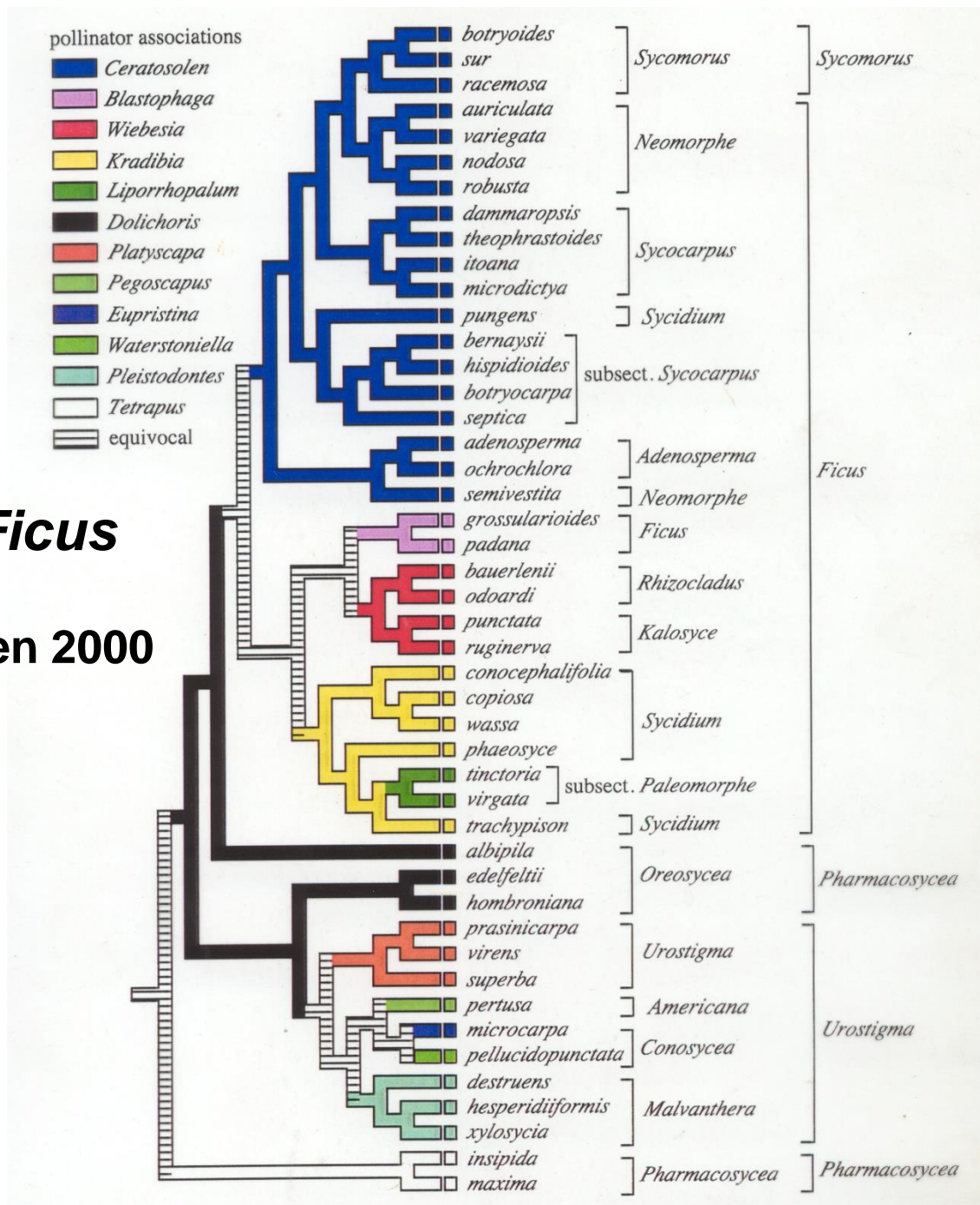
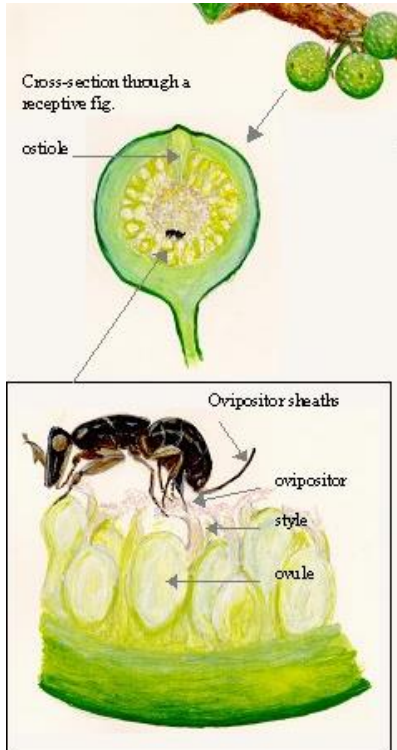


Plunkett et al. 1996

# Aplicações das filogenias hipóteses de evolução

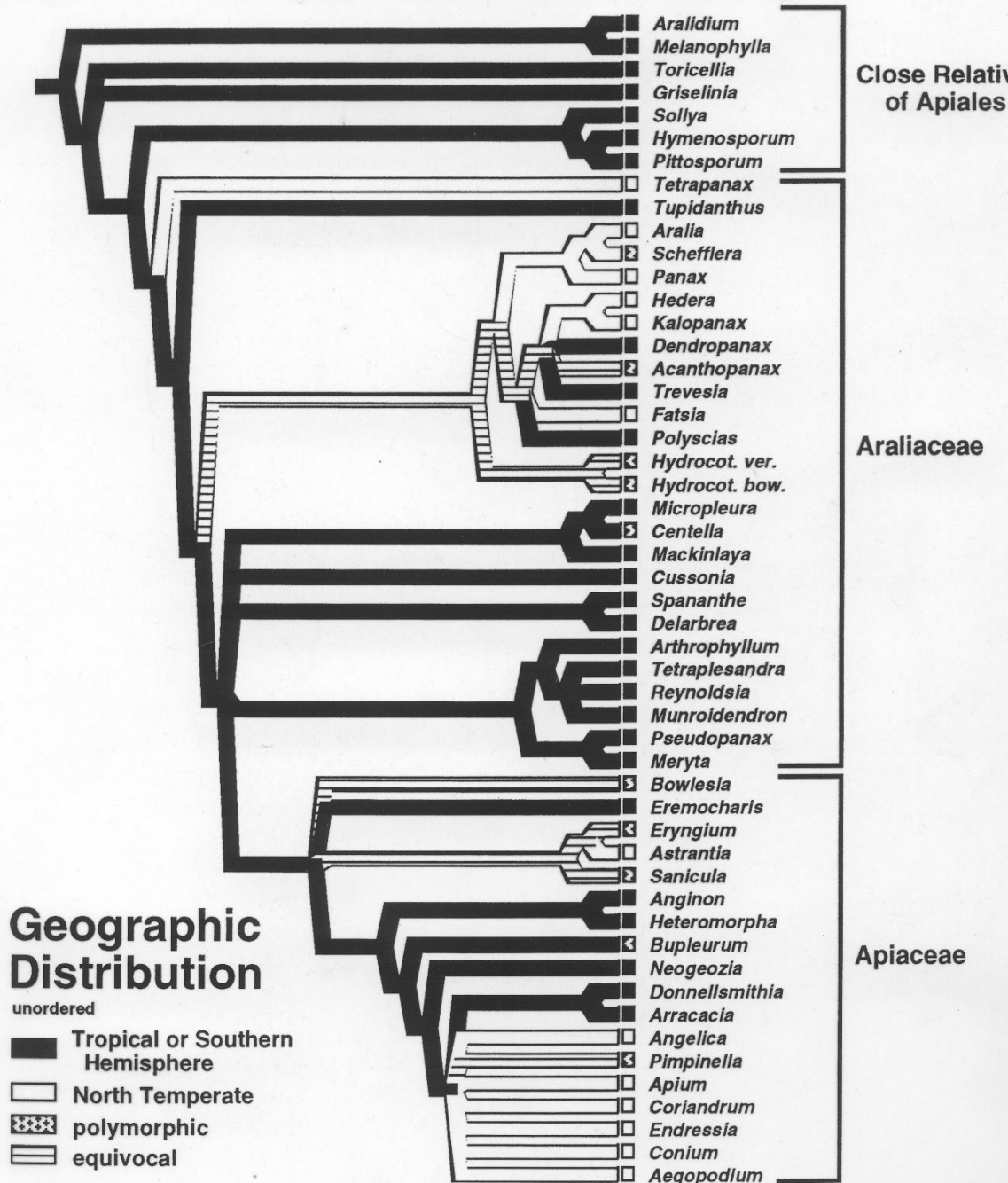
## Evolução da polinização em *Ficus*

Weiblen 2000



# Aplicações das filogenias

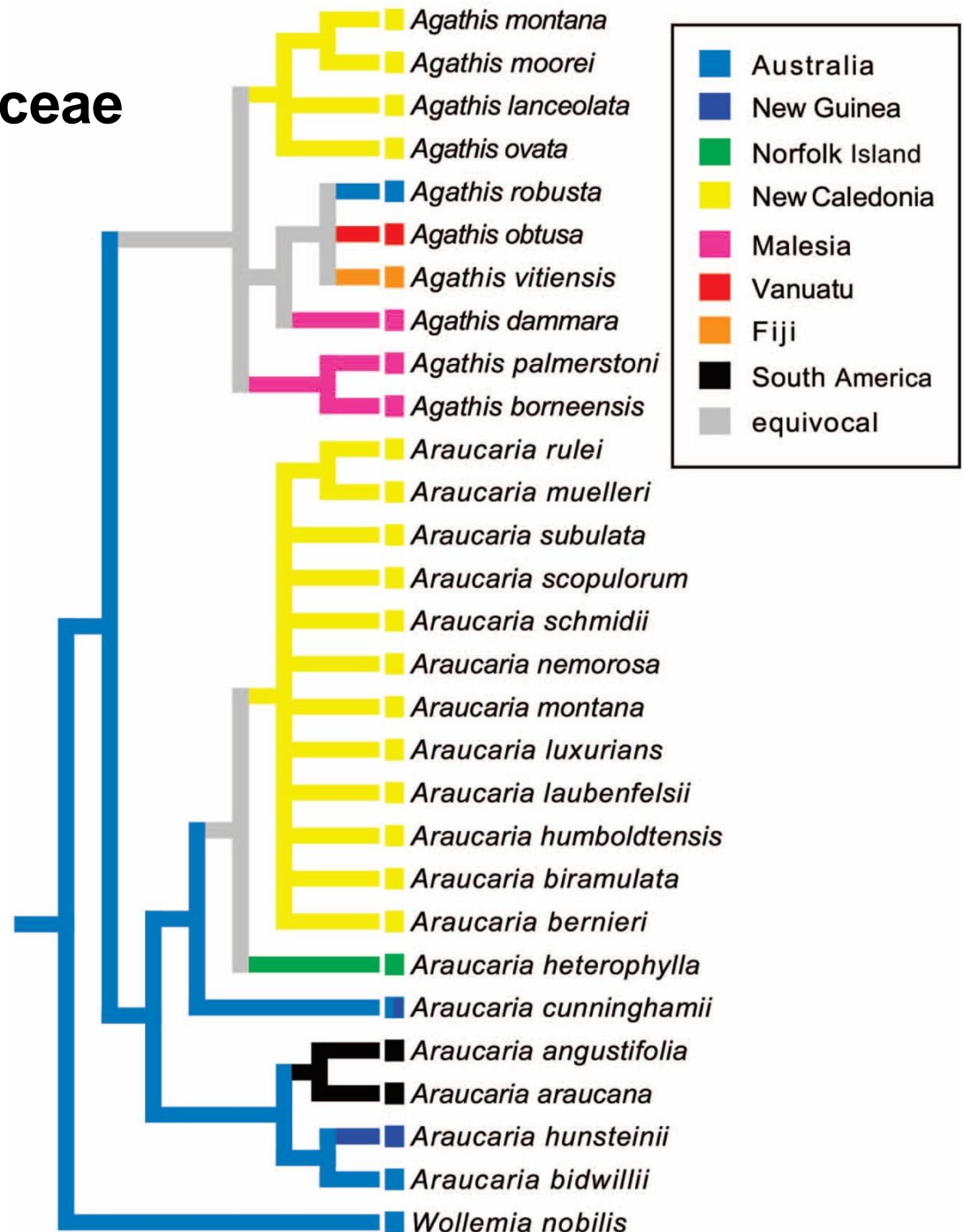
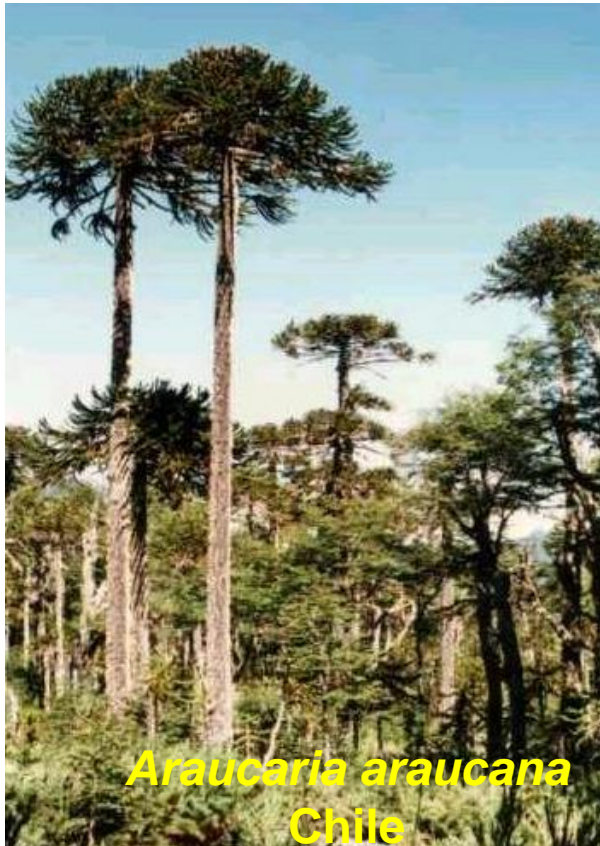
## hipóteses biogeográficas



Plunkett et al. 1996

# Filogenia de Araucariaceae com mapeamento das áreas geográficas

Givnish 2004



# *Craspedia* ASTERACEAE

Ford *et al.* 2007  
Taxon 56(3)

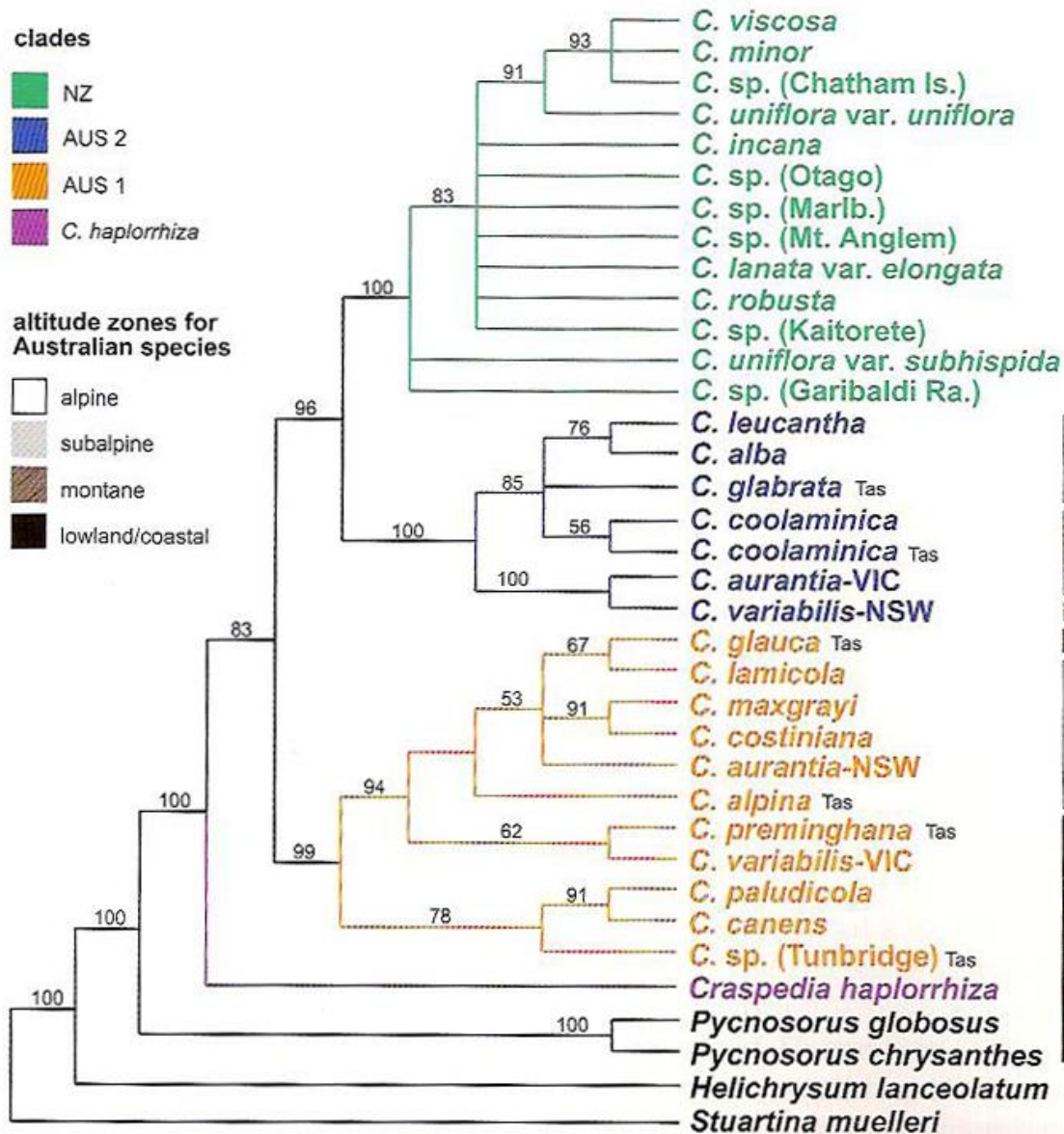


Fig. 3. Strict consensus of shortest parsimony trees for combined ITS and ETS sequences, with bootstrap values. Tas, Tasmania.

## Mapping extrinsic traits such as extinction risks or modelled bioclimatic niches on phylogenies: does it make sense at all?

Grandcolas et al. 2010

**Three different problems** are implied by the trend in using a increasing variety of **extrinsic traits** in comparative studies aimed at testing evolutionary hypotheses.

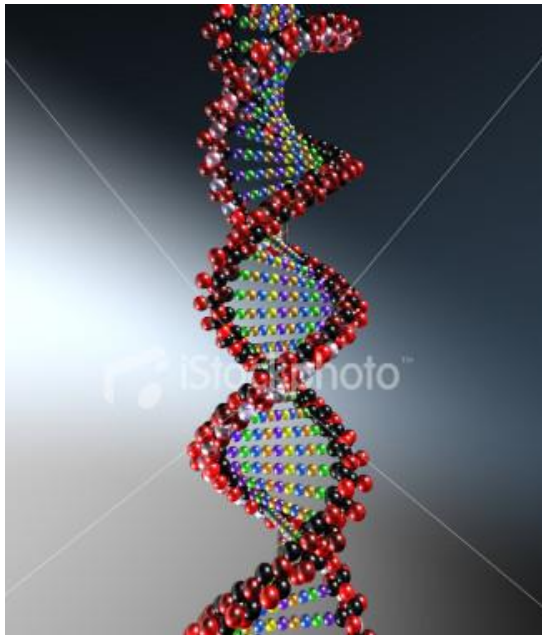
Some extrinsic traits are only surrogates for phenotypic traits, and should be redefined to better fit the requisites for phylogenetic analysis, such as selective regimes and extinction risks.

Some others are already adequately defined and cannot be made less extrinsic, such as **taxon age**, **geographical distribution**, **associates** (parasites, symbionts, etc.), and **bioclimatic modelled niches**. Because **they are not heritable**, they should not be analysed by optimization onto a tree, but are **better considered in sister-group comparisons or within a reconciliation procedure, as already done for areas of biogeography**.

# The Molecular Clock

## Relógio Molecular

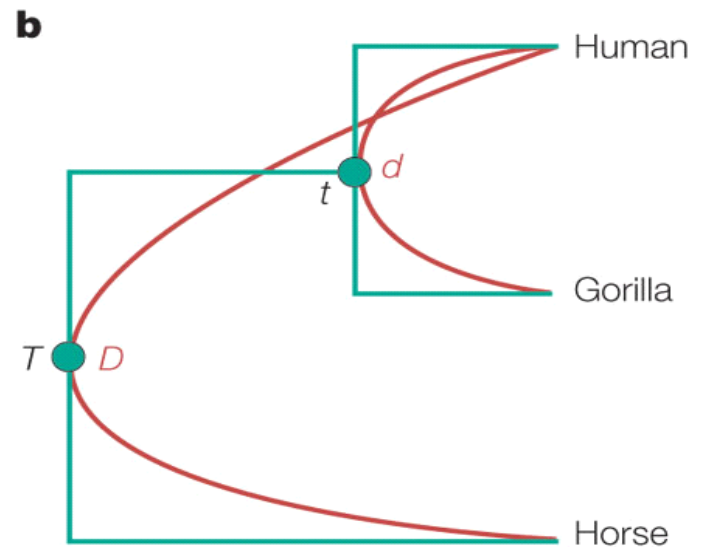
T. Michael Dodson





# Relógio Molecular

- 1960s- Zuckerkandl & Pauling observaram que um número de diferenças entre aminoácidos e hemoglobinas mostravam uma relação aproximadamente linear com o tempo de divergência a partir do ancestral comum (estimado com registro fóssil).



# Relógio Molecular

## Hipótese

- “For any given macromolecule (a protein or DNA sequence) the rate of evolution is approximately constant over time in all evolutionary lineages” (Zuckerkandl & Pauling 1965 *in* Wen-Hsiung Li 1997)



Linus Pauling



Emile Zuckerkandl

# Teoria do Relógio Molecular

Zuckerland & Pauling 1962:

Taxa de evolução molecular é aproximadamente **constante no tempo** para todas as proteínas em todas as linhagens.

**Tempo de divergência** entre proteínas, genes ou linhagens pode ser estimado por meio do n° de mudanças entre seqüências (ou proteínas) uma vez que as alterações moleculares acumulam nas populações em função do tempo.

**Tempo de coalescência:** a diferença entre seqüências de DNA num gene em 2 espécies seria proporcional ao tempo em que elas divergiram de um **ancestral comum (MRCA)**.

# Teoria do Relógio Molecular

“Tics” do relógio correspondem às mutações ou substituições; não ocorrem em intervalos regulares, mas em **momentos ao acaso**. Esse tempo pode ser estimado em unidades arbitrárias e então **calibrado em milhares ou milhões de anos para um dado gene**.

Assume-se que o **gene tenha evolução neutra** e que esta tenha **taxa constante no tempo** - embora variável entre genes:

- mtDNA tem taxa de mutação 10 x maior que a média dos genes cromossômicos humanos = presta-se para estudos em nível de raças;
- genes que codificam para histonas, citocromo c, ATPase, rRNA – taxa bem baixa = adequados para inferir relações em altos níveis hierárquicos, incluindo Eubacteria e Archaeobacteria!

# Hawaii

Bromham & Penny 2003

- Honeycreeper (ave)



- Fruitflies (drosofilídeos)



- Molecular dates form a linear relationship between genetic divergence and time

# Hawaií

Bromham & Penny 2003

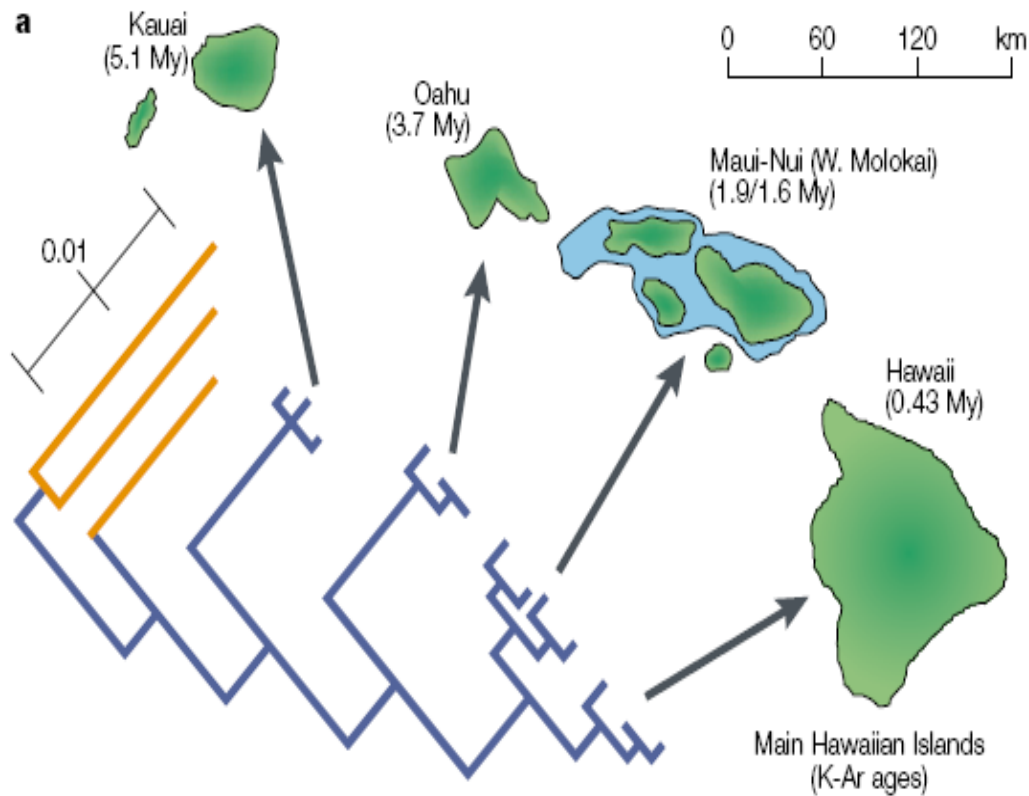
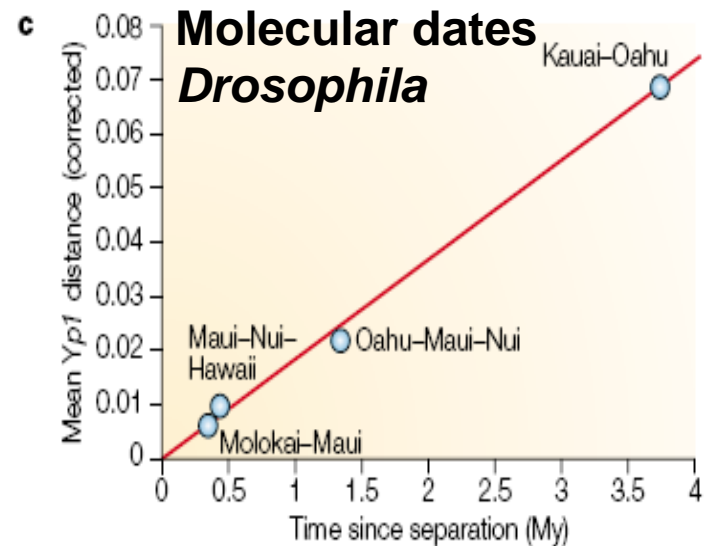
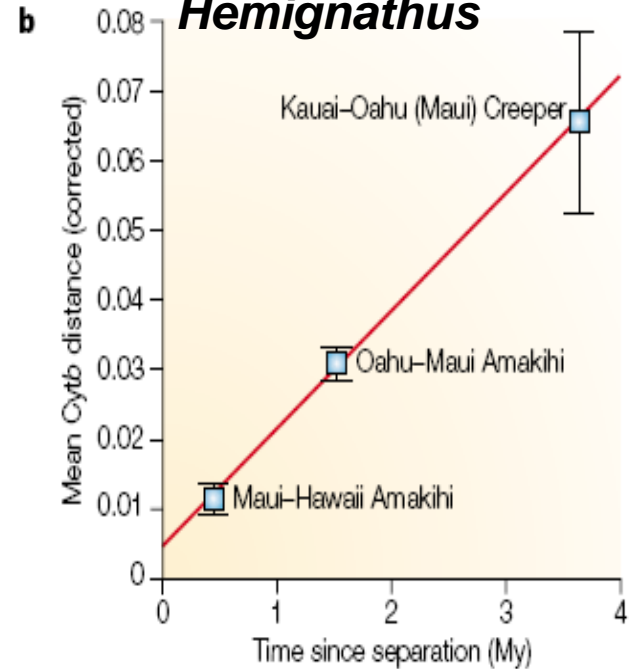


Figure 2 | **A molecular clock for the Hawaiian islands.** **a** | The volcanic origin of the Hawaiian islands has produced a chain of islands of increasing geological age. The phylogenetic relationships of island endemic birds (for example, the drepananine (honeycreeper) species such as the amakihi, *Hemignathus virens* and the akiapolaau *Hemignathus wilsoni*, shown in the tree) and fruitflies (*Drosophila* spp.) reflect this volcanic 'conveyor belt', with the species of the oldest islands forming the deepest branch of the tree, and the younger islands on the tips of the tree. Orange lines represent the outgroups. **b,c** | Molecular dates for *Hemignathus* (panel **b**) and *Drosophila* (panel **c**) confirm this order of colonization, and produce a remarkably linear relationship between genetic divergence and time when DNA distance is plotted against island age. My, million years. Figures reproduced with permission from REF. 10 © (1996) Blackwell Publishing.

## Molecular dates

### *Hemignathus*



# Teoria do Relógio Molecular

**Calibração do relógio: 2 modos:**

## **1. Registro fóssil (bem datado e diagnosticado)**

Usam-se pelo menos 2 spp atuais cuja época de especiação possa ser estimada pelo registro fóssil, para determinar o

**tempo transcorrido desde a especiação;**

Determina-se a sequência de DNA do mesmo gene para as 2 spp modernas e infere-se ou **conta-se diretamente o n° de substituições de nucleotídeos** entre seus genes.

Assume-se que todas as subst. inferidas ou observadas tenham aparecido **subsequentemente ao evento de especiação.**

**Taxa de evolução do DNA para o gene em estudo =  
n° de diferenças no DNA entre as 2 spp. / tempo desde especiação**

# Teoria do Relógio Molecular

**Calibração do relógio: 2 modos:**

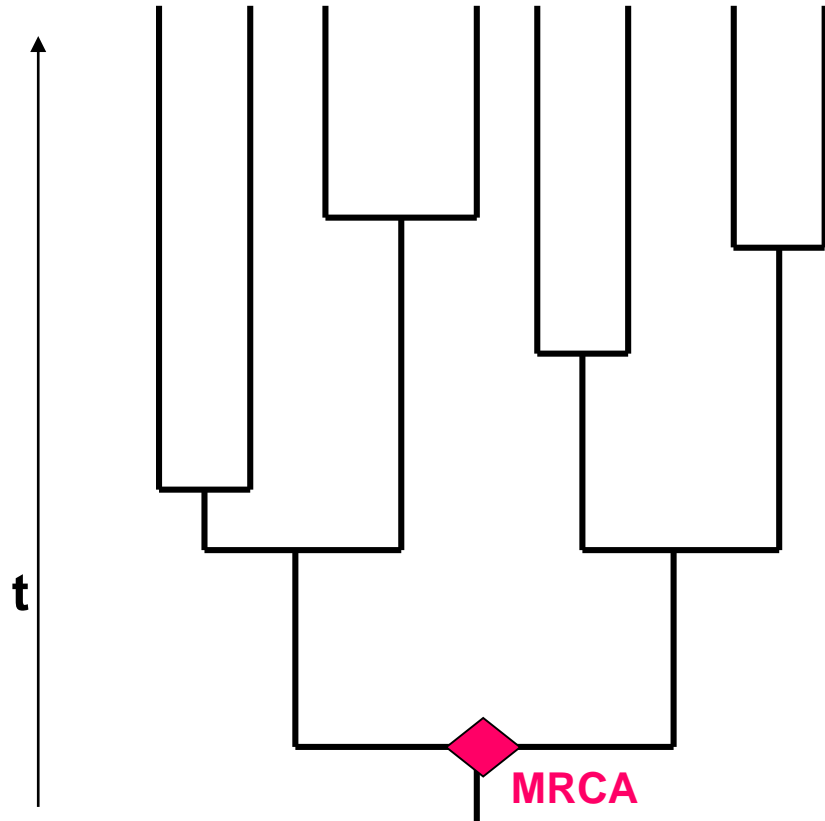
## **1. Registro fóssil**

**Assumindo-se que a taxa de mutação seja relativamente constante no gene em estudo, usa-se essa taxa estimada para extrapolar as datas aproximadas de especiação de outras ssp. para as quais não se possa determinar a data de especiação a partir de fóssil.**

**Maioria dos grupos carece de bons fósseis, então muitas vezes usa-se taxas calibradas para outros grupos!**

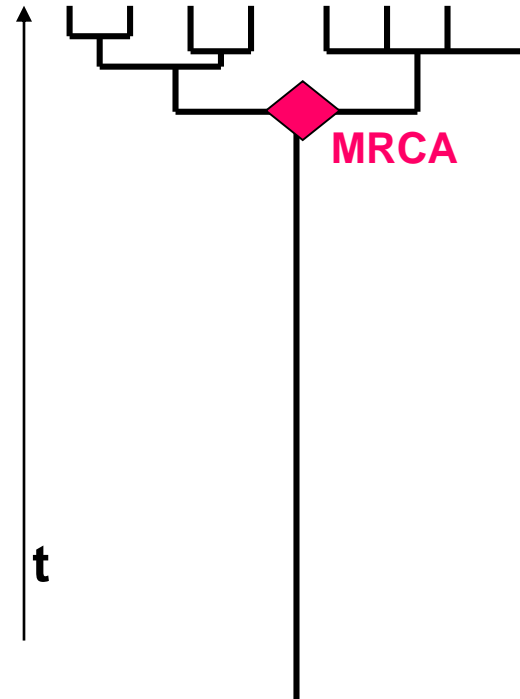


Numerosas substituições de nucleotídeos entre spp + topologia consistente com origem das spp a partir do MRCA



Acumulação gradual de diversidade a partir do **MRCA (Ancestral Comum Mais Recente)** das spp atuais, resultando em filogenia resolvida

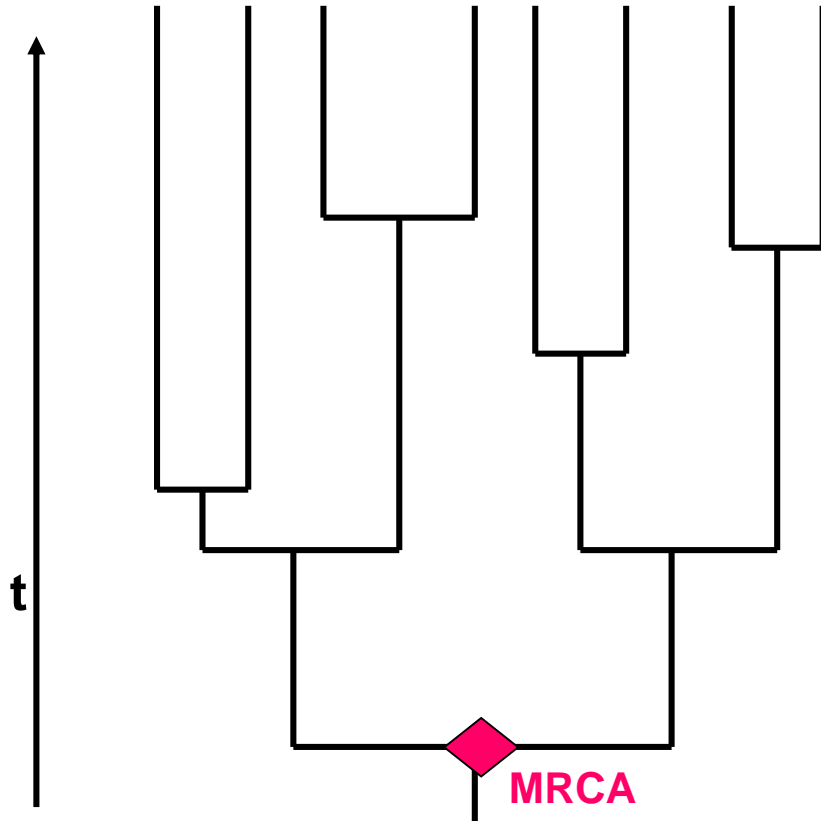
Poucas substituições de nucleotídeos diferenciando spp + topologia com ramos curtos a partir do MRCA onde a diversificação iniciou



Diversificação rápida e recente a partir do **MRCA** das spp. atuais, resultando em filogenia com baixa resolução

## Modelo de MUSEU (Wallace 1878, Stebbins 1974)

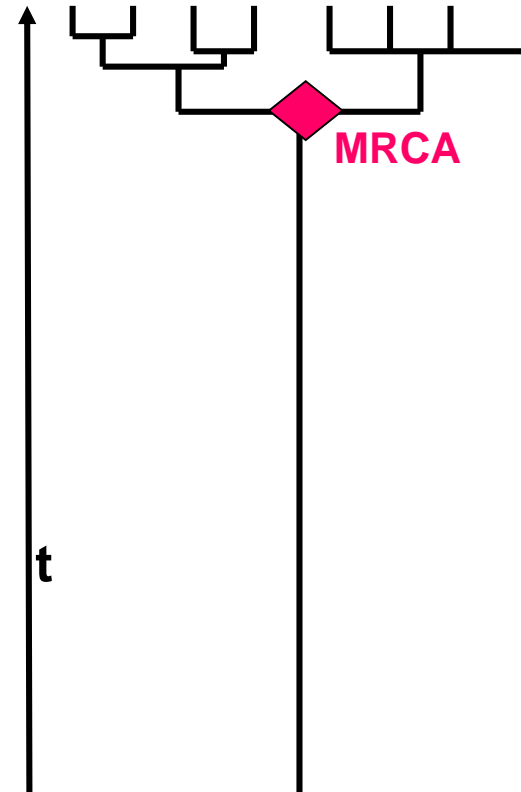
numerosas substituições de nucleotídeos  
entre spp + topologia consistente com  
origem das spp a partir do MRCA



Acumulação gradual de diversidade a partir do  
**MRCA (Ancestral Comum Mais Recente)** das  
spp atuais: filogenia resolvida  
**Baixa taxa de EXTINÇÃO**

## Modelo de BERÇÁRIO (*cradle*) (Stebbins 1974)

poucas substituições de nucleotídeos  
diferenciando spp + topologia com  
ramos curtos a partir do MRCA onde  
a diversificação iniciou



Diversificação rápida e recente  
a partir do **MRCA** das spp. atuais:  
filogenia com baixa resolução  
**Alta taxa de ESPECIAÇÃO**

***Cronobiogeografia – permite avaliar os dois modelos***

Tempo estimado de divergência a partir do MRCA das spp. de *Inga* com base no n° médio de substituições a partir da diversificação de *Inga* de acordo com **relógio molecular calibrado a partir de outros táxons**

Fonte da taxa	Habitat /tempo mínimo de geração	Marcador	Taxa calibrada (subst./sítio/ano)	Tempo médio de divergência (m.a.)
<i>Astragalus</i>	ervas anuais/1-2 anos	ITS	$3,5 \times 10^{-9}$	6,6
<i>Gossypium</i>	arbustos perenes/1-3 anos	ITS1	$5,0 \times 10^{-9}$ a $9,0 \times 10^{-9}$	7,3 a 4,0
<i>Gossypium</i>	arbustos perenes/1-3 anos	ITS2	$2,5 \times 10^{-9}$ a $4,5 \times 10^{-9}$	4,6 a 2,6
<i>Inga</i>	árvores e arbustos/2-3 anos	ITS	$2,34 \times 10^{-9}$	9,8
<i>Lupinus</i>	ervas perenes ou anuais /1-2 anos	ITS1/ITS2	$3,6 \times 10^{-9}$ / $3,3 \times 10^{-9}$	10,1/3,5
<i>Inga</i>	árvores e arbustos/2-3 anos	<i>trnL-F</i>	$8,24 \times 10^{-9}$	1,6
<i>Phyllica</i>	árvores e arbustos/2-3 anos	<i>trnL-F</i>	$4,87 \times 10^{-9}$	4,3
<i>Aichryson</i>	ervas perenes ou anuais/1-2 anos	<i>trnL-F</i>	$8,24 \times 10^{-9}$	0,3

Richardson et al. 2001

## Richardson et al. 2001

### ITS:

Em média, espécies de *Inga* têm no ITS **14 substituições** a partir do nó do MRCA até o ápice de cada ramo.

10 das outras estimativas de ITS caem entre  $1,72 \times 10^{-9}$  e  $7,83 \times 10^{-9}$  s/s/ano.

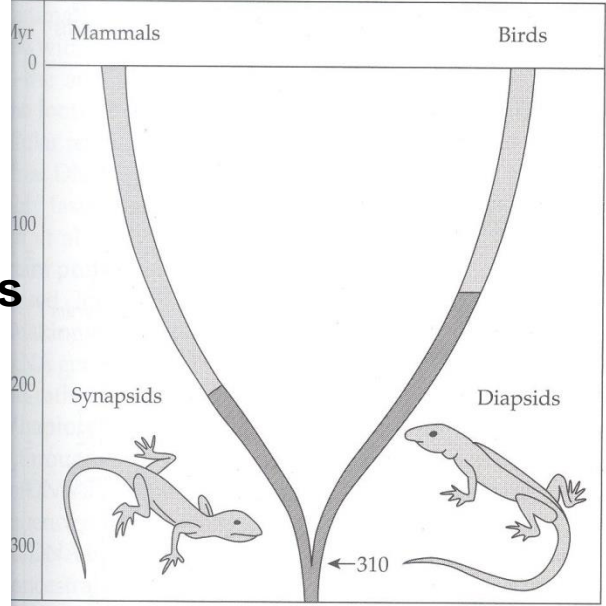
Com base nessas estimativas -

tempo de diversificação de *Inga* fica entre 13,4 e 2,0 m.a. (média de 5,9 m.a.)

### *trnL-F:*

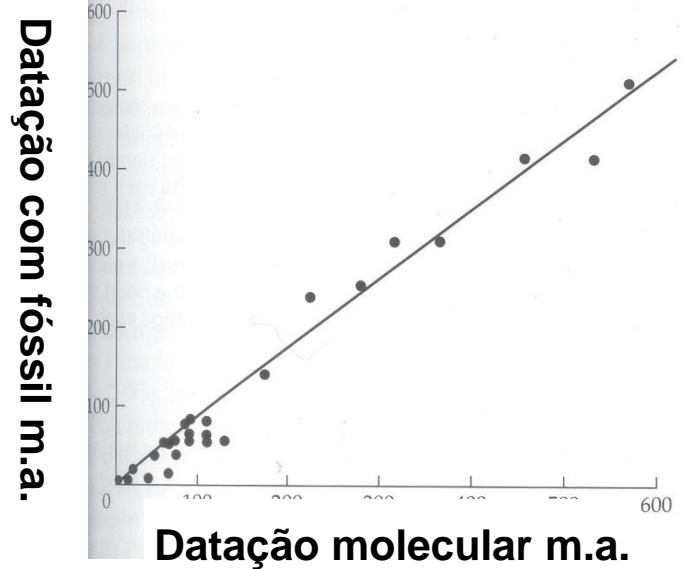
Indica tempo de diversificação entre 4,3 m.a. e 300.000 anos (média 1,8 m.a.)

**Congruência entre as estimativas das taxas de divergência molecular de 658 genes nucleares e as estimativas derivadas diretamente do registro fóssil de Synapida e Diapsida (Kumar & Hedges 1998)**



**A**

**FIGURE 11.8** (A) Calibration of molecular divergence times from the fossil record requires one or more well-dated and diagnostic fossils that can be used to “fix” the time of a cladogenetic divergence event. In this case, synapsids—the stem amniote lineage (darker shading) leading to mammals (lighter shading), and diapsids—the stem amniote lineage (darker shading) leading to birds (lighter shading) have diagnostic cranial morphologies that allow paleontologists to infer a “first appearance” of each in the fossil record at 310 million years ago. (B) This point was then used to estimate rates of molecular divergence across 658 different nuclear genes (details of estimation methods provided in original article), and the composite estimates derived from all genes agreed remarkably well with estimates derived directly from the fossil record. (After Kumar and Hedges 1998.)



**B**

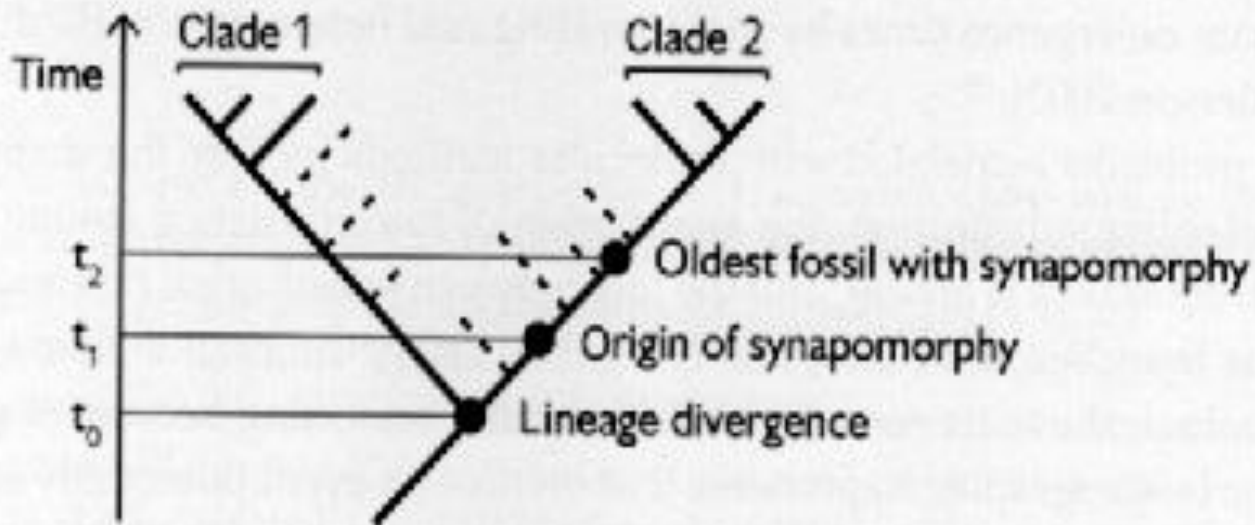
**Lomolino et al. 2006**

# Datação Molecular

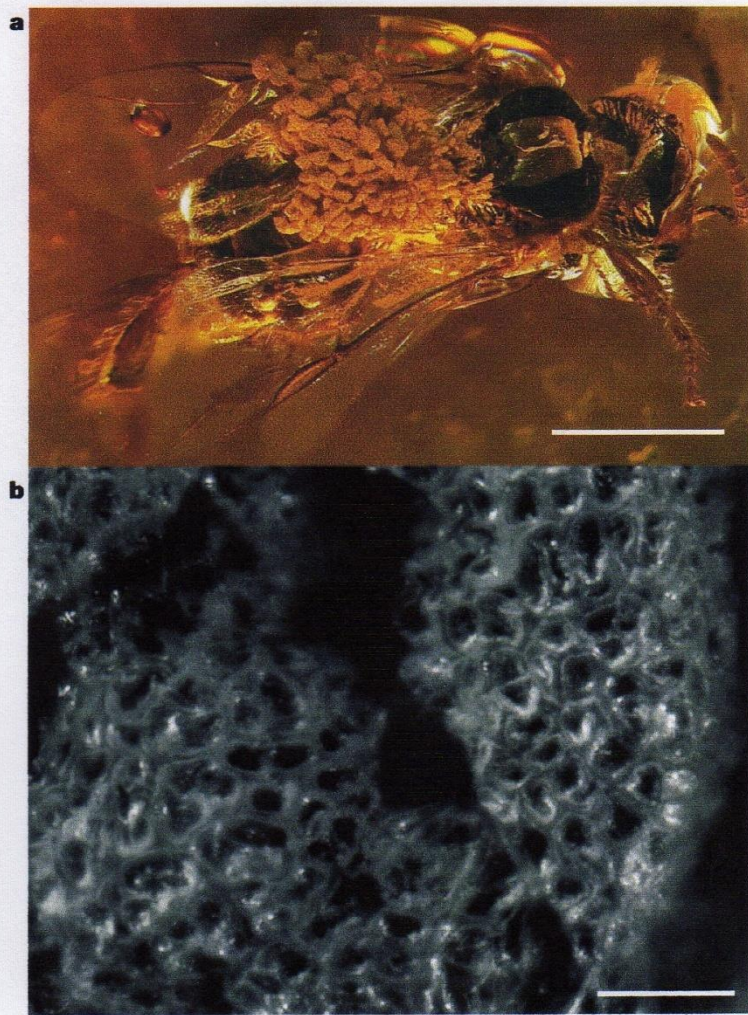
## Calibração do relógio mol.: 1. Registro fóssil:

- Usam-se pelo menos 2 spp atuais cuja época de especiação possa ser estimada pelo registro fóssil, para determinar o **tempo transcorrido desde a especiação**;
- Assume-se que todas as subst. inferidas ou observadas tenham aparecido **subsequentemente ao evento de especiação**.

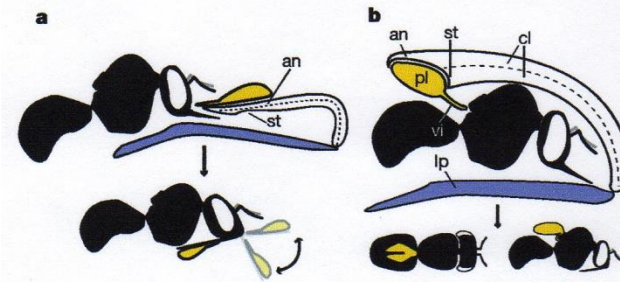
*Viés: o fóssil só fornece a **idade mínima** do grupo (Heads 2012):*



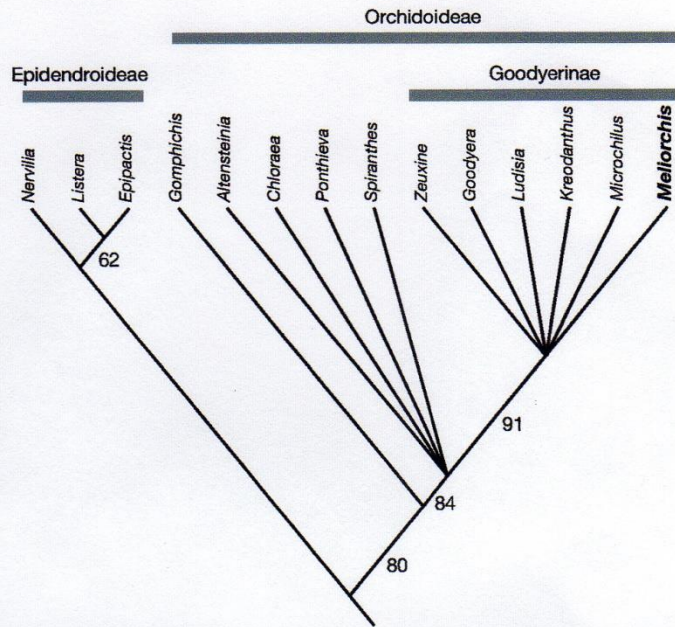
*Figure 7.9* Relationship of lineage divergence, origin of a synapomorphy, and occurrence of the oldest fossil with the synapomorphy, according to Magallón (2004). There is a temporal gap between the divergence of a taxon and its sister taxon ( $t_0$ ), the origin of the synapomorphy ( $t_1$ ), and the occurrence of the oldest fossil bearing such synapomorphy ( $t_2$ ).



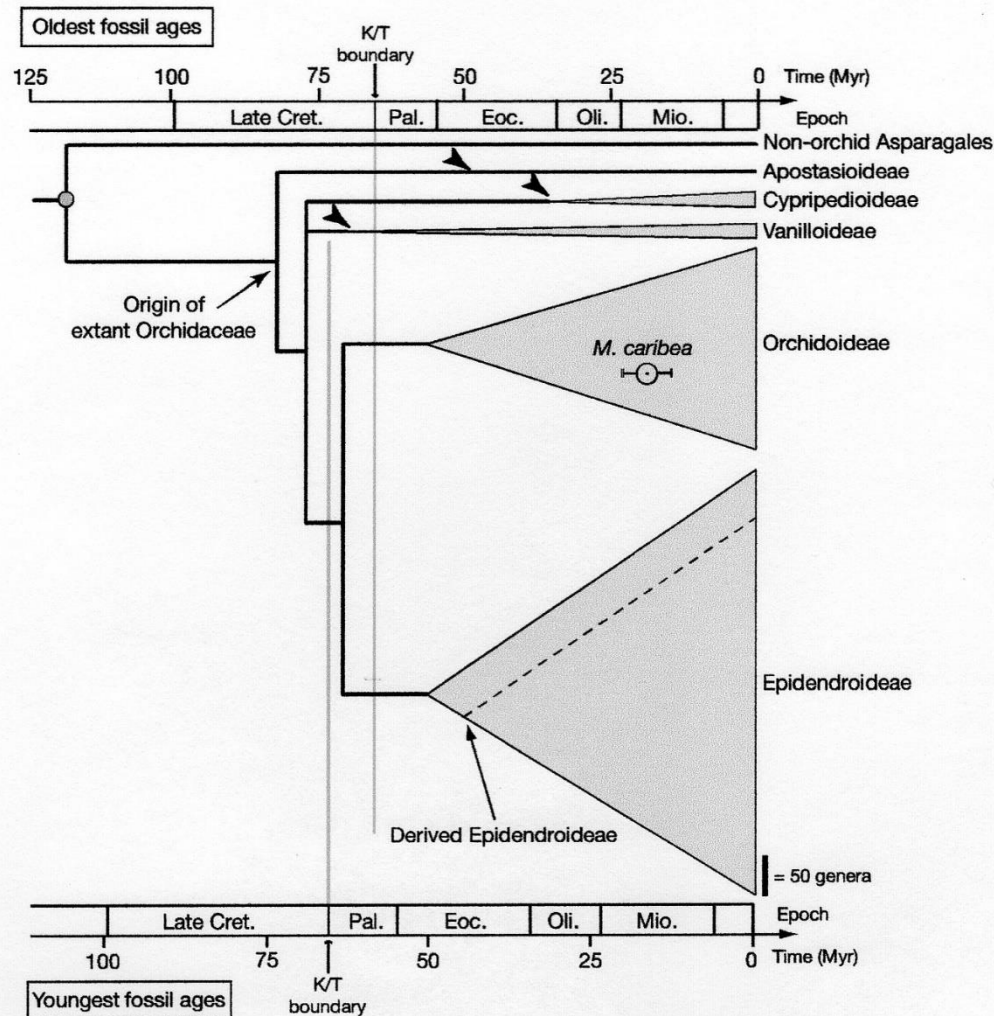
**Figure 1 | Holotype of *Meliorchis caribea* gen. et sp. nov.** This orchid pollinarium, carried by a worker stingless bee (*Proplebeia dominicana*), is preserved in amber from the Dominican Republic and represents the first definitive fossil record for the family Orchidaceae. **a**, General view of encapsulated specimen (scale bar, 1,000  $\mu\text{m}$ ). **b**, Detailed view of the pollinia surface showing pollen units (scale bar, 50  $\mu\text{m}$ ).



**Figure 2 | Morphology and pollinarium placement of modern Goodyerinae and hypothetical reconstruction of floral morphology of *Meliorchis caribea*.** **a**, The parallel lip (lp) and column (c) and the erect anther (an) of extant Goodyerinae typically result in the pollinarium (pl) attachment on the pollinator's mouthparts. **b**, The attachment of the pollinarium to the mesoscutellum (dorsal surface of thorax) of a worker bee is only possible when the lip and column of the flower are parallel but the anther is bent. Under this scenario, the distance between the lip and the column must be  $\sim 2.5$  mm to enable a *P. dominicana* worker to crawl into the flower and remove the pollinarium with its mesoscutellum as it retreats; st, stigma; vi, viscidium.



**Figure 3 | Cladogram showing the estimated position of *Meliorchis* among modern clades in the orchid subfamily Orchidoideae.** A strict consensus of the 129 shortest trees (tree length = 42, consistency index = 0.619, retention index = 0.660) obtained using 25 morphological characters for 15 taxa; values beside nodes correspond to bootstrap percentages (1,000 replicates). None of the shortest trees recovered *Meliorchis* as sister to all the other Goodyerinae included.



**Figure 4 | Fossil-calibrated molecular clock chronogram of the family Orchidaceae, based on ~3 kilobases of plastid DNA (*matK* and *rbcl*).** The relative size of each clade is proportional to the number of genera described in each orchid subfamily. Crown ages of small clades are indicated with arrow heads. Two sets of dates were used to calculate orchid divergence times: the oldest and youngest estimates of the ages of the fossils. The age boundaries of *M. caribea* (15–20 Myr old) relative to each timescale

correspond to the distance between the circle's centre and the vertical bar. Additional monocot fossil records outside Orchidaceae were used to calibrate the root of the tree (node indicated by filled circle). Branch lengths were optimized under the maximum likelihood model of sequence evolution GTR+ $\Gamma$ +I using a 95% majority-rule consensus tree (see Supplementary Information); node ages were estimated using a penalized likelihood method<sup>29</sup>.



# Datação Molecular

**Calibração do relógio:**

## **2. Evento geológico (Sanderson 1998)**

Por exemplo, eventos da deriva continental.

***Viés: Risco de circularidade de raciocínio, quando o relógio é usado para testar hipótese biogeográfica envolvendo um evento potencialmente causado por processo geológico.***

## **3. Idade de uma ilha ou da camada estratigráfica de um táxon endêmico**

***Procedimento muito criticado!***

***Viés: Ilhas e estratos jovens geralmente têm táxons antigos.***

# Tectonic Blocks and Molecular Clocks

## De Baets et al. 2016

Evolutionary timescales have mainly used fossils for calibrating molecular clocks, though fossils only really provide minimum clade age constraints.

In their place, **phylogenetic trees can be calibrated by precisely dated geological events that have shaped biogeography.**

However, tectonic episodes are protracted, their role in vicariance is rarely justified, the biogeography of living clades and their antecedents may differ, and the impact of such events is contingent on ecology.

**Biogeographic calibrations are no panacea for the shortcomings of fossil calibrations but their associated uncertainties can be accommodated.**

Authors provide examples of how biogeographic calibrations based on geological data can be established for (i) the fragmentation of the Pangean Supercontinent: (ii) for the uplift of the Isthmus of Panama, (iii) the separation of New Zealand from Gondwana, and (iv) for opening of the Atlantic Ocean.

**Biogeographic and fossil calibrations are complementary, not competing, approaches to constraining molecular clock analyses,** providing alternative constraints on the age of clades that are vital to avoiding circularity in investigating the role of biogeographic mechanisms in shaping modern biodiversity.

# Calibração do relógio:

## 2. Evento geológico

Exemplo:

Richardson et al. 2001 – ausência de fósseis em *Inga* = estimativa das taxas de substituição com base no **soerguimento do Istmo do Panamá (~3,5 m.a.)** = o primeiro momento em que spp de *Inga* (dispersas por primatas) migraram para América Central.

Estima-se a taxa de subst. comparando-se o n° de subst. entre pares de ssp relacionadas da AC-AS e traduzindo a divergência em seqüências para taxa de subst. baseada em 3,5 m.a.:

**ITS: *I. allenii* (endêmica da AC) é a sp mais divergente de seu par AS, com 5 subst. do MRCA = taxa de  $2,34 \times 10^{-9}$  s/s/ano.**

***tnrL-F : I. mortoniana* é a sp AC mais divergente, com 3 subst. = taxa de  $1,3 \times 10^{-9}$  s/s/ano**

# Calibração do relógio:

## 2. Evento geológico

Exemplo:

Richardson et al. 2001 –

Aplicando essas calibrações para o n° médio de subst. a partir do MRCA de todas as spp atuais de *Inga*, obtém-se estimativa de 9,8 m.a. para ITS e 1,6 m.a. para *trnL-F*.

Mas ambos conjuntos de dados moleculares exibem alta heterogeneidade entre as linhagens, levando à necessidade de obtenção de **árvores não paramétricas (NPRS)**:

calibração de datas com base nessas árvores e nas divergências de seqüências entre táxons de cada lado do Istmo do Panamá levaram a datação de **3,5 m.a. (*trnL-F*)** e **5,9 m.a. (ITS)**.

## Calibração do relógio:

### Avaliação final:

#### Exemplo:

Richardson et al. 2001 –

Riscos de as 2 calibrações serem errôneas:

a) *Inga* pode ter **dispersado pelo Istmo do Panamá antes de seu fechamento**, uma vez que 10 spp. (8 amplas, 2 endêmicas insulares) ocorrem em ilhas do Caribe.

Mas estas representam apenas 3% da diversidade de spp de *Inga*. Por isso, **dispersão a longa distância (sobre mar) deve ser rara**, hipótese reforçada pelo fato de que as sementes têm viabilidade máxima de 1-2 semanas, reduzida a poucos dias caso retiradas do legume.

b) Pode ser inapropriado aplicar a *Inga* taxas de táxons não relacionados, pois diferentes linhagens com diferentes histórias de vida podem ter taxas de subst. diferentes!

Mas todos as **taxas de ITS** dos grupos comparados, e a maioria dos de *trnL-F* indicavam que a diversificação de *Inga* ocorreu nos últimos 10 m.a., o que também é consistente com a calibração pelo Istmo!

## Calibração do relógio:

### Avaliação final:

#### Exemplo:

Richardson et al. 2001 – *Inga*

Comparações de spp de *Inga* par a par (ITS) indicaram que 30% das spp. divergiram de seu MRCA dentro dos últimos 2 m.a.

Forte evidência de que para *Inga* a **região neotropical seja um laboratório ativo de especiação**, sugerindo que alta proporção da diversidade específica na Amazônia possa ter aparecido **recentemente**, promovida por:

1. fases recentes da orogenia andina (~5 m.a.) – o maior centro de diversidade de *Inga* fica no sopé dos Andes na Amazônia Ocidental;
2. conexão pelo Istmo do Panamá;
3. flutuações climáticas do Quaternário.

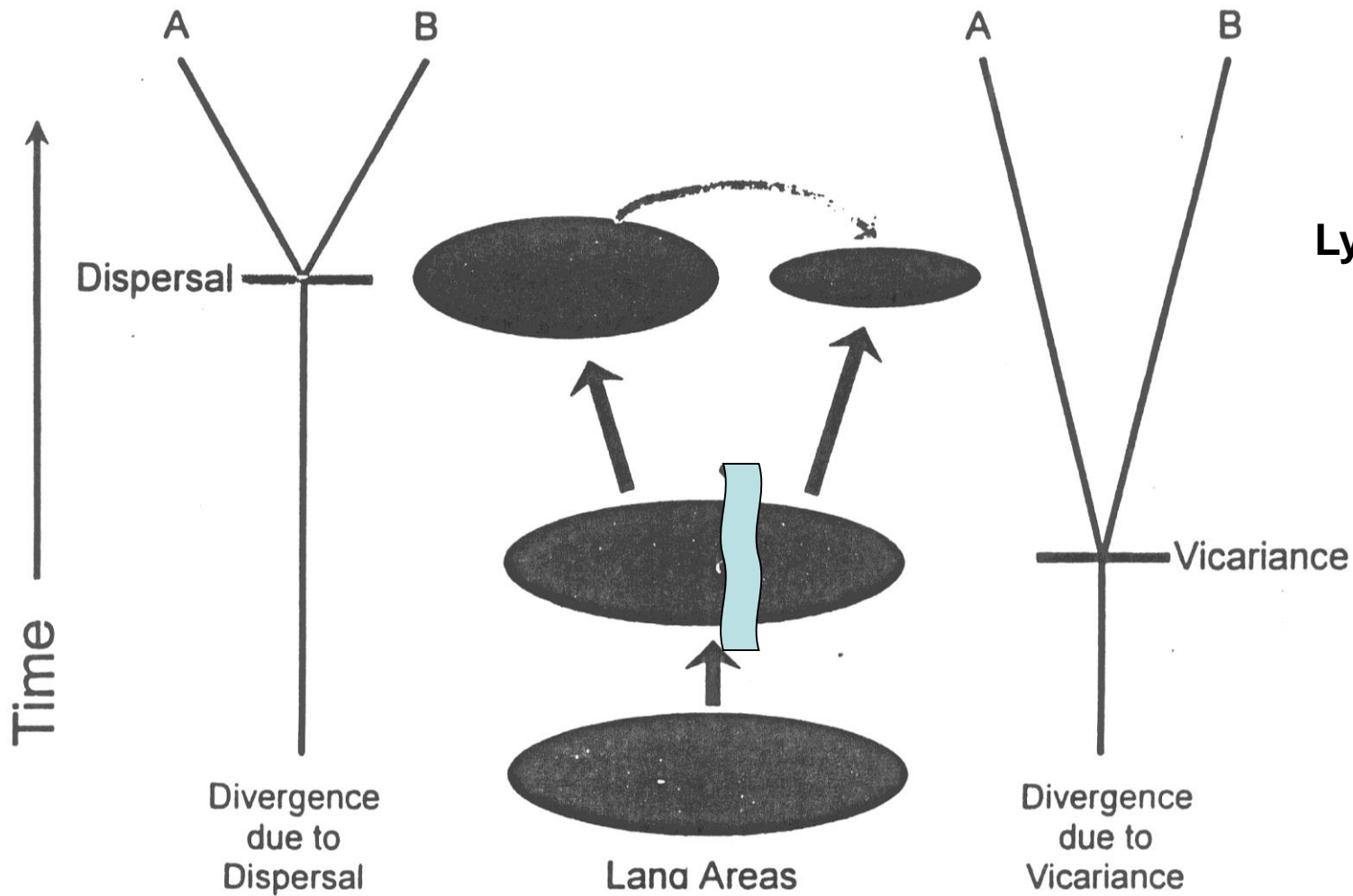


Fig. 1. Application of the time test in biogeographic analysis. Two groups on either side of a barrier are found to be sister taxa. Because the same phylogenetic relationships are expected with both models, examination of divergence times (through fossil evidence or molecular divergence) is necessary to distinguish between vicariance and dispersal. If the time of divergence between the two groups is shown to be significantly more recent than would be predicted by a vicariant event, then that vicariant event is rejected.

**Bromham & Penny 2003: The modern molecular clock.**

**2002-hoje: “Relaxed molecular clocks”**

**Máxima Verossimilhança Penalizada – Sanderson 2002  
(PMLE = Penalized Maximum Likelihood Estimation)**

**Multidivtime – Thorne & Kishino 2002, Shiguno 2005**

**PhyBase – Aris-Brosou & Yang 2002**

**BEAST – Drummond & Rambaut 2005 (<http://beast.bio.ed.ac.uk>)**

*BEAST v1.7.5 released 2013!*

**Cr terio bayesiano**

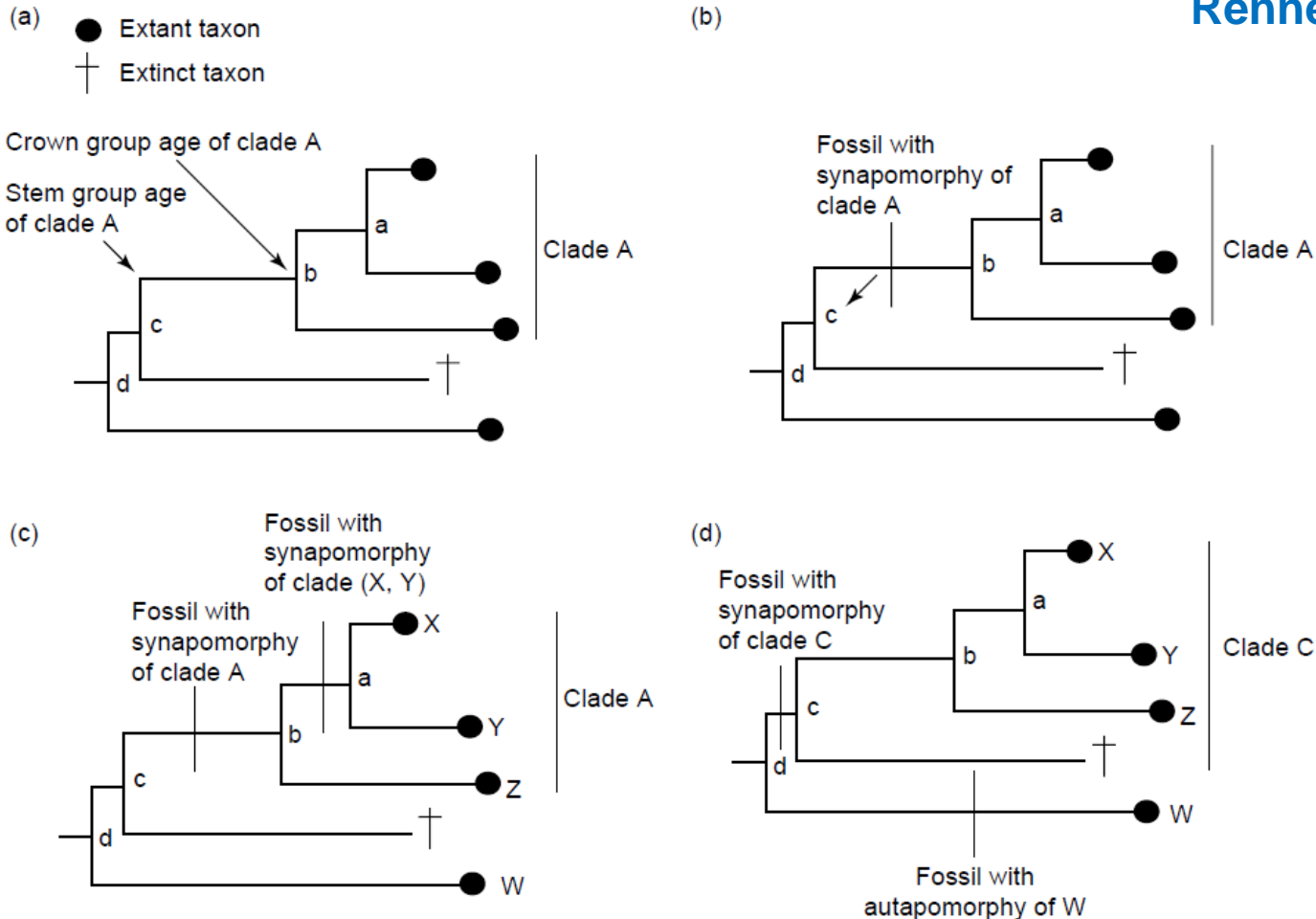
*(Será examinado em aula próxima)*



## **2 tipos de modelos de “relaxed-clocks”:**

**1) assume que a taxa de evolução molecular varia ao longo do tempo e entre grupos de organismos, mas que tal variação ocorre em torno de um valor médio estimável.**

**2) permite taxa evolucionária "evoluir" no tempo, baseado na suposição de que a taxa de evolução molecular esteja ligada à evolução de outros caracteres biológicos. Por ex: há evidência de que as taxas de substituição são influenciadas pela taxa de metabolismo do organismo.**



TRENDS in Plant Science

**Figure 1.** (a) Clade A, like every clade, has two ages, the age of its stem lineage and the age of its living 'crown' group. Molecular data concern the age of the crown group. Many seeming contradictions between molecule-based estimates and fossil-based estimates dissolve once the distinction of stem group age and crown group age is understood. Both ages are biologically relevant because each stem group (age) becomes a crown group (age) with the inclusion of phylogenetically more distant outgroups. (b) A fossil exhibiting a character that is synapomorphic for clade A could represent any point (time slice) along the stem of clade A. The only objective way to handle this problem is to take the age of the fossil as the minimum age of node c, the split between living representatives whose sequences are the dataset. (c) To constrain the crown age of clade A, a fossil with a synapomorphy of a subclade of A, such as (X,Y), is required. (d) Two fossils are available to constrain node d, with varying completeness of preservation and unequal reliability of dating. It seems best to use them sequentially and to evaluate the resulting time estimates against independent evidence, such as climate data, geological data, ages of coevolved organisms or biomes, or molecular clock-based estimates that rely exclusively on other calibration fossils, for instance, the fossil of (X,Y) used in (c).

# GNETALES



*Welwitschia*

*Ephedra*



G. Heiden 2011



P. Fiaschi 2008

*Gnetum*



# RELAXED MOLECULAR CLOCKS

## *Gnetum*

- dados combinados de *rbc* e *matK*

- relógio mol. bayesiano relaxado

- restrito a idade mínima de fósseis nos nós 2 e 9

Won & Renner 2006

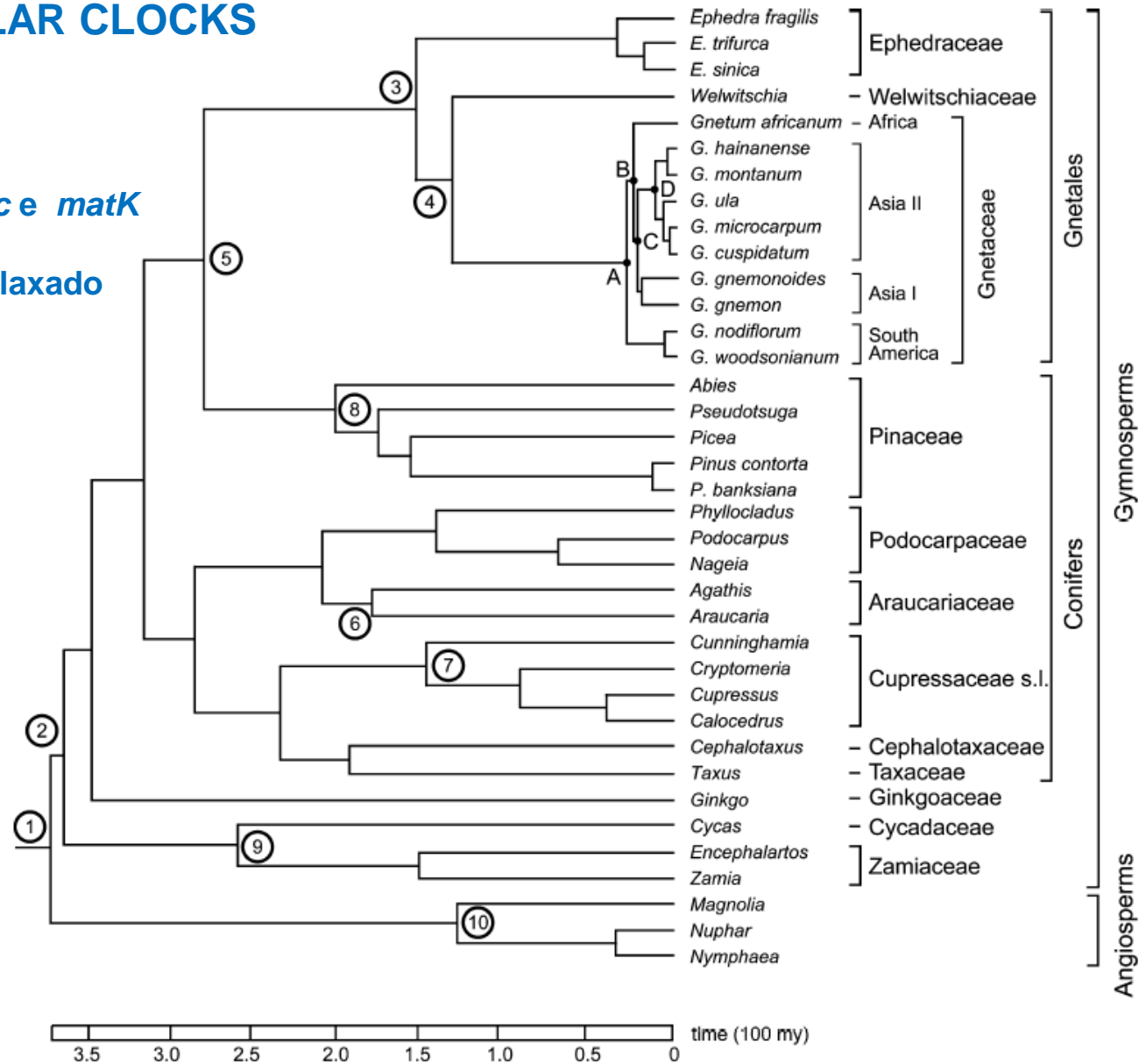


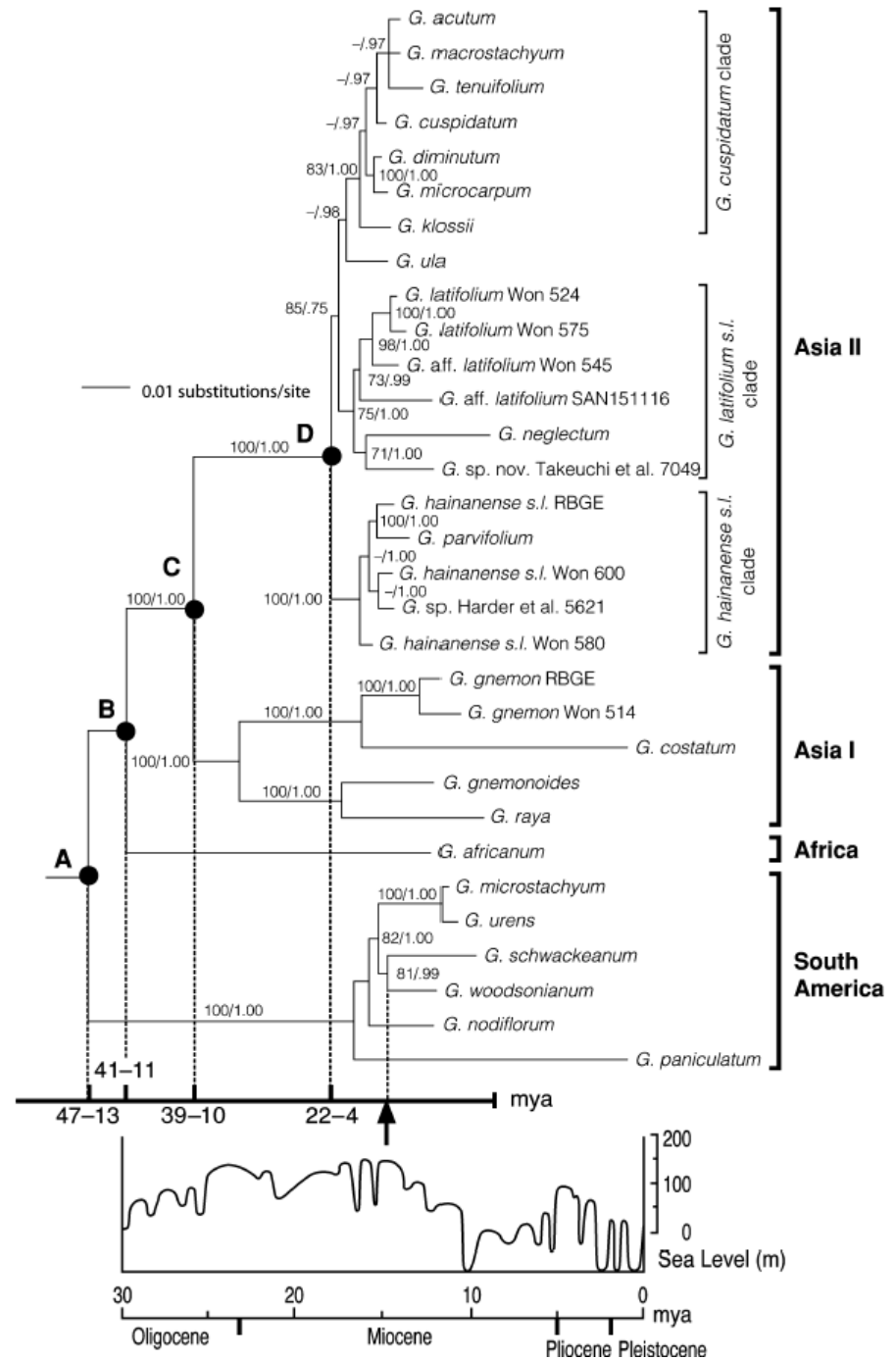
FIGURE 1. Divergence events in *Gnetum* estimated from the chloroplast genes *rbcL* and *matK* analyzed under a Bayesian relaxed clock, constrained by fossil-based minimal ages at nodes 2 to 9 (see Materials and Methods) and assuming that Gnetales are nested in the conifers (the so-called Gnepine topology). For results with four other seed plant topologies see Figures S1A–D. All analyses were rooted with *Psilotum* because the GenBank *matK* sequence of *Marchantia* appears to be a pseudogene. Nodes of particular biogeographic interest are A, the split between the South American clade of *Gnetum* and the remainder of the genus; B, the split between African and Asian *Gnetum*; C, the split between the two main Asian clades of *Gnetum*; and D, the onset of radiation of the most species-rich Asian clade.

# RELAXED MOLECULAR CLOCKS

*Gnetum* - dados combinados de DNA nuclear, plastidial e mitocondrial;  
máxima verossimilhança, modelo GTR+G+I  
Bootstrap parcimônia / probabilidade posterior bayesiana

Idades dos nós A-D (intervalo de confiança de 95%) baseadas em análise bayesiana em relógio relaxado de *matK* e *rbcL* (ver Tab. 1)

Won & Renner 2006



# RELAXED MOLECULAR CLOCKS

## *Gnetum*

**Estimativas de tempo (m.a. + intervalos de confiança de 95%) dos nós A-D em relógio estrito calibrado com um fóssil no nó 4 (da fig. 1) e relógio relaxado de *matK* e *rbcL* (ver Tab. 1) restrito a 9 idades mínimas baseadas em fósseis.**

TABLE 1. Time estimates (in million years, followed by 95% confidence intervals) for nodes A, B, C, D in Figures 1 and 2, and in Figures S1A–D, obtained from combined *matK* and *rbcL* sequences under a strict clock (row 1), calibrated with one fossil (Fig. 1, node 4), or a Bayesian relaxed clock (rows 2 to 7), constrained with 9 fossil-based minimal ages (Fig. 1 and Materials and Methods). Row 7 shows results obtained when 125-My-old *Ephedra* seeds were used as a minimal constraint for crown group *Ephedra*. Alternative input topologies are shown in Figure 1 and Figures S1A–D.

Model	Node A (split: South American vs. remaining <i>Gnetum</i> )	Node B (split: African vs. Asian <i>Gnetum</i> )	Node C (split: Asia I and II clades of <i>Gnetum</i> )	Node D (split: basal divergence within Asia II clade of <i>Gnetum</i> )
Strict clock, 13-taxon <i>matK/rbcL</i> data set	14	12-11	11	3
Relaxed clock, 38-taxon <i>matK/rbcL</i> data				
Constrained as in Figure 1 under the Gnepine topology	26 (13, 47)	22 (11, 41)	21 (10, 39)	11 (4, 22)
Constrained as in Figure S1A under the Gnetifer topology	29 (14, 51)	25 (11, 44)	24 (11, 43)	12 (5, 25)
Constrained as in Figure S1B under the Gnetales-sister topology	38 (19, 66)	33 (15, 58)	31 (15, 56)	17 (7, 34)
Constrained as in Figure S1C under the Anthophyte topology	37 (18, 64)	32 (15, 58)	30 (14, 55)	16 (6, 33)
Constrained as in Figure S1D with basal 4-tomy in gymnosperms	30 (14, 53)	26 (12, 47)	24 (11, 45)	13 (5, 26)
Constrained as in Figure 1 under the Gnepine topology, but <i>Ephedra</i> crown min. age set to 125 My	44 (23, 71)	38 (19, 64)	36 (18, 62)	20 (8, 39)

Won & Renner 2006

datações utilizadas na filogenia plotada no mapa

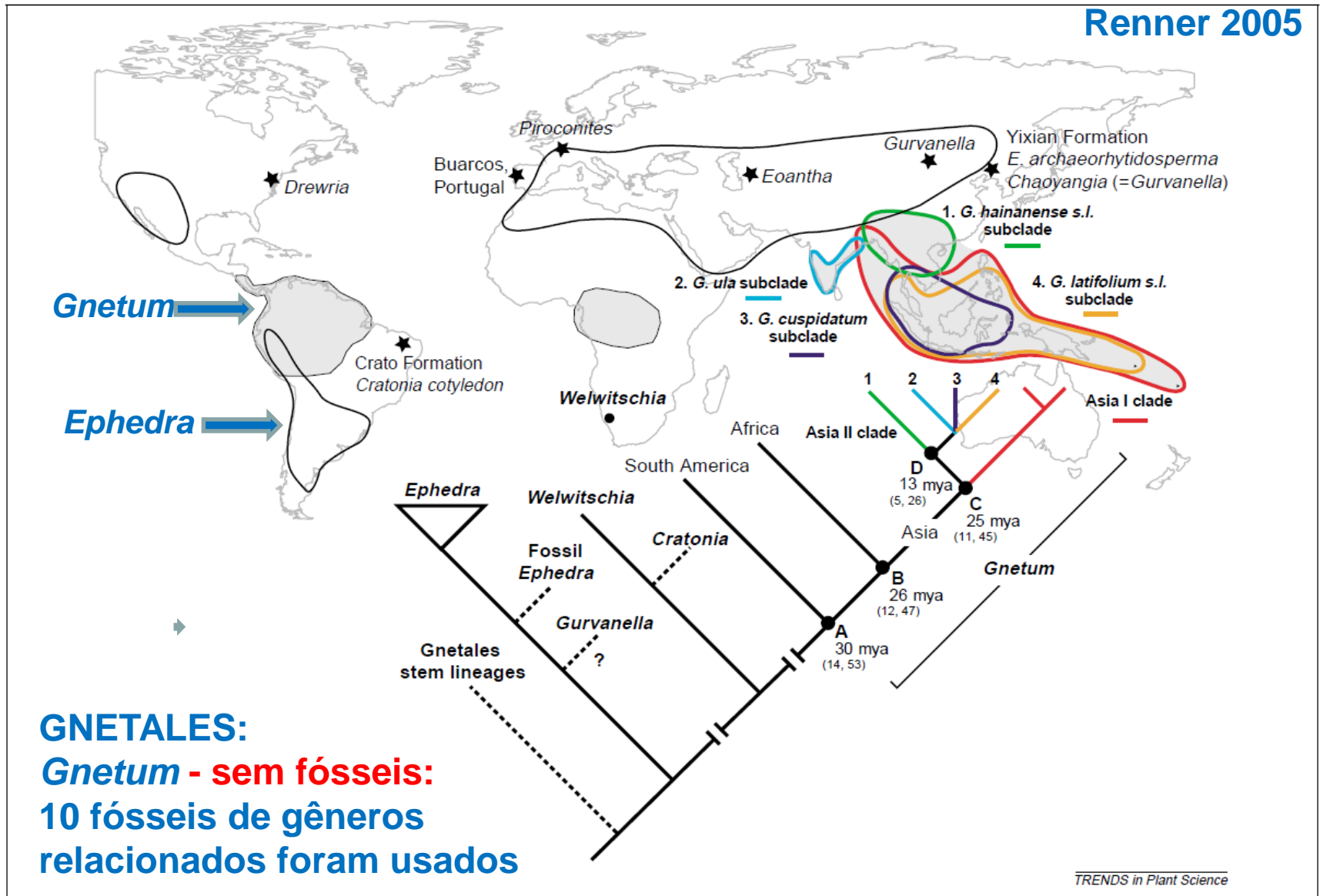
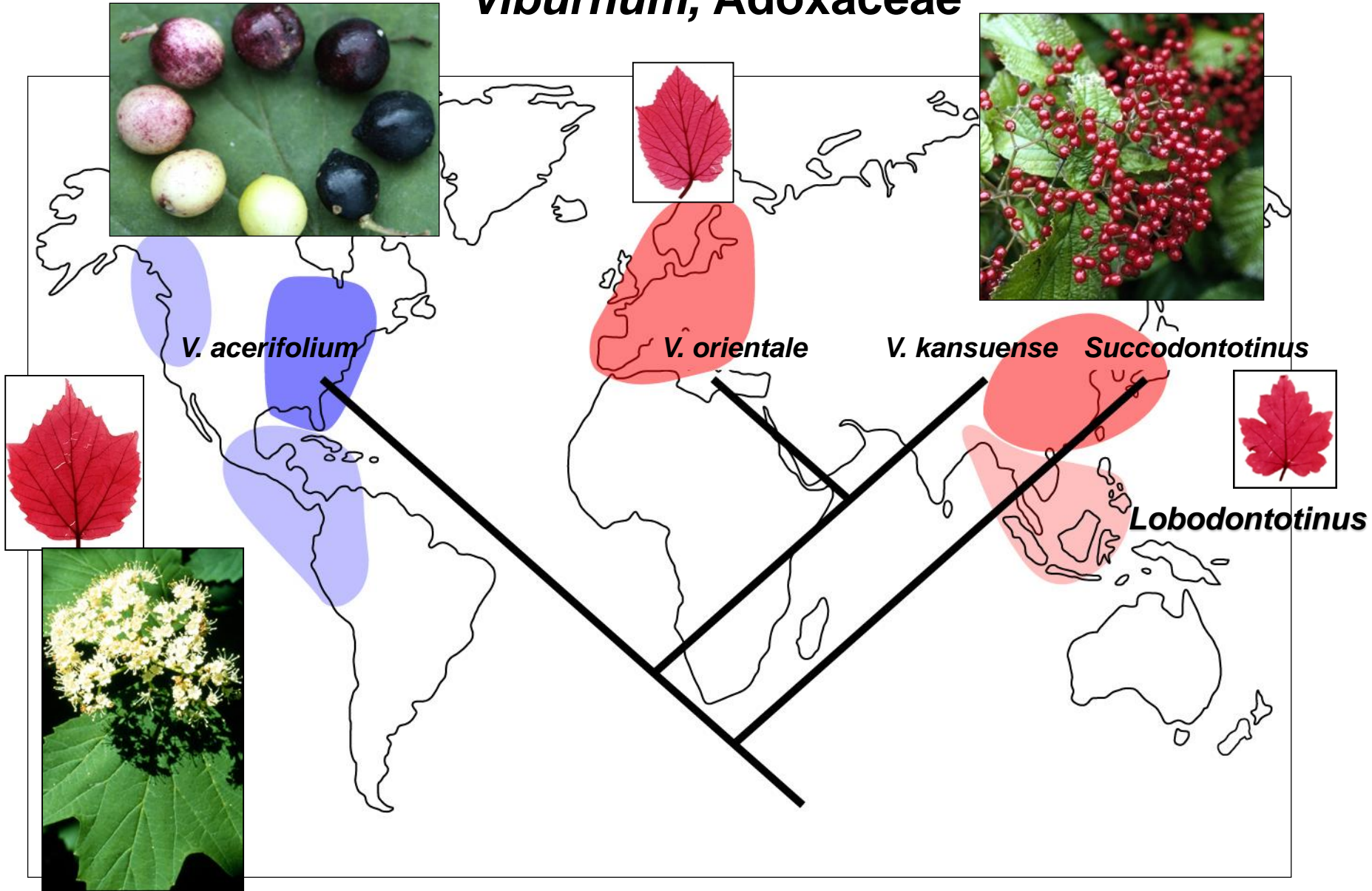


Figure 2. Former and current ranges of *Ephedra*, *Gnetum* and *Welwitschia* (Gnetales), and time estimates (with 95% confidence intervals) for major divergences within *Gnetum* from a Bayesian relaxed clock calibrated with ten seed plant fossils [119]. The ten seed plant fossils were needed to estimate divergence times within *Gnetum* because *Gnetum* itself has no fossils. The geographic range of *Gnetum* is indicated by the shaded areas, the non-shaded areas indicate that of *Ephedra*. The range of *Welwitschia* is represented by the black dot. Stars indicate the localities of fossils. Broken lines in the phylogeny indicate a few particularly important extinct lineages of Gnetales.

# Viburnum, Adoxaceae



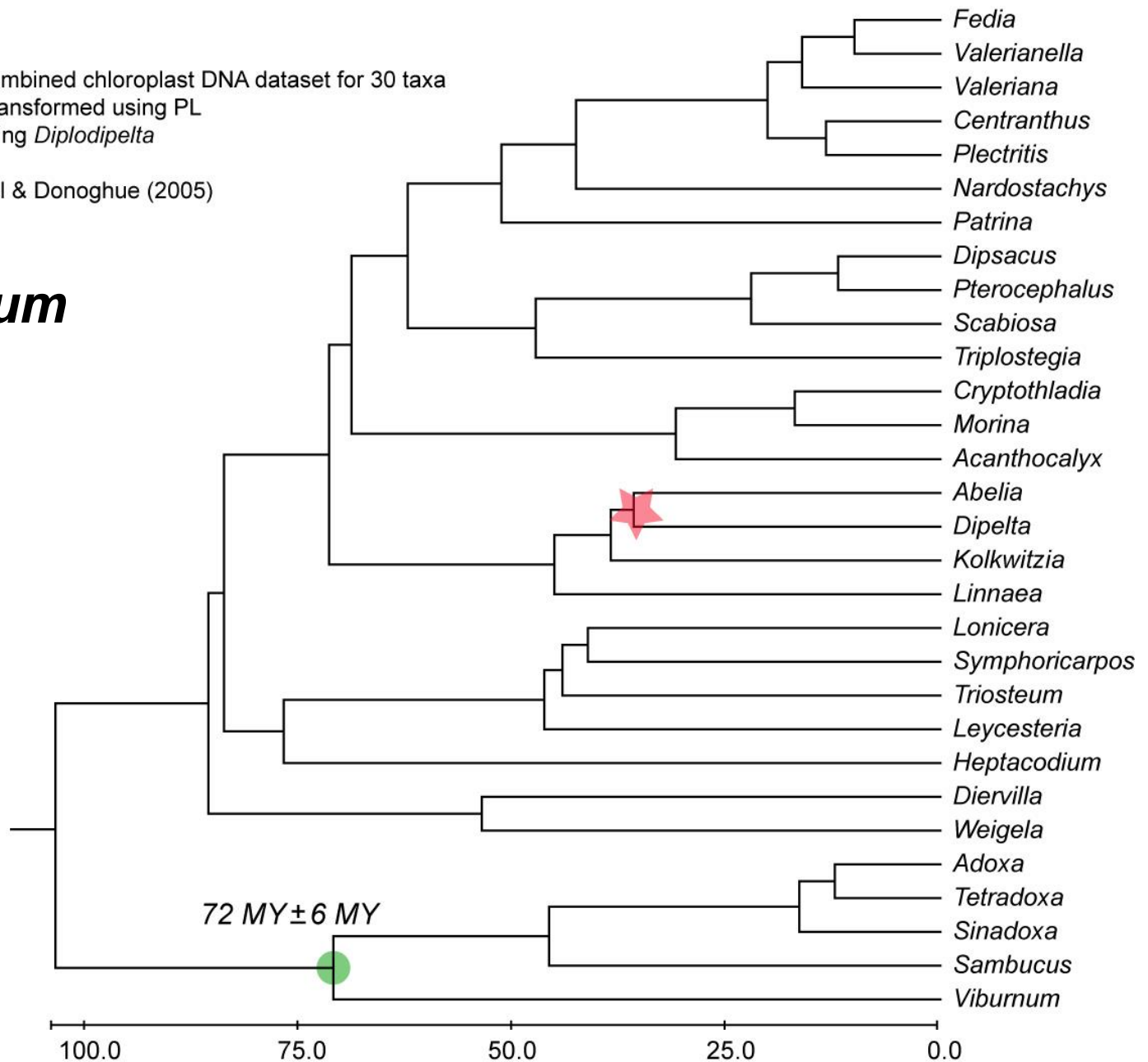
Winkworth & Donoghue 2005



ML tree from a combined chloroplast DNA dataset for 30 taxa  
Branch-lengths transformed using PL  
and calibrated using *Diplodipelta*

Modified from Bell & Donoghue (2005)

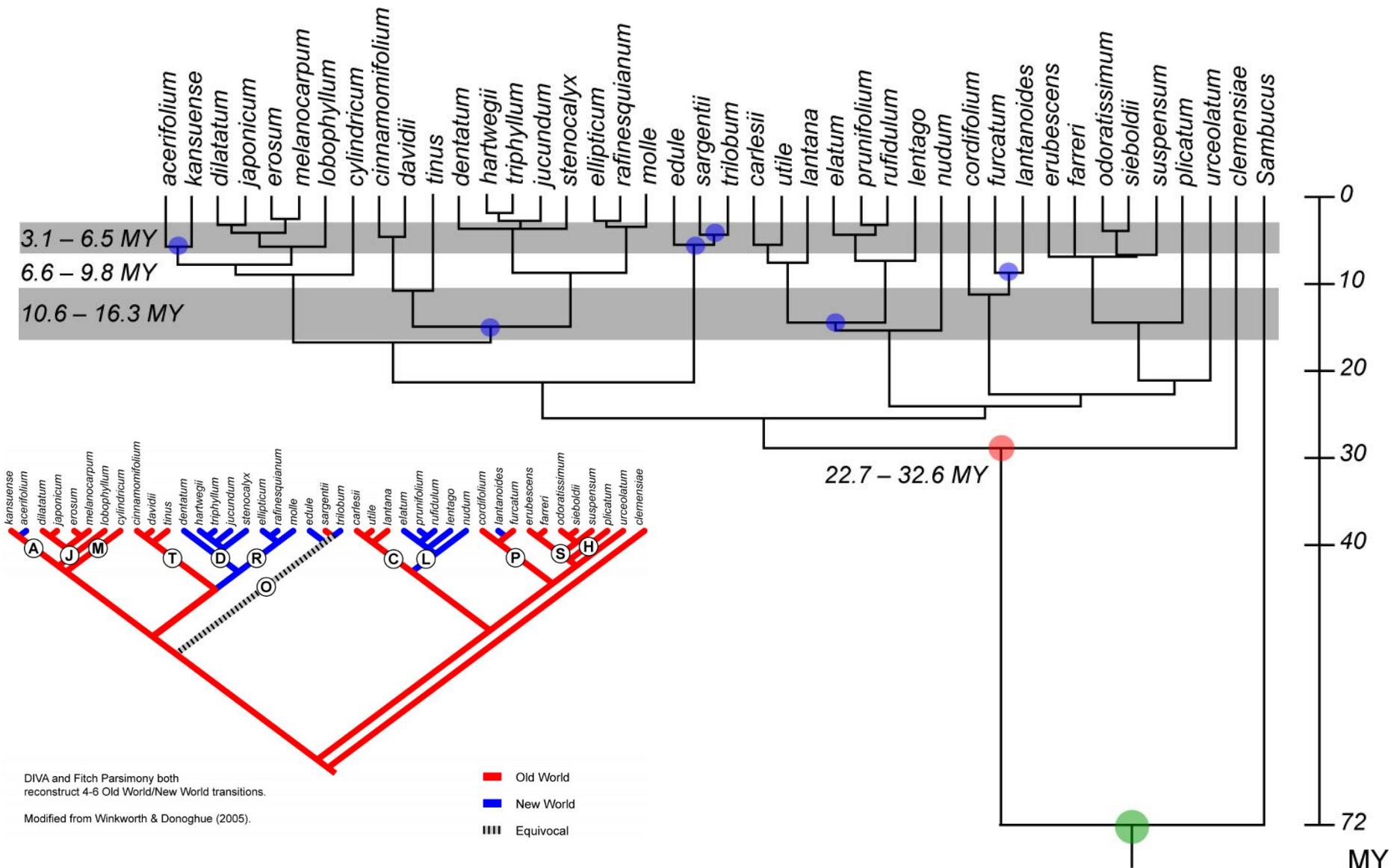
# *Viburnum*



Cretaceous | Tertiary

**Winkworth & Donoghue 2005**

# Viburnum



Winkworth & Donoghue 2005

Estimativas das **idades relativas da divergência** entre spp. de várias famílias tropicais: na maioria das vezes substancialmente menores que as conhecidas para o afastamento dos blocos gonduânicos!

Isso sugere **eventos de dispersão mais recentes, ao invés de vicariância muito antiga:**

Lauraceae – Chanderbali et al. 2001

Melastomataceae – Renner et al. 2001

Malpighiaceae – Davis et al. 2002

Bromeliaceae e Rapateaceae – Givnish et al. 2004

Myrtaceae e Vochysiaceae - Sytsma et al. 2004

Poaceae – Bouchenak-Khelladi et al. 2010

*Coprosma* (Rubiaceae) – Cantley et al. 2014

*Nothofagus* – Cook & Crisp 2005

Proteaceae – Barker et al. 2007

Dicksoniaceae – Noben et al. 2017

Múltiplas linhagens – van den Ende et al. 2017

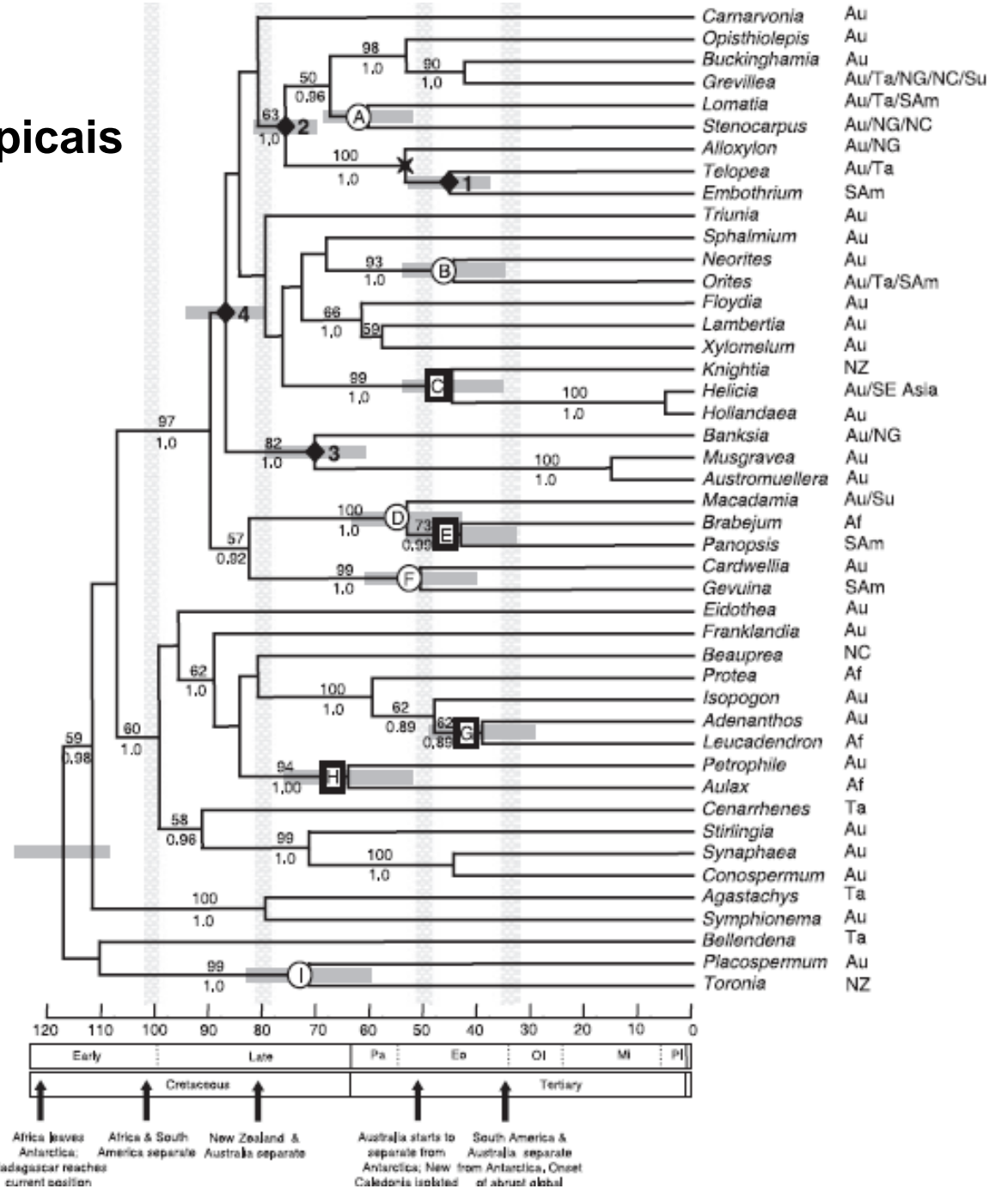
*Coprosma* (Rubiaceae) – Heads 2017

interpretações distintas

em parte vicariância,  
em parte dispersão.

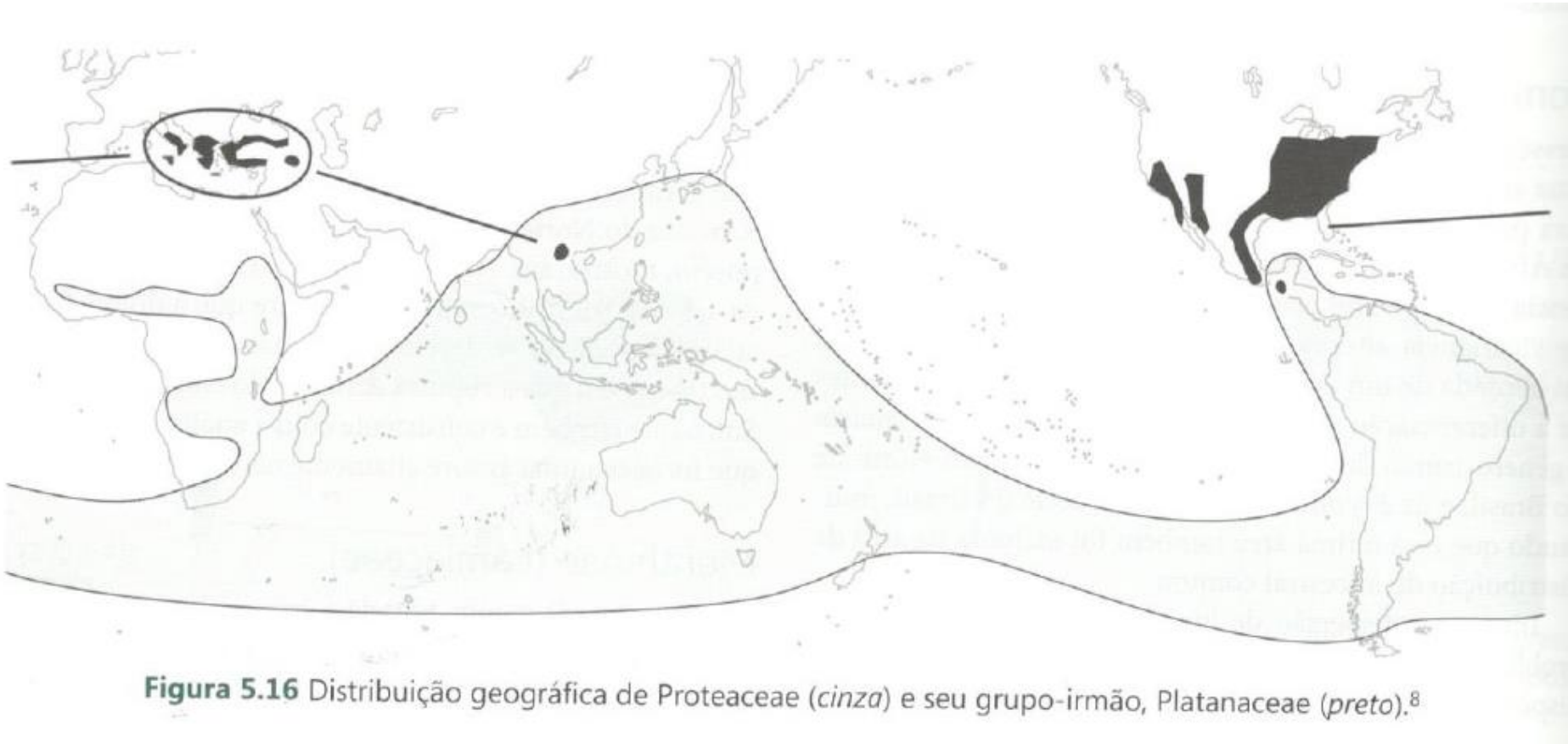
# Estimativas das idades relativas da divergência entre spp. de famílias tropicais

**Proteaceae**  
**(Barker et al. 2007)**  
 cenário em parte vicariânica,  
 em parte dispersão transoceânica



**Distribuição atual de *Proteaceae*  
(isolinha sem preenchimento)  
e seu grupo-irmão *Platanaceae*  
(isolinhas hachuradas em preto)**

**Ordem Proteales**

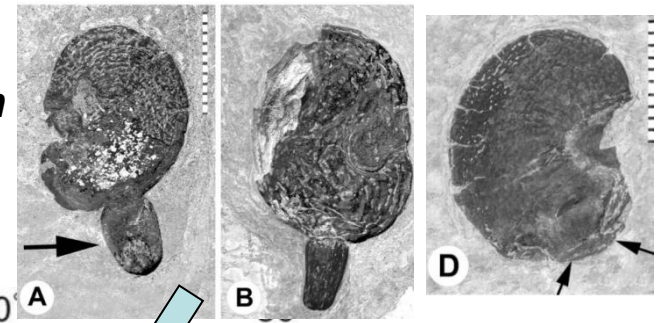


# ANACARDIACEAE

## SAPINDALES

*Anacardium germanicum*  
 Fóssil do Eoceno médio  
 ca. 47 m.a.

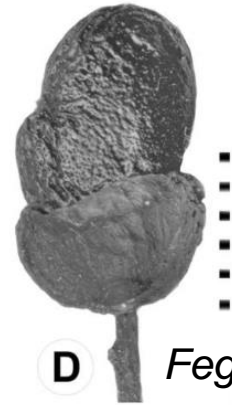
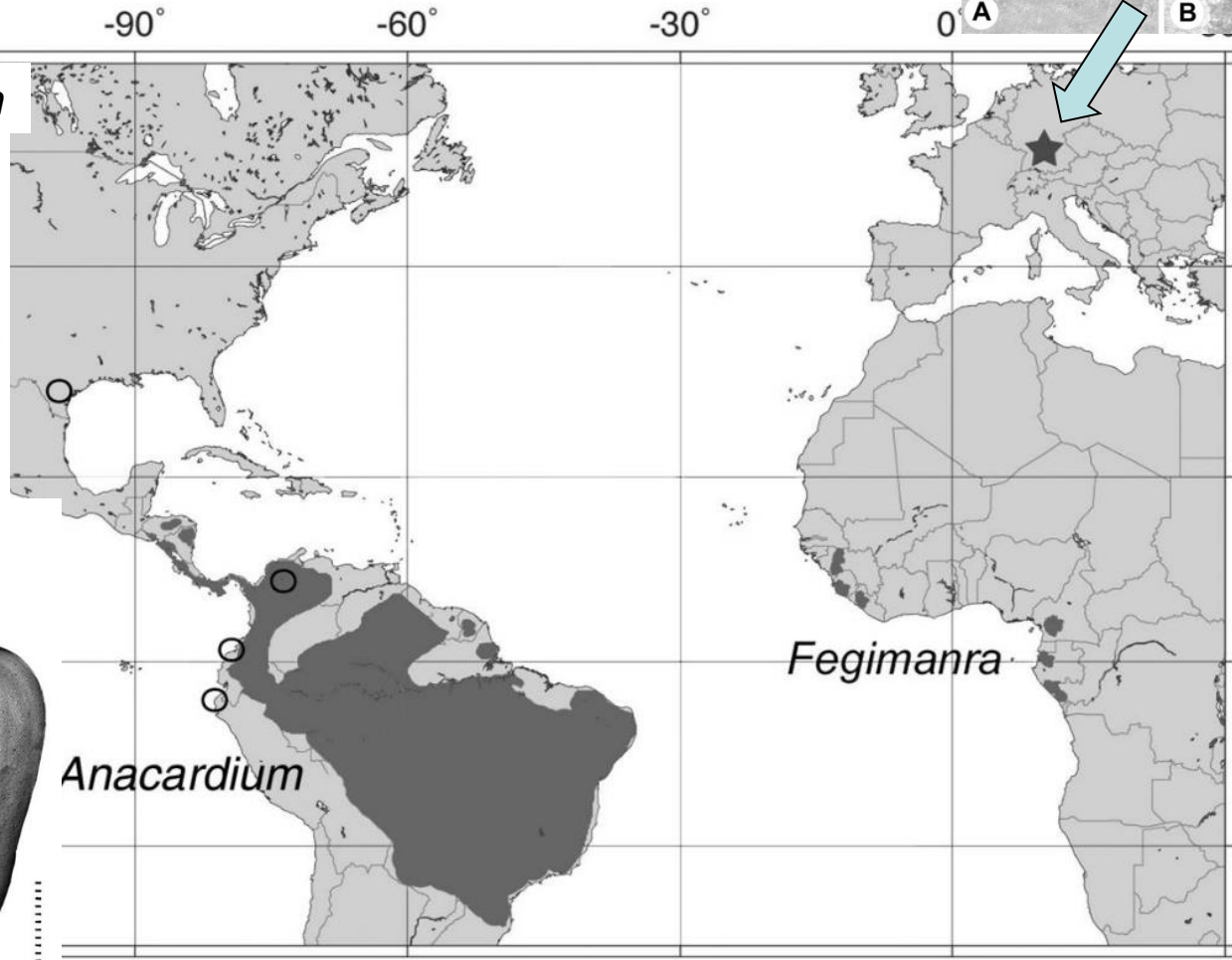
Manchester *et al.* 2007



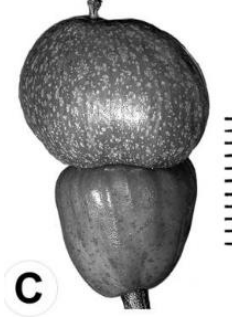
*A. excelsum*



**G**  
*A. occidentale*

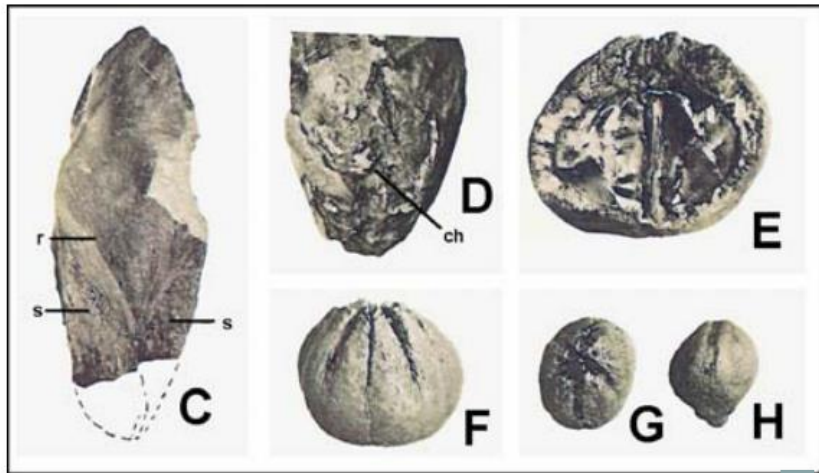


**D** *Fegimanra*

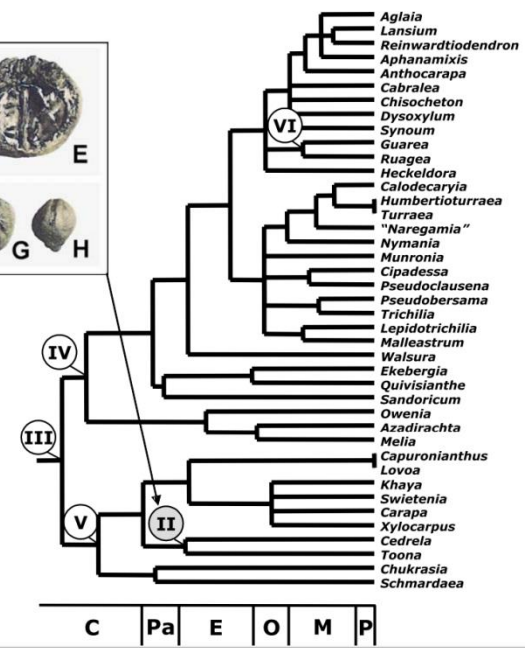
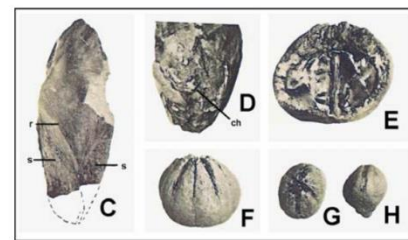


**C**  
*Semecarpus*

the modern distribution of *Anacardium* and *Fegimanra*, plus the occurrence of fossil *Anacardium germanica* in Germany  
*Anacardium* fossils in the New World (circles in Texas, Peru, Ecuador, and Colombia).



Fruits and seeds of *Toona sulcata*, London Clay, UK, Early Eocene, 49 my of age (Reid and Chandler, 1933; Chandler, 1964).



## MELIACEAE

Muellner *et al.* 2006

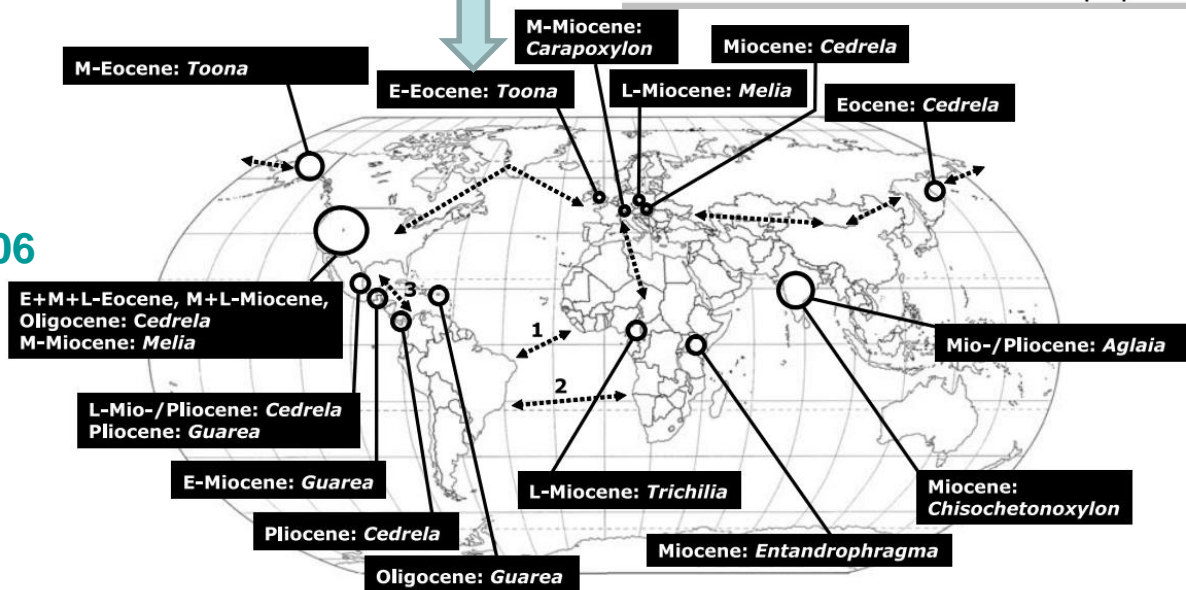
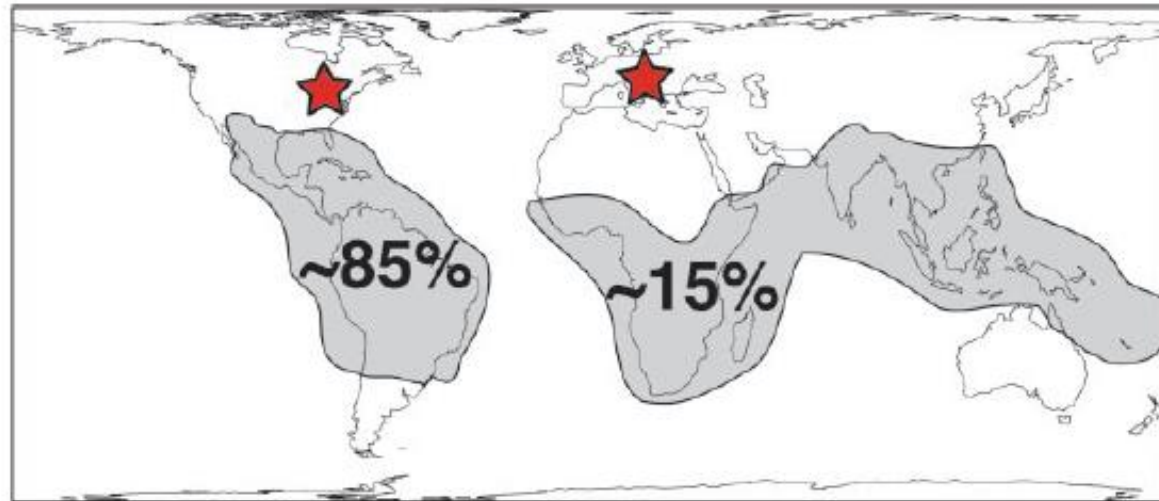


Fig. 2. Map showing the global distribution of Meliaceae fossil findings (Eocene to Quaternary). Dotted arrows indicate interplate dispersal paths and migration routes for megathermal angiosperms from the Late Cretaceous up to the Eocene-Oligocene boundary, modified after Morley (2003). (1) and (2) indicate the approximate position of the Sierra Leone and Walvis ridges (until Maastrichtian); (3) indicates the position of the Proto-Greater Antilles islands (emergent in the Middle Eocene) and GAARlandia (Greater Antilles and Aves ridge; Eocene-Oligocene boundary). E, Early; M, Middle; L, Late.

# MALPIGHIACEAE

Davis *et al.* 2002



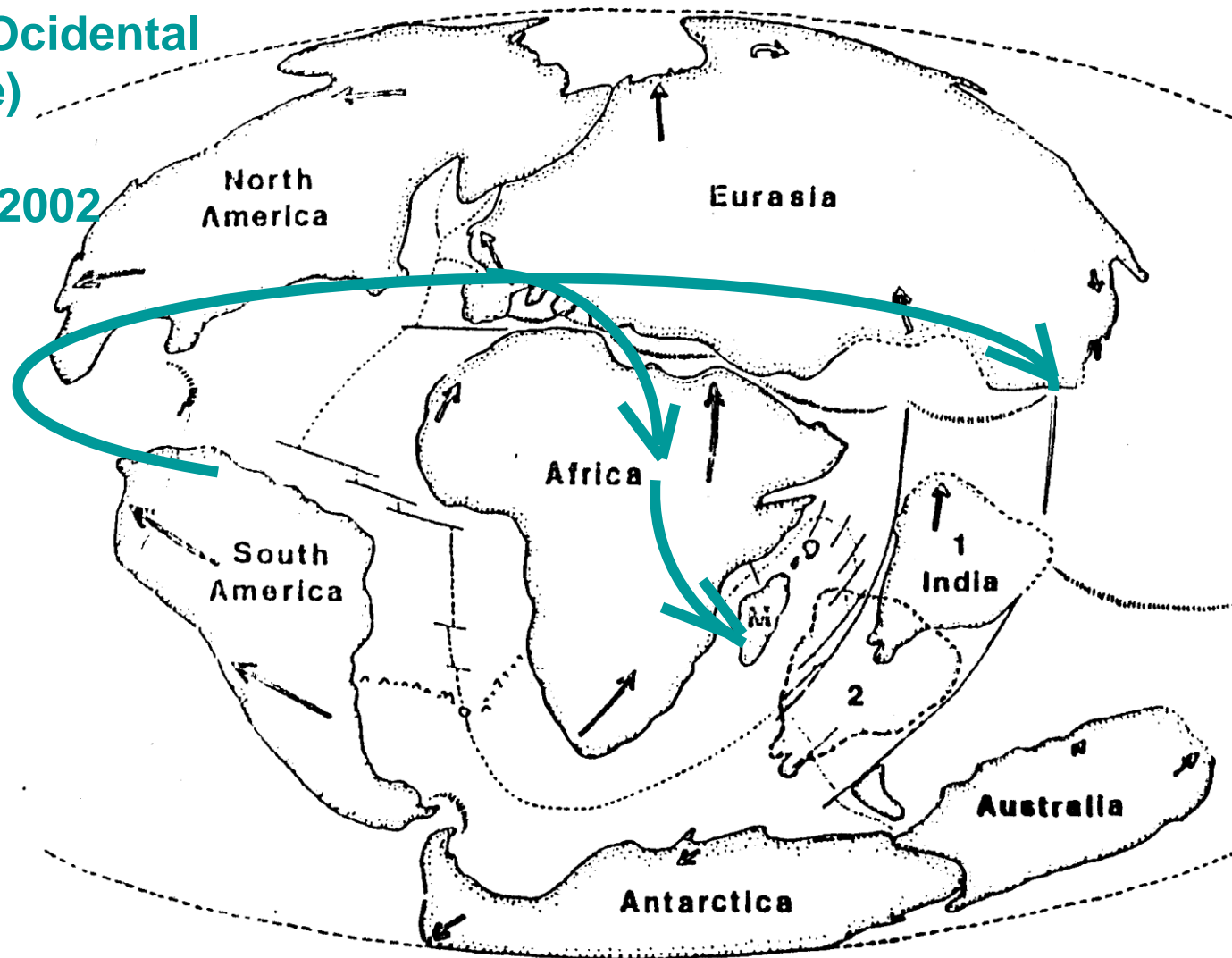
**Fig. 1.** Current geographic distribution of Malpighiaceae estimated from Arénes (22). Malpighiaceae, with  $\approx 1,250$  species (1), are most diverse in northern South America (22). The  $\approx 180$  Old World species, belonging to six lineages (see Fig. 2) are variously represented in Africa (47 species), Australasia (17 species), India (43 species), and Madagascar (80 species) [from Arénes (22)]. Red stars indicate fossil localities from Hungary and Slovenia (17), and Tennessee (21).





**MALPIGHIACEAE:**  
migração laurasiana  
hipotética de táxons do  
Gondwana Ocidental  
(traço verde)

**Davis et al. 2002**

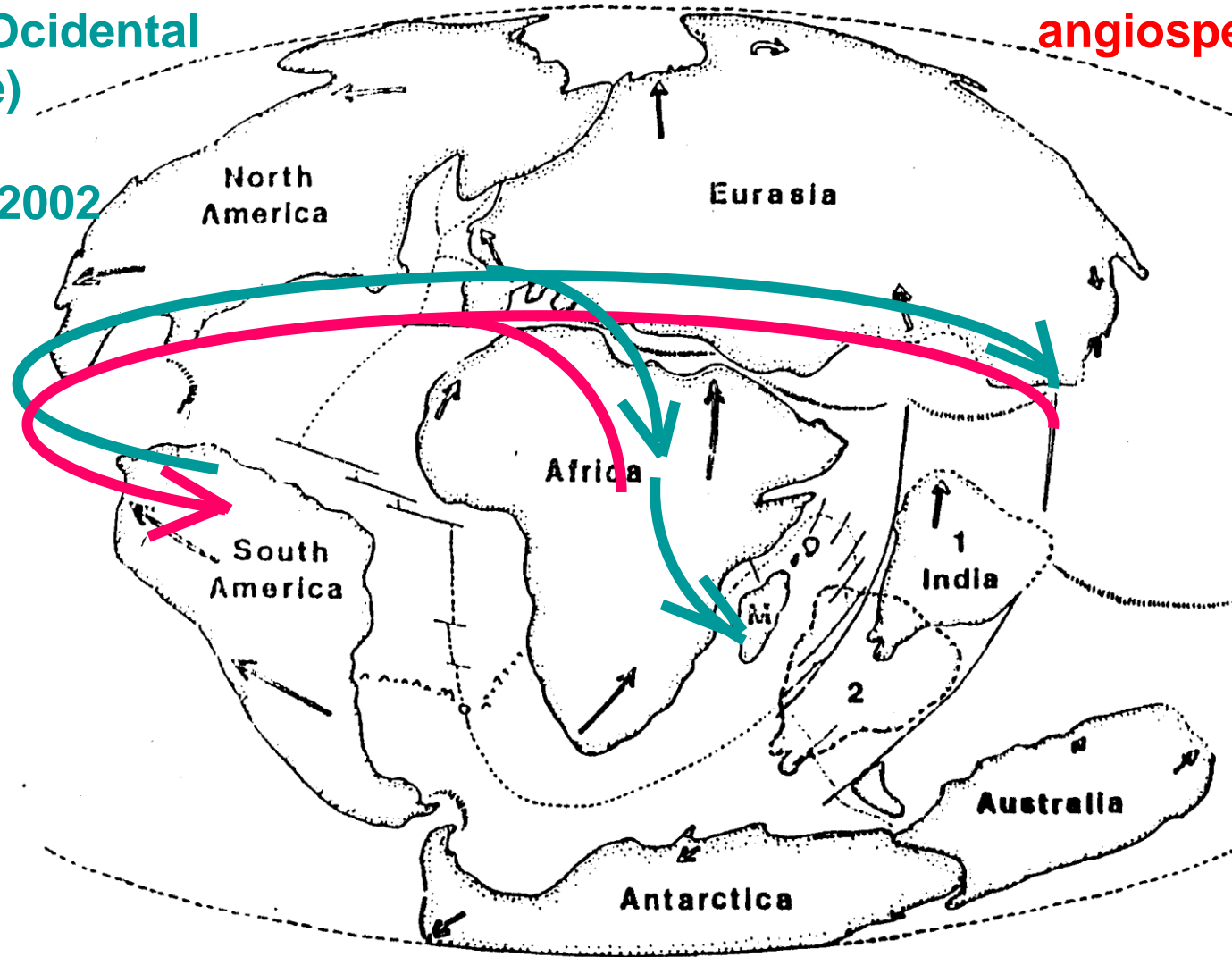


**Configuração continental no  
Terciário inferior (Schuster 1970)**

**MALPIGHIACEAE:**  
migração laurasiana  
hipotética de táxons do  
Gondwana Ocidental  
(traço verde)

em vermelho:  
outra rota hipotética de  
clados tropicais de  
angiospermas.

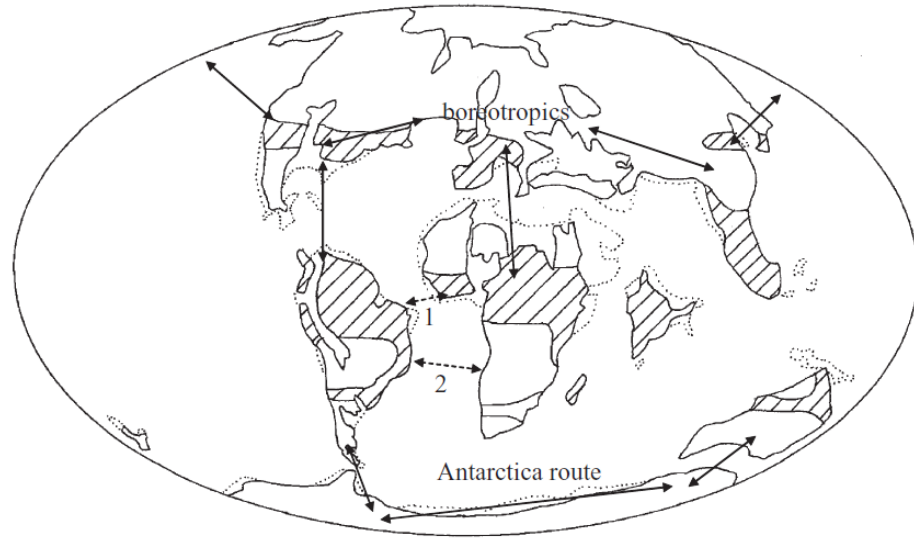
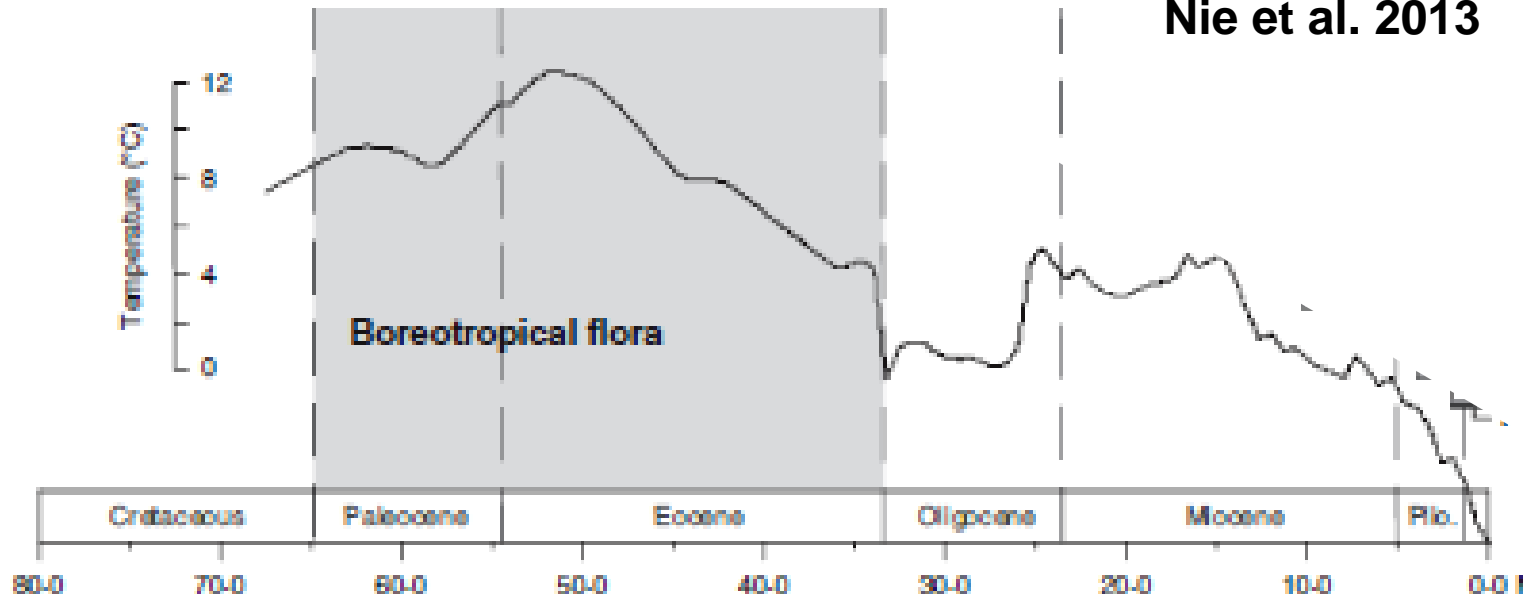
*Davis et al. 2002*



**Configuração continental no  
Terciário inferior (Schuster 1970)**

# Flora Boreotropical

Nie et al. 2013



Pennington & Dick 2004

(Baseado nas ideias de Wolfe 1975 e Morley 2003)

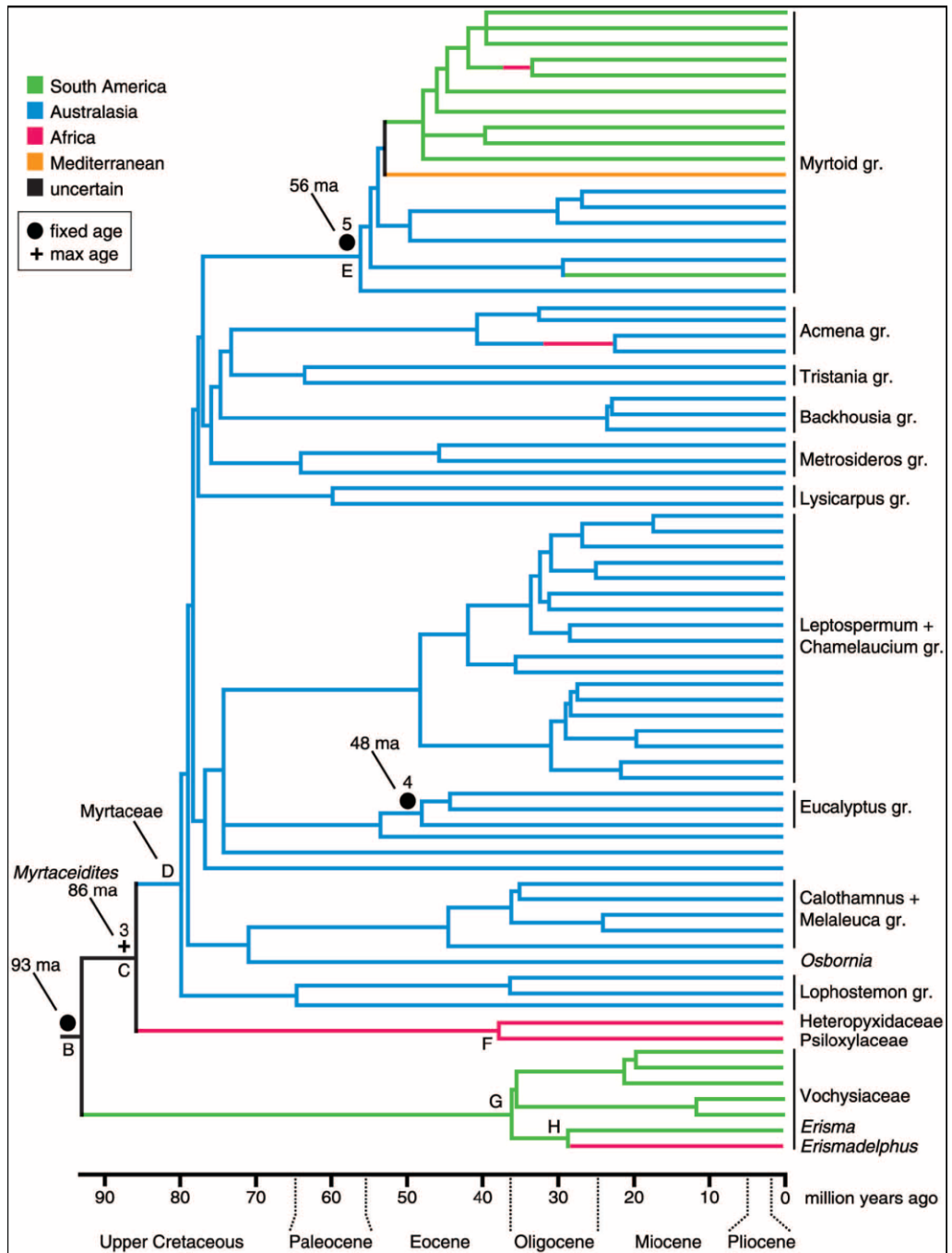
Figure 1. Early Tertiary, Early Eocene plate tectonic reconstruction and palaeogeography adapted, with permission, from Morley (2003, fig. 5), indicating closed canopy rainforests (cross hatched). Dotted lines approximate present-day coastlines. Dotted arrows indicate the approximate position of the Sierra Leone (1) and Walvis (2) ridges. Solid arrows indicate migration routes through and from the boreotropics and Antarctica.

# MYRTALES: Sytsma *et al.* 2004

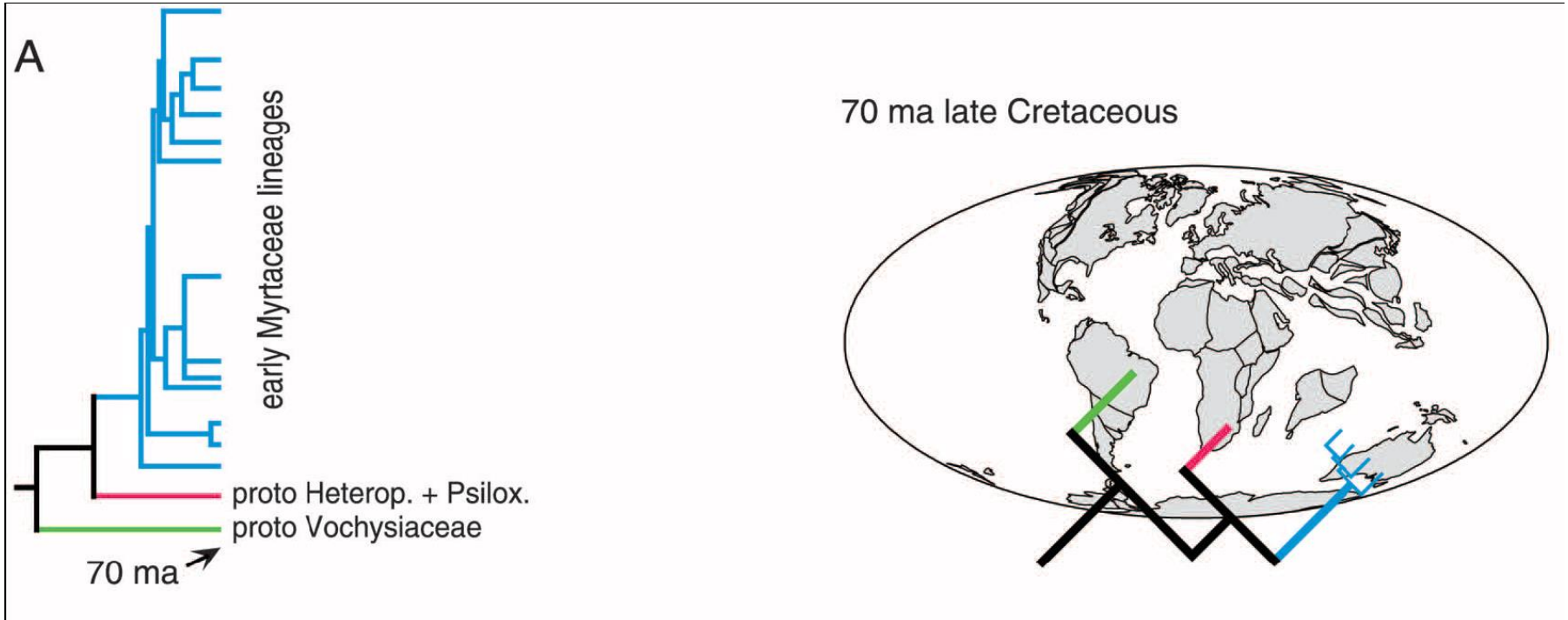
## CRONOGRAMA com evolução biogeográfica do grupo



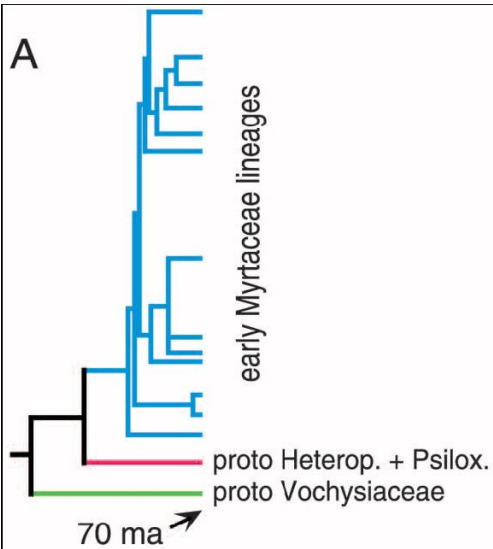
*Psidium guajava*



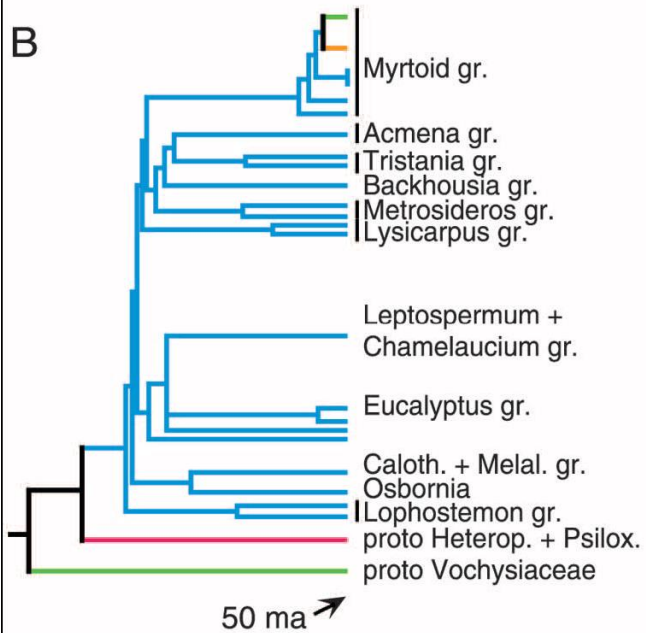
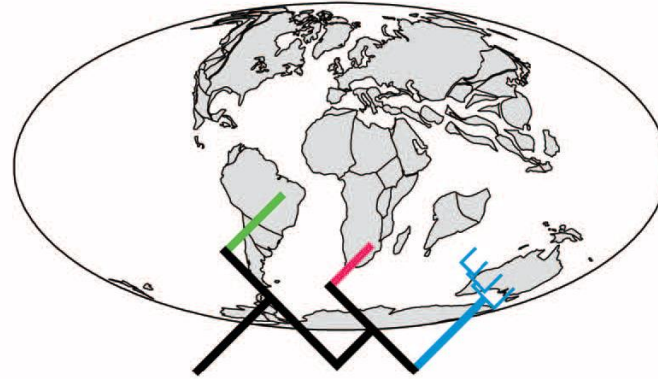
# MYRTALES: Sytsma *et al.* 2004



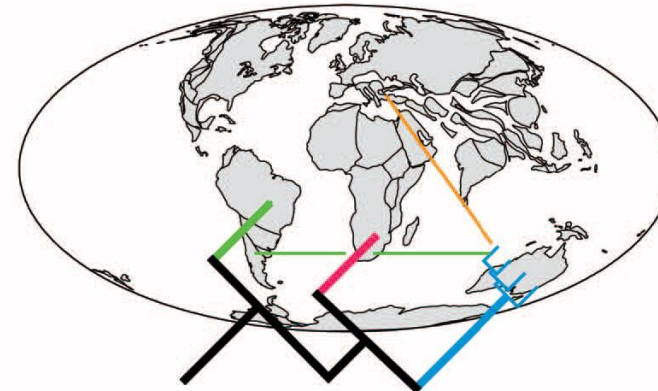
# MYRTALES: Sytsma *et al.* 2004



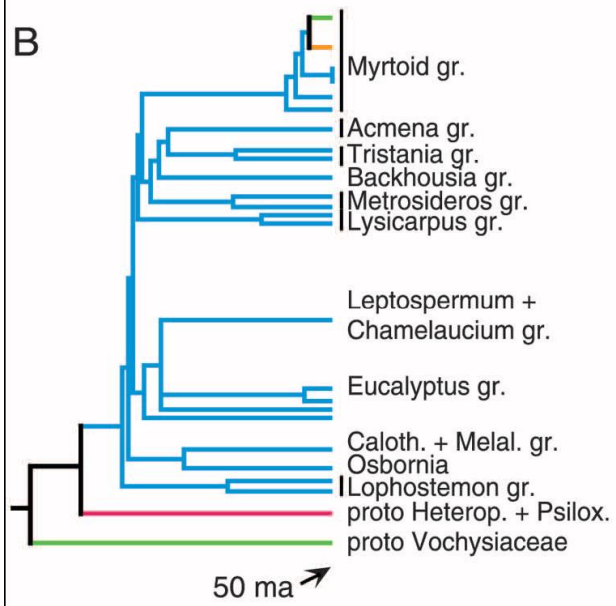
70 ma late Cretaceous



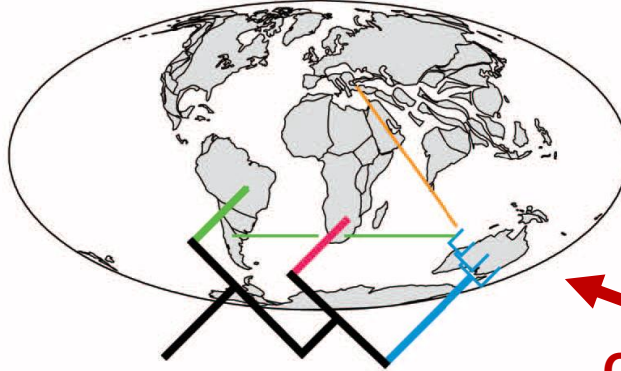
50 ma mid Eocene



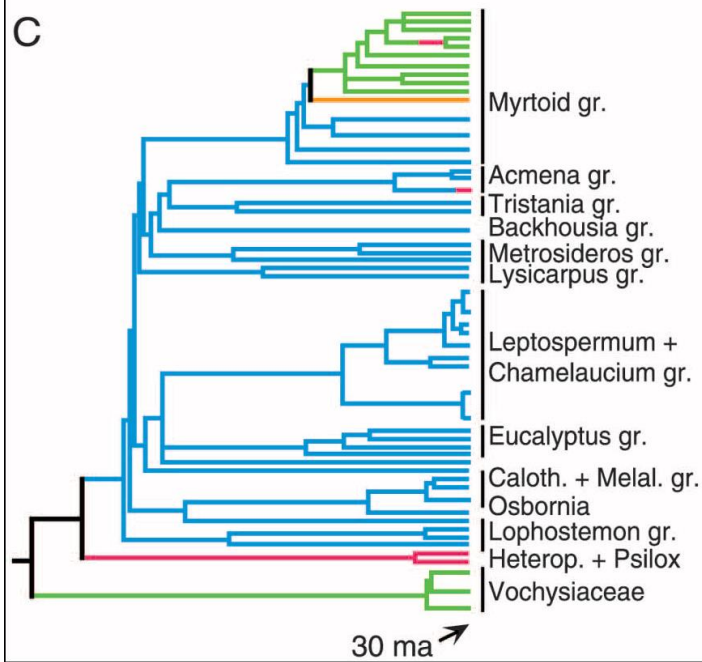
# MYRTALES: Sytsma *et al.* 2004



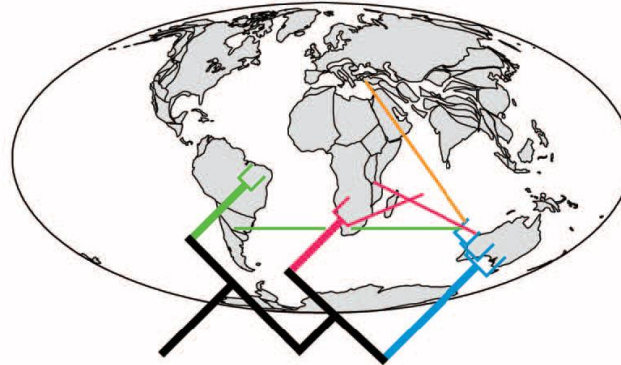
50 ma mid Eocene



**Chegada de Myrtoideae  
na região Neotropical  
poderia ter sido por  
migração via Flora  
Boreotropical ?**



30 ma mid Oligocene





# Melicope (Rutaceae)

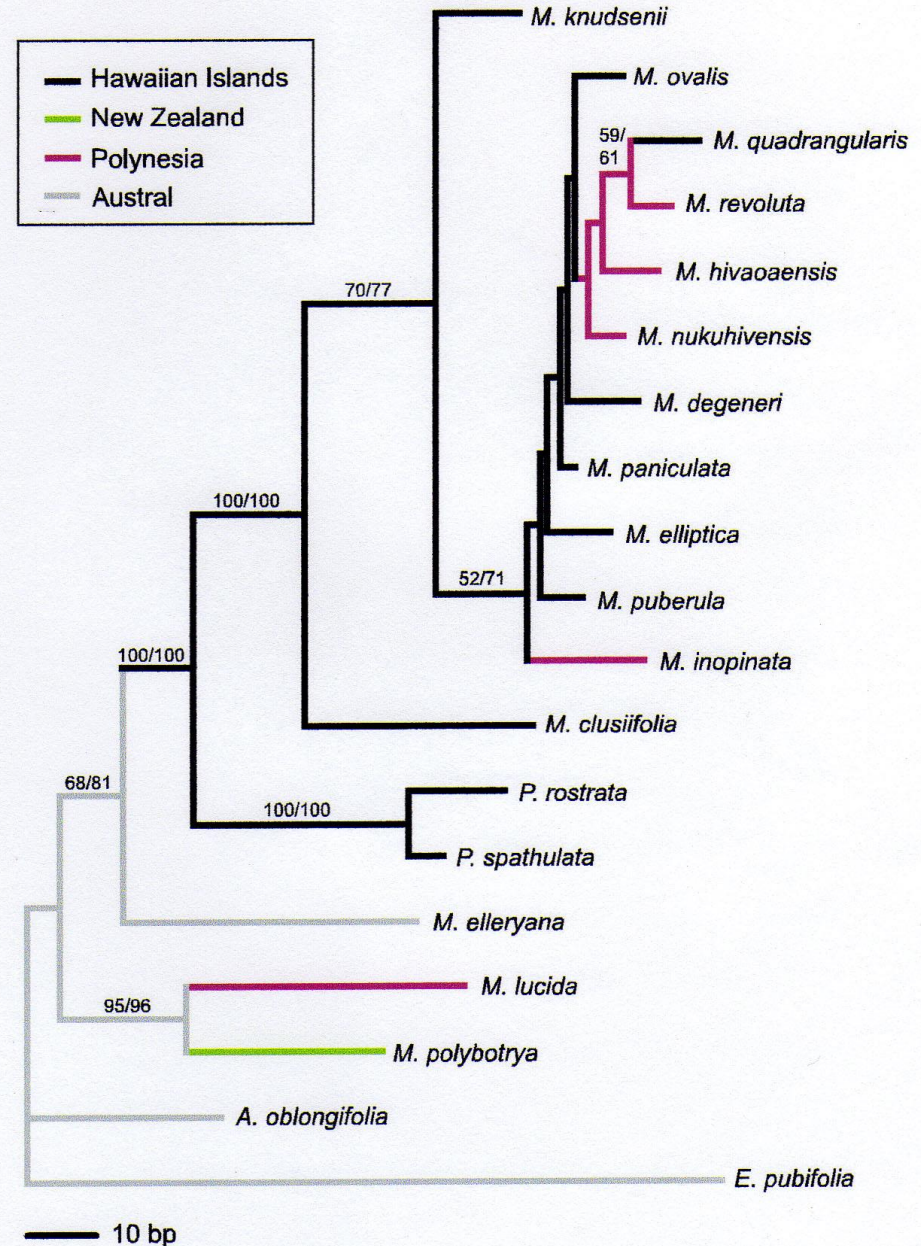
nDNA + cpDNA

Harbaugh et al. 2008

Havaí como “stepping stone”  
para dispersão no Pacífico



**Figure 3** The combined chloroplast and nuclear ribosomal phylogram from the maximum parsimony (MP) analysis using sequences obtained in this study. The topologies of the MP and maximum likelihood (ML) phylogenies are identical. The genera are abbreviated with the following letters: *A.* *Acronychia*; *E.* *Euodia*; *M.* *Melicope* and *P.* *Platydesma*. Numbers above branches represent MP bootstrap values (first) and ML bootstrap values (second). Geographical areas are mapped onto the phylogeny as described in the Materials and Methods section.



# Biogeography of the grasses (Poaceae): a phylogenetic approach to reveal evolutionary history in geographical space and geological time.

BOUCHENAK-KHELLADI  
et al. 2010

## Poaceae

**cronograma** baseado em  
dados combinados de **cpDNA**  
de uma amostragem  
abrangente:  
**todos os 800 gêneros da  
família**

Poaceae tem ca. 10.000 spp.  
(5° fam. mais rica)

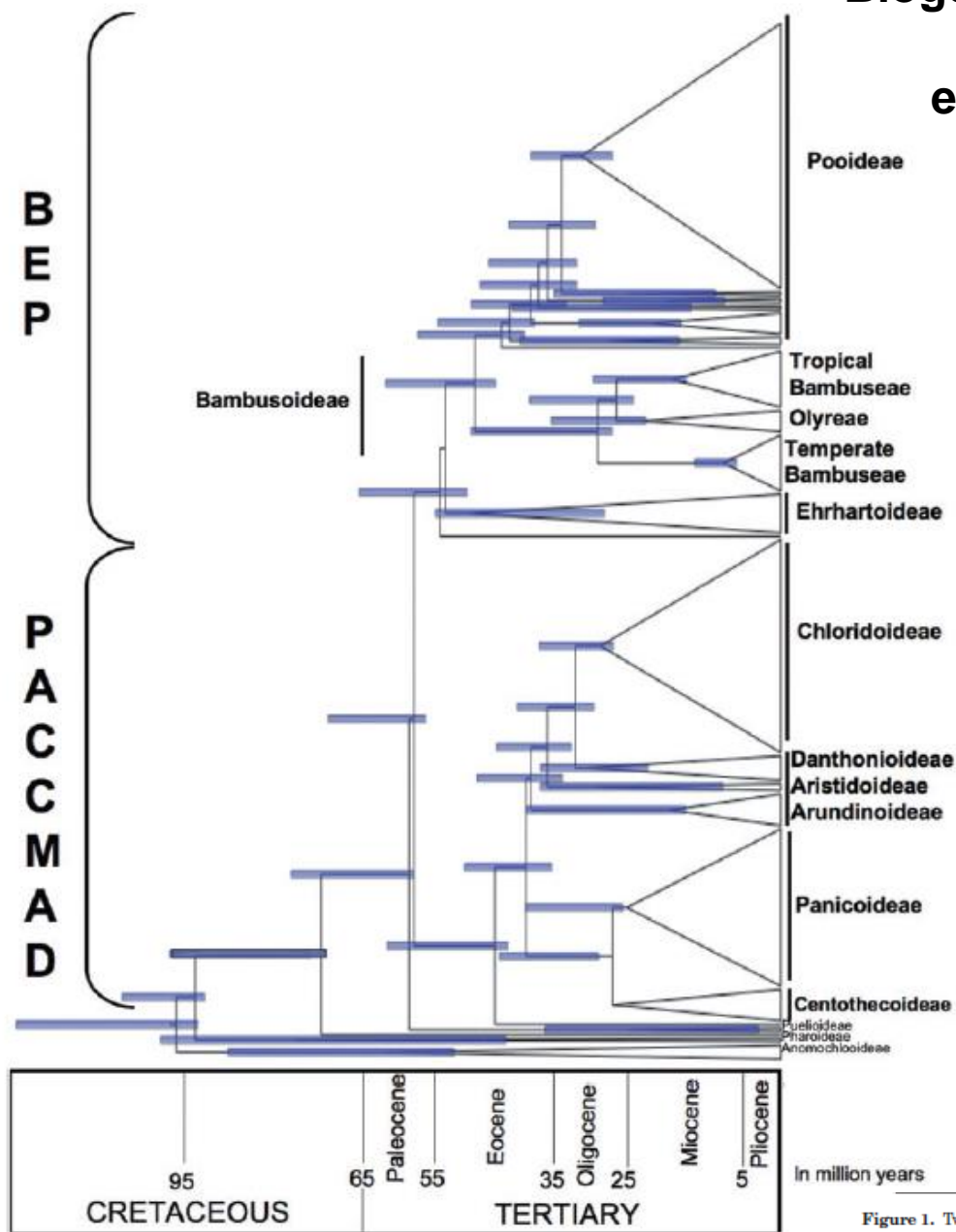
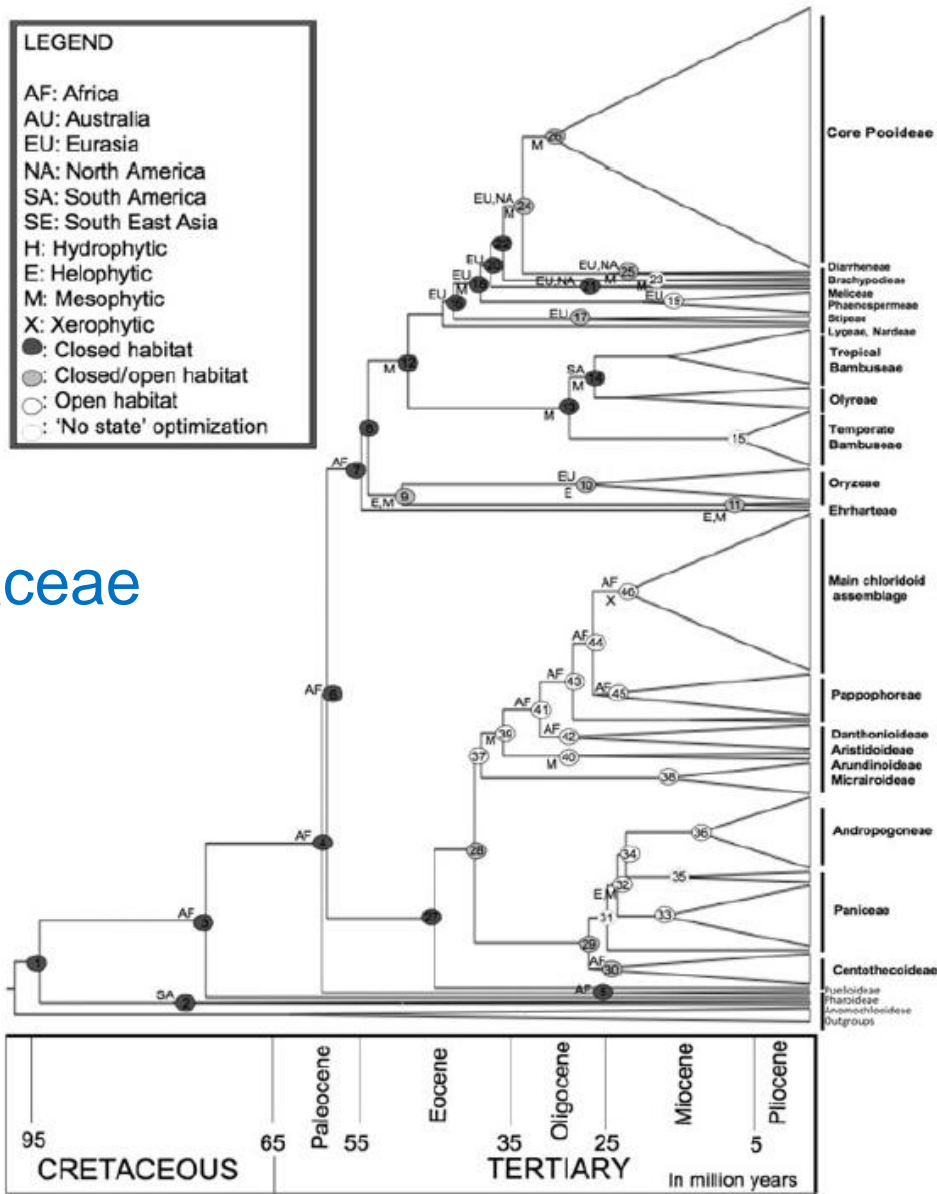


Figure 1. Two hundred and ninety-eight-grass taxa chronogram based on a relaxed Bayesian clock, with rates being uncorrelated and sampled from a lognormal distribution (UCLN as in Drummond *et al.*, 2006). BEP and PACCMA D clades following the GPWG (2001) and Sánchez-Ken *et al.* (2007), respectively. Horizontal thick bars represent 95% confidence intervals of divergence times. Note that the sizes of terminal triangles are proportional to the number of taxa imbedded in the clades.

# Poaceae



**Biogeography of the grasses (Poaceae):  
a phylogenetic approach  
o reveal evolutionary history  
in geographical space  
and geological time.**

**BOUCHENAK-KHELLADI  
et al. 2010**

**additional tree using a  
supermatrix of morphological  
and molecular data that  
included all 800 grass genera  
so that **ancestral  
biogeography and ecological  
habitats** could be inferred.**

**likelihood-based method  
allows the **estimation of  
ancestral polymorphism in  
both biogeographical and  
ecological** analyses for large  
data sets.**

**Figure 2.** Ancestral reconstructions of geographical areas, vegetation type and habitat moisture using polymorphism coding and maximum likelihood (as shown in Table 1), using a comprehensive generic-level phylogenetic tree of the grasses. Likelihood estimates can be found in Table 2. Main chloridoid assemblage and core Pooideae according to Watson & Dallwitz (1992). Numbers within circles refer to node numbers in Table 2.

## **POACEAE:**

### **palaeo-biogeographical and palaeo-ecological scenarios**

that may have led to present-day distribution and diversity of grasses at the family level.

The **origin** of Poaceae was retrieved as **African and shade adapted**.

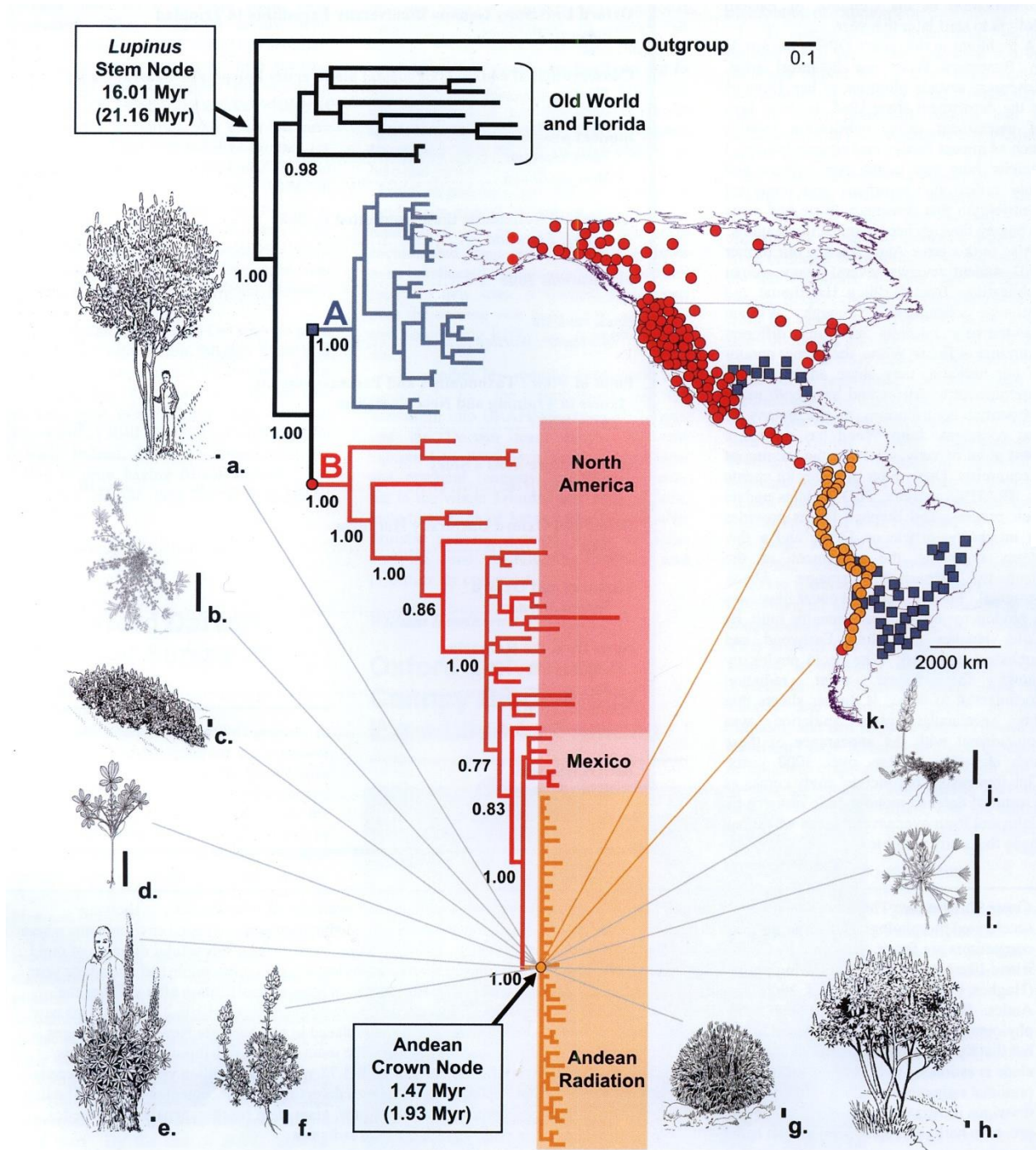
The crown node of the BEP + PACCMAD clade was dated at **57 Mya, in the early Eocene**.

**Grasses dispersed to all continents by approximately 60 million years after their Gondwanan origin in the late Cretaceous.**

**PACCMAD taxa adapted to open habitats as early as the late Eocene, a date consistent with recent phytolith fossil data for North America.**

**C4 photosynthesis first originated in Africa, at least for Chloridoideae in the Eocene at c. 30 Mya.**

The BEP clade members adapted to open habitats **later** than PACCMAD members; this was inferred to occur in Eurasia in the Oligocene.



*Lupinus*

Hughes &  
Eastwood 2006

PNAS



Fig. 1. Cactus-rich seasonally dry tropical forest in the Marañón valley, Peru.

# Cyathostegia - Leguminosae

## Andean diversification

Pennington et al. 2010

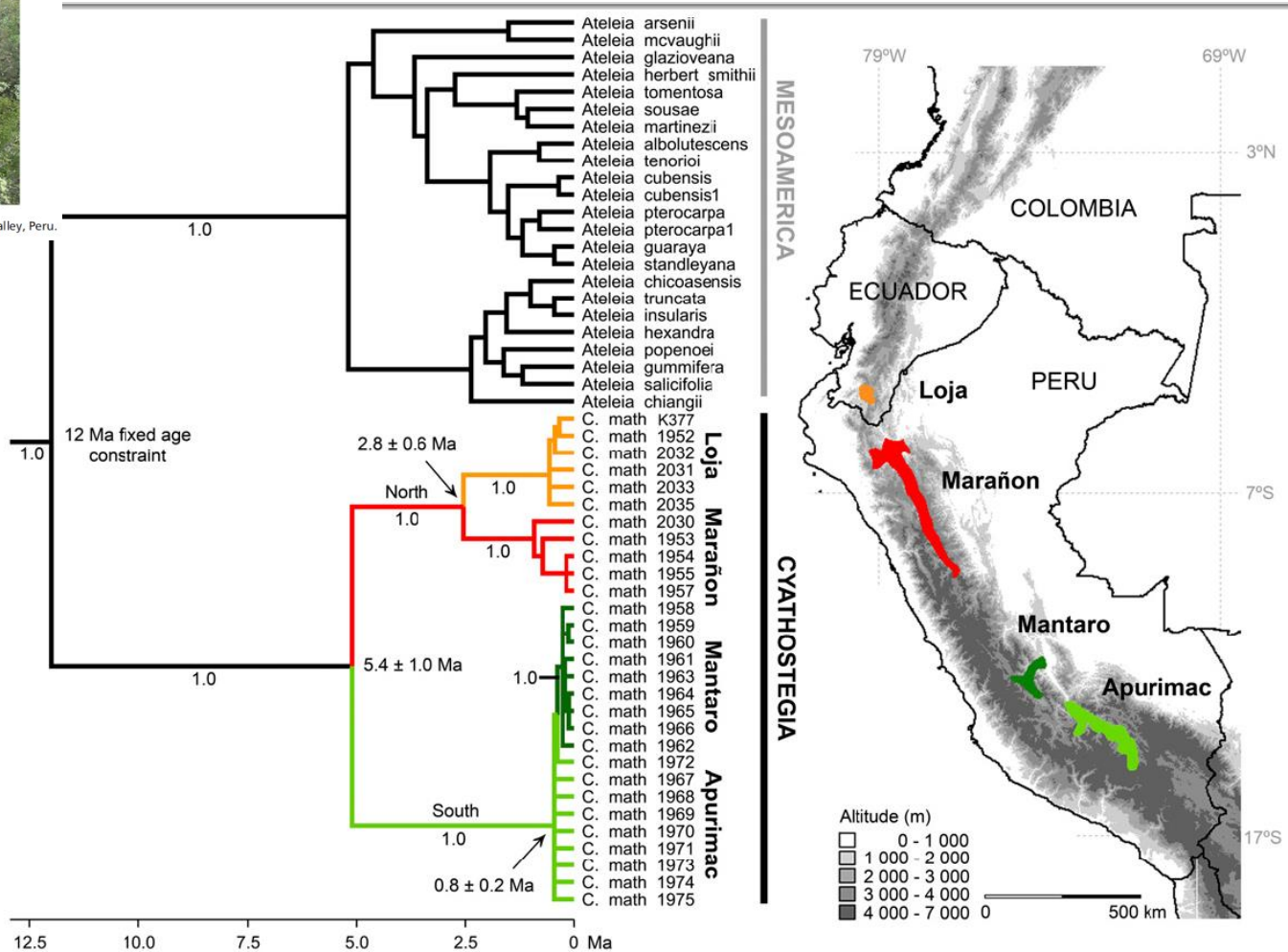


Fig. 3. Chronogram for *Cyathostegia* derived from penalized likelihood rate smoothing of a 50% majority rule Bayesian likelihood tree estimated from the ITS sequence data. Clade labels (Loja, Marañón, Mantaro, Apurimac) indicate the dry inter-Andean valleys where accessions were collected, the locations of which are shown on the map. Numbers (1.0) below branches indicate posterior probabilities.

# Cronograma combinado com análise biogeográfica das BROMELIACEAE

Givnish *et al.* 2011

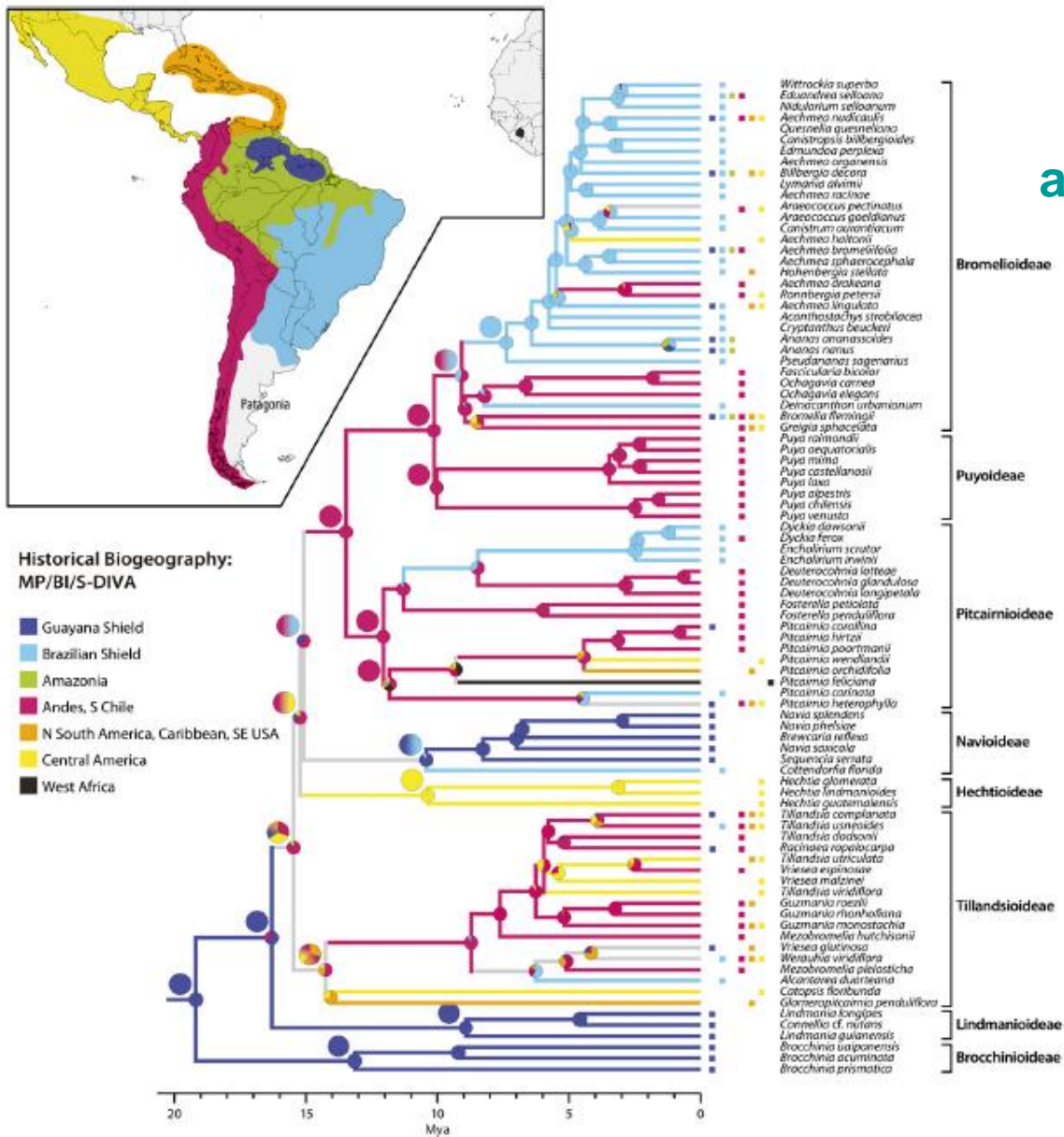


Fig. 8. Geographic evolution of Bromeliaceae calibrated against time. Present-day distribution of individual species (or of genera, in cases where wide-ranging groups are represented by one or two placeholder taxa) indicated by colored boxes. Branch colors indicate the inferred distributions of ancestral taxa under maximum parsimony (MP); gray indicates ambiguity. Pie diagrams at nodes indicate the inferred ancestral distributions under Bayesian inference (BI), with width of wedges delimited by black lines showing likelihood of alternative inferences. Larger pie diagrams displaced northwest of nodes indicate the inferred ancestral distributions under S-DIVA, with wedges delimited by black lines showing likelihood of alternative inferences, and a blend of colors within wedges signifying vicariance involving a fusion of two regions represented by those colors. Analyses involving the possible fusion of more than two areas yield similar results except for a few backbone nodes.

## Causes of Plant Diversification in the Cape Biodiversity Hotspot of South Africa

Análise comparativa  
de várias linhagens  
da região biogeográfica Capense

Schnitzler *et al.* 2011

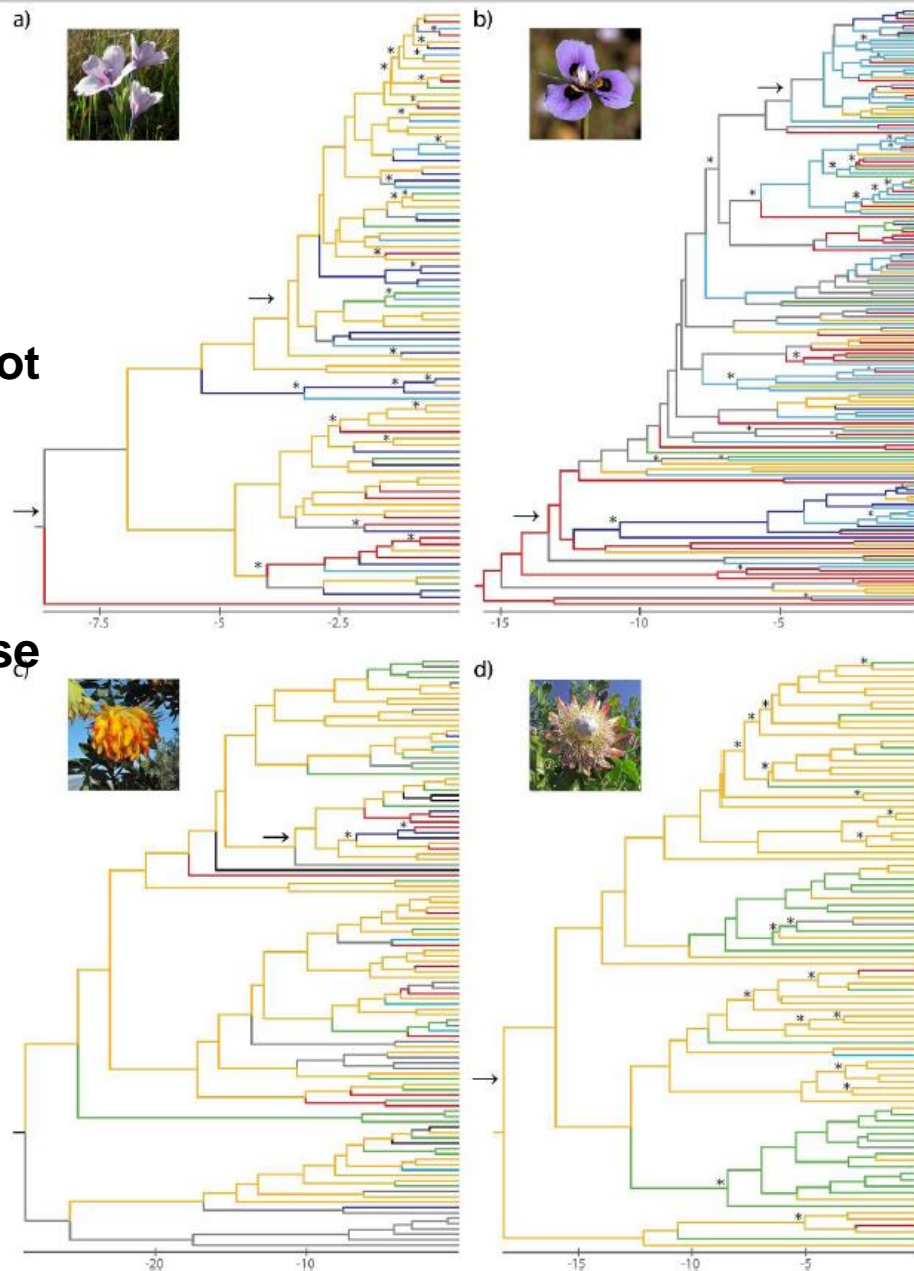
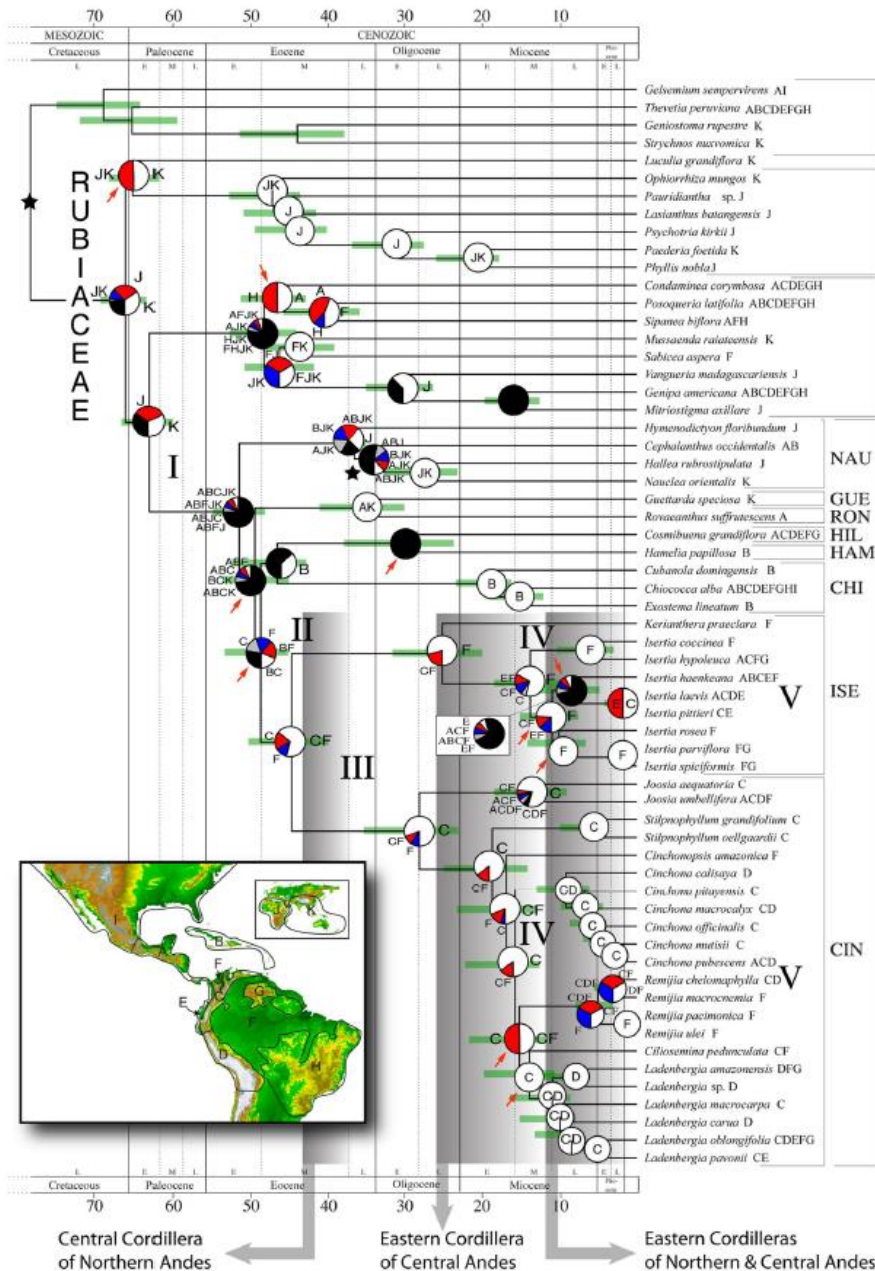


FIGURE 2. Variability of species traits. Maximum clade credibility trees of the BEAST analysis for a) *Babiana*, b) *Moraea*, c) Podalyrieae, and d) *Protea*. Branches are colored according to maximum likelihood reconstructions of soil types (blue—rocky outcrops; red—gravel, yellow—sand; green—loam; cyan—clay; black—marshy soil). Unknown states and/or equivocal reconstructions are colored in gray. Shifts in pollination system are marked with an asterisk. Arrows indicate branches along which a significant increase in diversification rates ( $\Delta_1$ , Chan and Moore 2005) has been detected, the scales represent time (Ma). Photographs show representatives of the clades included in this study: a) *Babiana patersoniae*



# Reconstrução das áreas ancestrais Lemey et al. 2009 (método bayesiano)



# Cronograma combinado com análise biogeográfica das RUBIACEAE neotropicais

# Antonelli et al. 2009



Fig. 1. Combined chronogram and biogeographic analysis of Neotropical Rubiaceae. The tree is the 50% majority-rule consensus (with compatible groups added) from the Bayesian analysis, with branches proportional to absolute ages (in millions of years) calculated from mean branch lengths of 6,000 Bayesian trees. Green bars indicate 95% confidence intervals of node ages estimated from 1,000 trees randomly sampled from the Bayesian stationary distribution. Node charts show the relative probabilities of alternative ancestral distributions obtained by integrating dispersal-variance analysis (DIVA) optimizations over the 1,000 Bayesian trees; the first 4 areas with highest probability are colored according to their relative probability in the following order: white > red > blue > gray; any remaining areas (usually frequencies < 0.01) are collectively given with black color. Stars indicate calibration points. Red arrows indicate clades with a posterior probability < 0.90. Present ranges for each species are given after the species name. Brackets identify subfamilies and tribes: CHI, Chiococceae; CIN, Cinchoneae; GUE, Guettardeae; HAM, Hamelleae; HIL, Hilliaeae; ISE, Iseriidae; NAU, Naucleaeae; RON, Rondeletieae. Shaded boxes indicate approximate periods of Andean uplift phases. The biogeographic interpretation of events I-V is summarized in Fig. 2. (Inset) Areas used in the biogeographic analysis. A, Central America; B, West Indies; C, Northern Andes; D, Central Andes; E, Choco; F, Amazonia; G, the Guiana Shield; H, Southeastern South America; I, Temperate North America; J, Africa; K, Australasia. Topographic map from the National Geophysical Data Center ([www.ngdc.noaa.gov](http://www.ngdc.noaa.gov)).

# Evolução espaço-temporal das RUBIACEAE neotropicais

Antonelli *et al.* 2009

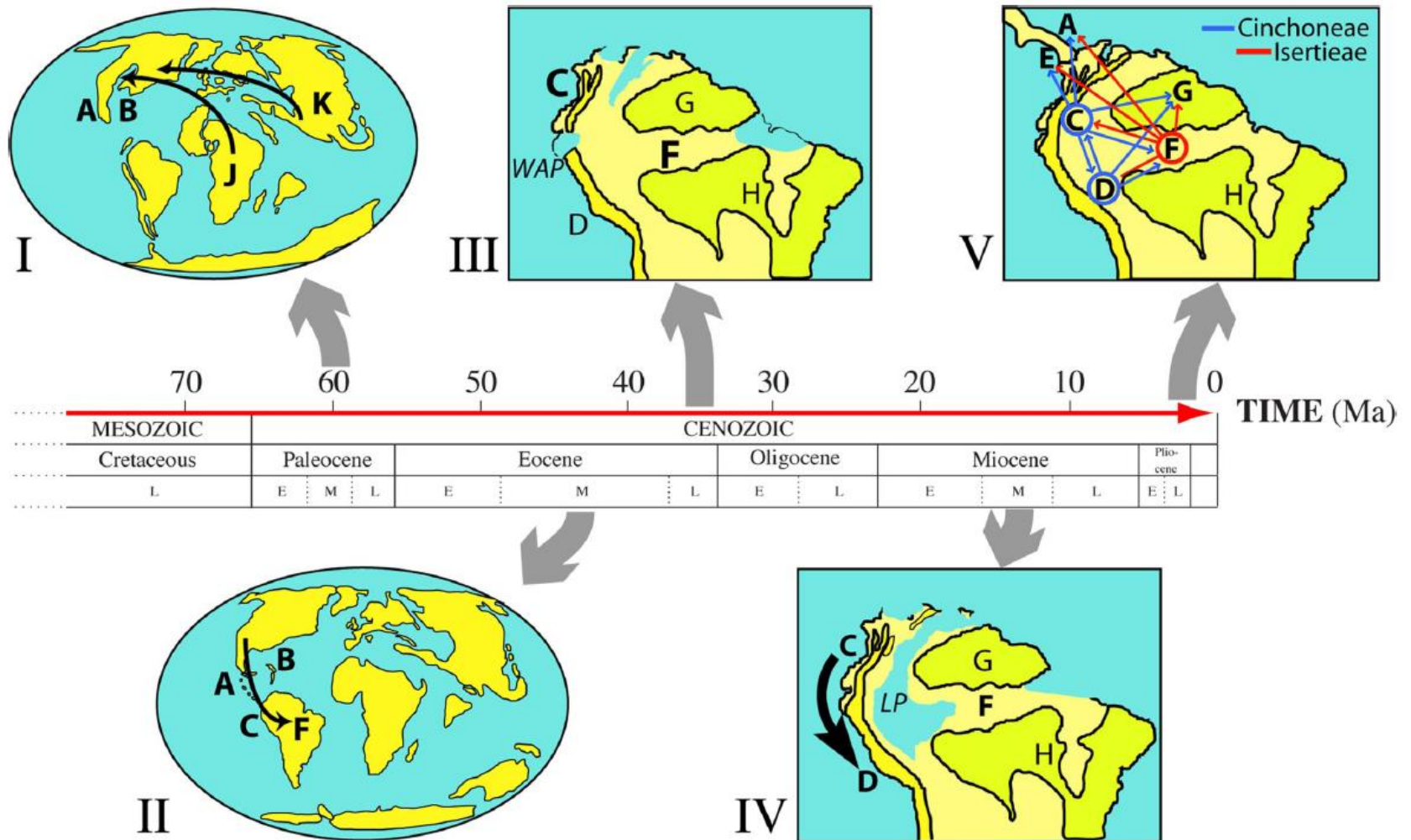


Fig. 2. Spatiotemporal evolution of the Neotropical Rubiaceae. (I) Paleocene: Rubiaceae ancestors use the boreotropical route to reach North America from the Paleotropics. (II) Early Eocene: Dispersal into South America, presumably facilitated by occasional island chains. (III) Late Eocene: North Andean and Amazonian lineages become isolated by marine incursions such as the Western Andean Portal (WAP). (IV) Middle Miocene: The gradual uplift of the Eastern Cordillera creates a huge watershed, Lake Pebas (LP). It also closes the WAP, enabling dispersal of plant lineages from the Northern to the Central Andes. (V) The Pebas system drains, promoting land dispersal of several lineages and rapid speciation of terrestrial plants in western Amazonia. Area codings as in Fig. 1. (Maps I-II are based on C. R. Scotese's PALEOMAP project ([www.scotese.com](http://www.scotese.com)); maps III-V modified from refs. 2 and 28).

# Reconstrução das áreas ancestrais:

- método bayesiano CTMC: *standard continuous time Markov chain* (implementado usando BEAST, Lemey et al. 2009)
- método de máxima verossimilhança incorporando explicitamente dispersão – extinção – cladogênese (DEC, Ree et al. 2005) a um modelo de rotas de dispersão disponíveis em cada intervalo histórico correlacionando eventos estocásticos com persistência de linhagem: Programa Lagrange 2010 (Ree & Smith 2008).
- Exemplo empregando ambas abordagens: *Paederia* (Rubiaceae) - Nie et al. 2013:

## Post-Boreotropical dispersals explain the pantropical disjunction in *Paederia* (Rubiaceae)

Ze-Long Nie<sup>1</sup>, Tao Deng<sup>1</sup>, Ying Meng<sup>1,2</sup>, Hang Sun<sup>1,\*</sup> and Jun Wen<sup>3,\*</sup>

Table 1. Posterior age distributions of major nodes of *Paederia* in Rubiaceae, with results of ancestral reconstruction using the Bayesian CTMC and Lagrange

Node	Age estimates		Bayesian CTMC		Lagrange	
	Mean (Mya)	95 % HPD (Mya)	Five-area	Six-area	Five-area	Six-area
C1: Rubiaceae stem	78.57	76.64–80.54				
C2: <i>Cephalanthus</i> stem	33.48	31.59–35.47				
C3: <i>Scyphiphora</i> stem	22.88	20.98–24.82				
C4: <i>Faramea</i> stem	36.84	34.94–38.8				
C5: <i>Morinda</i> crown	43.36	41.46–45.27				
1: <i>Paederia</i> stem	30.73	22.84–39.67	A (0.83)	A (0.86)	A   A (0.43)	A   A (0.44)
2: <i>Paederia</i> crown	24.21	16.41–32.5	A (0.83)	A (0.86)	A   A (0.40)	A   A (0.41)
3: <i>Paederia</i> clade I crown	15.92	5.11–26.21	A (0.77)	A (0.81)	B   A (0.65)	B   A (0.49)
4: Asian – African disjunction	15.99	10.28–22.68	A (0.80)	A (0.83)	C   A (0.68)	C   A (0.43)
5: <i>Paederia</i> clade II crown	8.68	4.59–14.43	C (0.74)	C (0.23)	C   C (0.49)	D   C (0.39)
				D (0.22)		
				F (0.23)	CD   C (0.49)	F   C (0.39)
6: African–Central American disjunction	6.08	1.87–11.33	C (0.74)	C (0.30)	C   D (0.86)	F   D (0.60)
				D (0.30)		
7: <i>Paederia</i> clade III crown	12.13	7.9–17.93	A (0.95)	A (0.96)	A   A (0.78)	A   A (0.81)
8: Asian–South American disjunction	10.01	5.57–15.47	A (0.95)	A (0.96)	E   A (0.65)	E   A (0.65)

Node numbers correlate with those in Figs 2 and 3 (C1–C5, calibration nodes). Letters represent results of ancestral reconstruction (as defined in Fig. 3).

# Reconstrução das áreas ancestrais:

- método bayesiano CTMC e
- método de máxima verossimilhança (DEC)
- Exemplo empregando ambas abordagens: *Paederia* (Rubiaceae) - Nie et al. 2013:

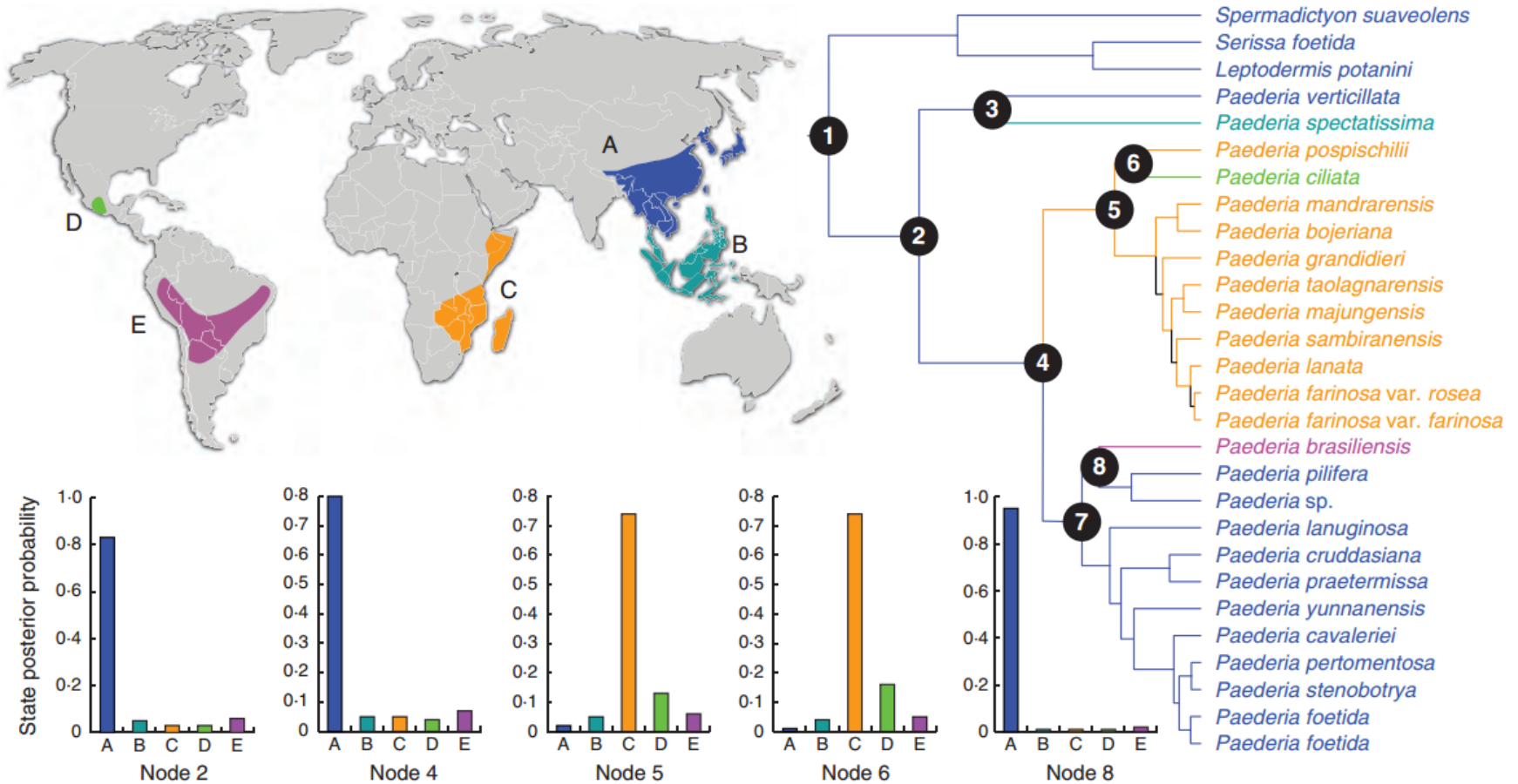


FIG. 3. Bayesian CTMC ancestral area reconstruction from the BEAST tree (right) with branches coloured according to the most probable location state of their descendent nodes. The letter and colour coding for areas are indicated on the map (left upper). Left below are state posterior probability distributions for selected nodes as shown on the right-hand tree (see Fig. 2 and Table 1 for details).

# DEC - DISPERSAL-EXTINCTION-CLADOGENESIS MODEL

Ree & Smith 2008

estimating dispersal and extinction parameters and ancestral range inheritance scenarios

(abordagem usando **máxima verossimilhança**)

software package **Lagrange**: <http://code.google.com/p/lagrange>

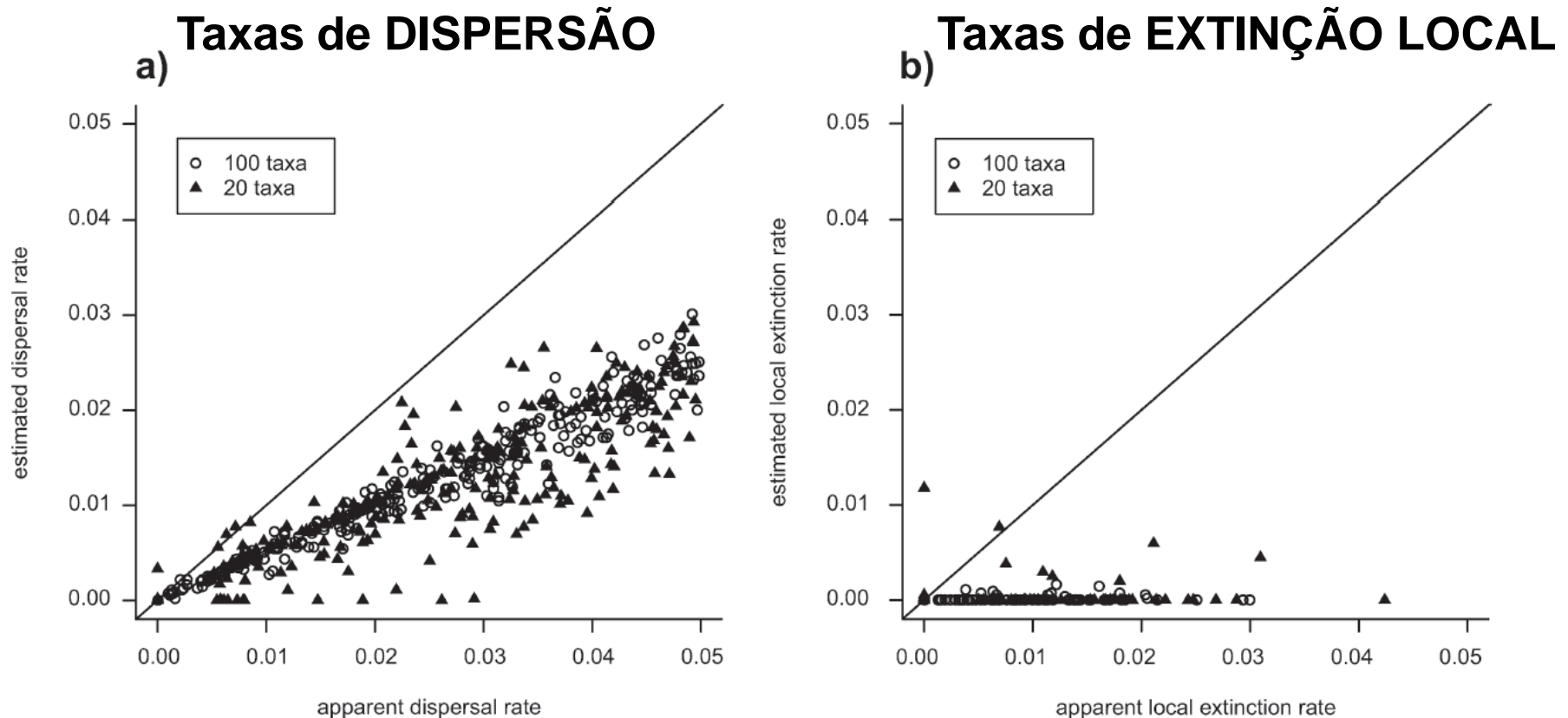


FIGURE 1. Maximum likelihood parameter estimates for rates of dispersal (a) and local extinction (b) under the DEC model from trees of two size categories simulated according to a geographic birth-death model (see text), then pruned of extinct branches. For each size, a random sample of 300 out of 2000 trees are shown. Apparent rates (the number of actual events simulated on a pruned tree divided by tree length) are plotted against estimated rates, with points below the diagonal representing underestimates. Bias toward underestimation is evident for both dispersal and local extinction, with estimates of the latter consistently being close to zero.

# DEC - DISPERSAL-EXTINCTION-CLADOGENESIS MODEL

Ree & Smith 2008

lagrange: <http://code.google.com/p/lagrange>

## Estudo de caso: *Psychotria* (Rubiaceae) no Havai

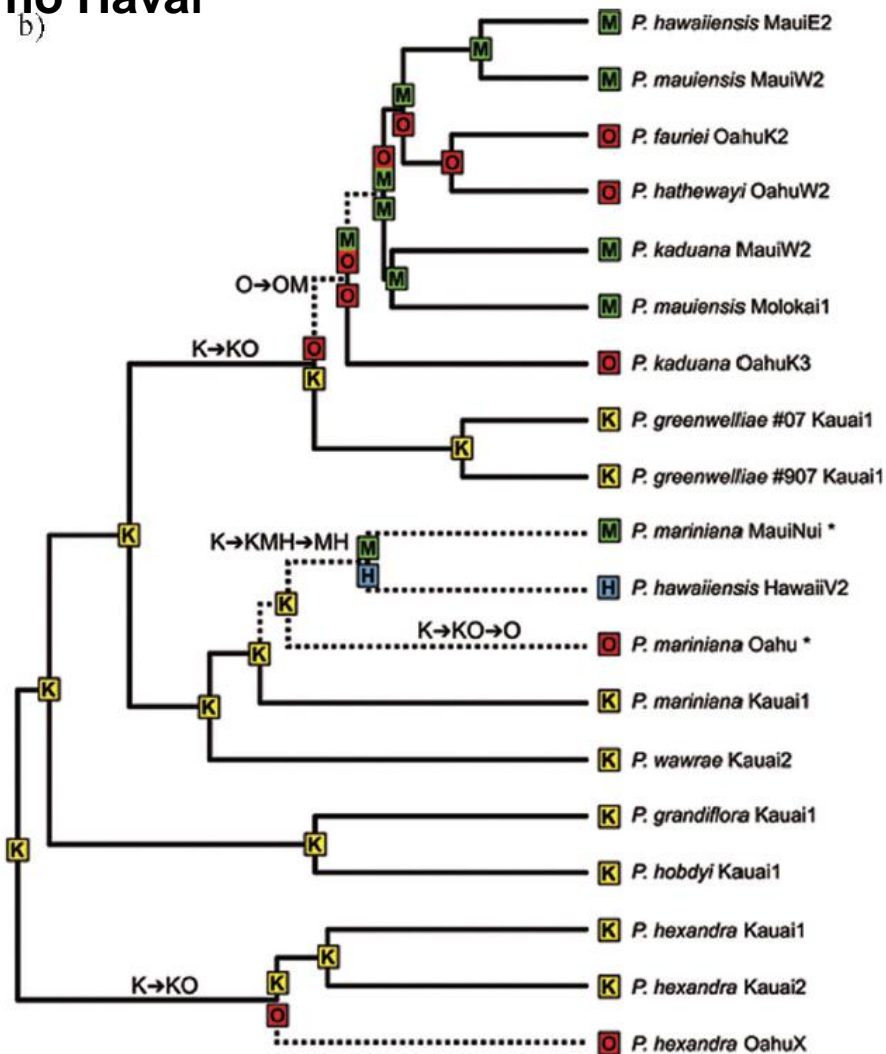
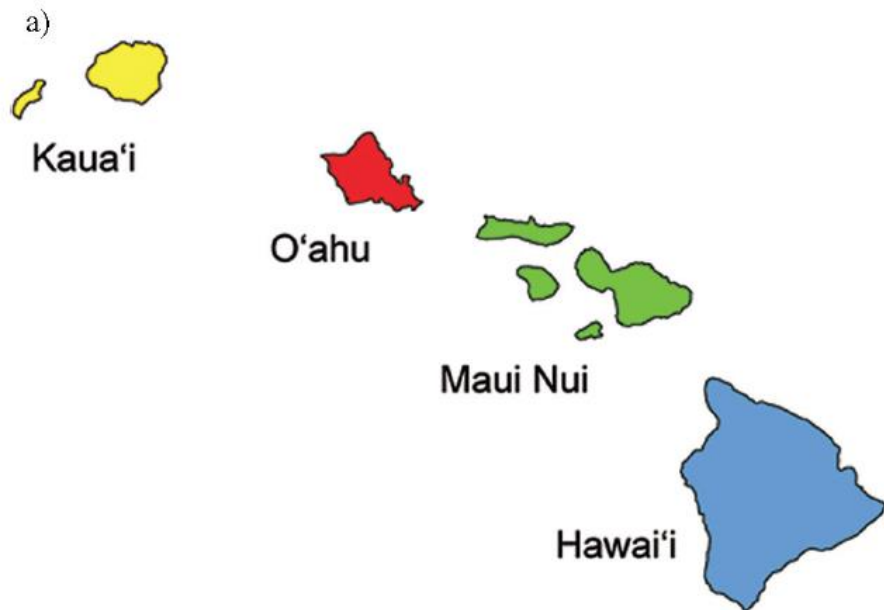


TABLE 1. Inferences about the ancestral area and range evolution parameters of Hawaiian *Psychotria* under DEC models. The unconstrained model (M0) allows geographic ranges to include any combination of islands in the archipelago and permits direct dispersal between any pair of islands. M1 and M2 restrict ranges to include a maximum of two adjacent islands. M2 further limits dispersal to be eastward between adjacent islands. The stratified model permits dispersal to islands only after their time of geological origin, thus with a root age of 5.1 Ma, the only ancestral area possible is Kaua'i.

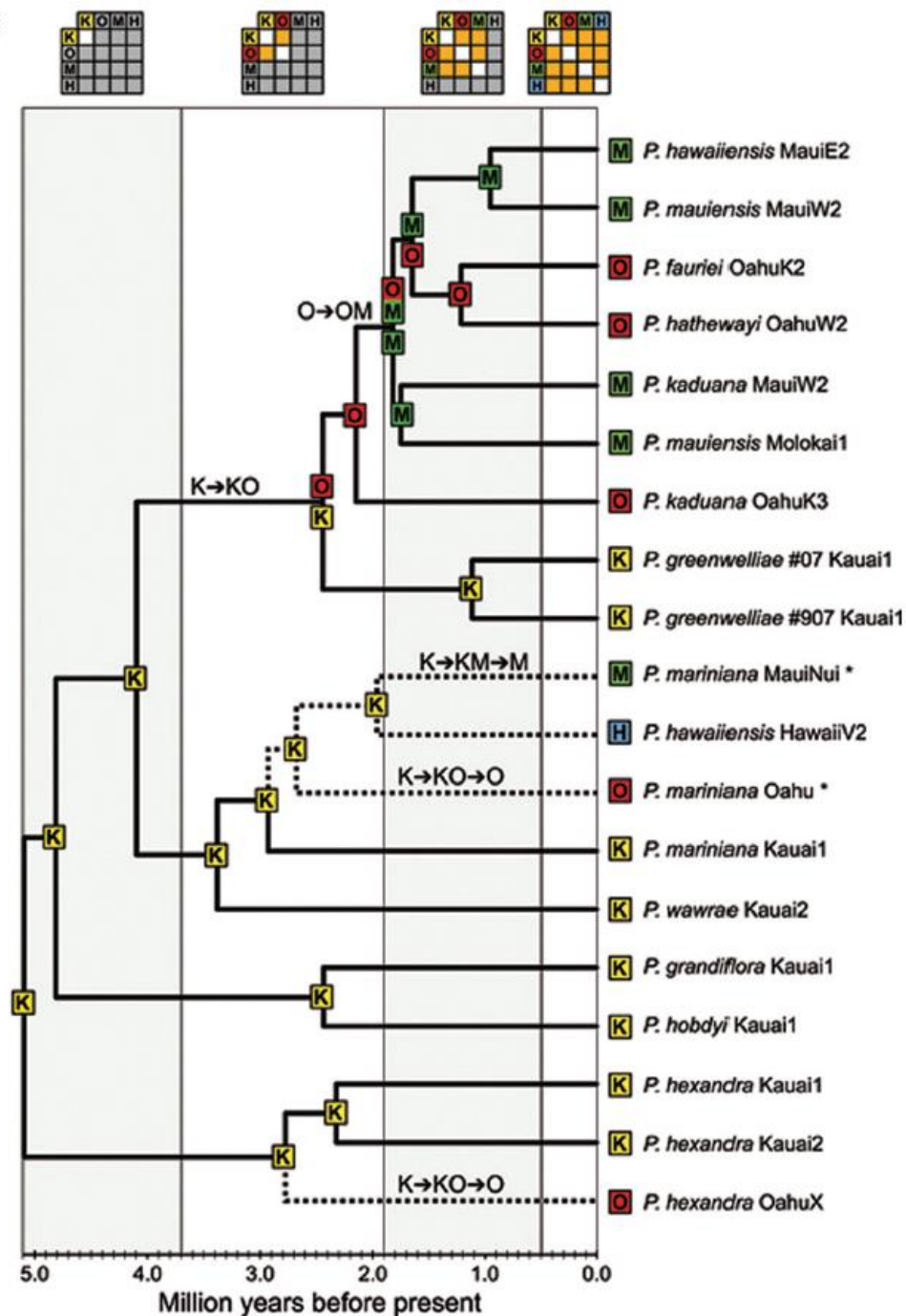
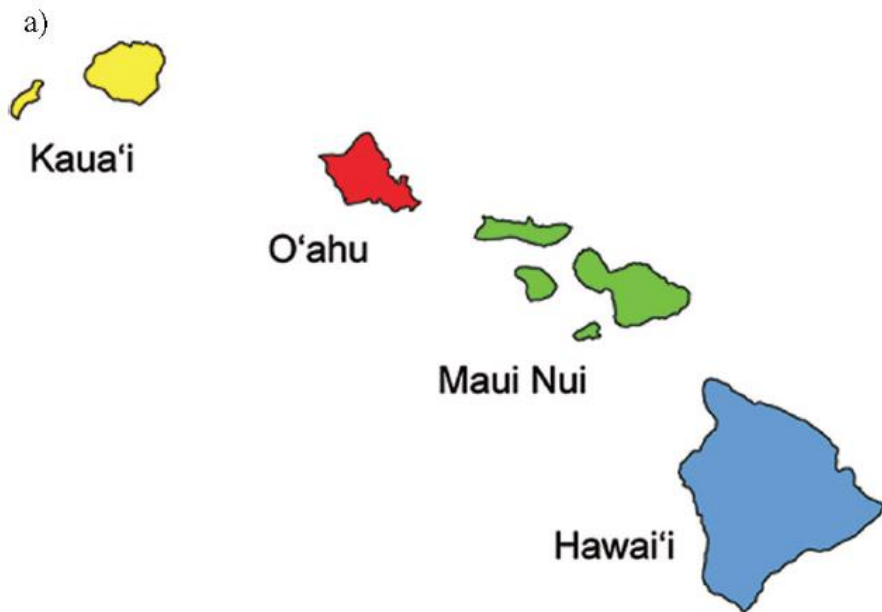
Model	Area	$-\ln(L)$	Dispersal	Extinction
M0	Kaua'i	35.758	0.040	0.0358
	O'ahu	40.700	0.041	0.024
	Maui Nui	44.378	0.054	0.076
	Hawai'i	45.323	0.058	0.085
M1	Kaua'i	34.636	0.093	0.017
	O'ahu	38.877	0.112	0.052
	Maui Nui	48.683	0.207	0.164
	Hawai'i	55.396	0.377	0.280
M2	Kaua'i	32.434	0.132	0.009
	O'ahu	106.018	0.174	0.103
	Maui Nui	107.701	0.216	0.101
	Hawai'i	118.930	0.173	0.066
Stratified	Kaua'i	40.777	0.075	0.082

# DEC - DISPERSAL-EXTINCTION-CLADOGENESIS MODEL

Ree & Smith 2008

Lagrange: <http://code.google.com/p/lagrange>

## Estudo de caso: *Psychotria* (Rubiaceae) no Havai





# Global biogeography and diversification of palms sheds light on the evolution of tropical lineages. II. Diversification history and origin of regional assemblages

William J. Baker<sup>1\*</sup> and Thomas L.P. Couvreur<sup>2</sup>

## ARECACEAE

Baker & Couvreur 2013

### Source Region

- A: South America (7 lineages)
- B: North America (4 lineages)
- C: Africa (1 lineage)
- D: Indian Ocean Islands (5 lineages)
- E: India (0 lineages)
- F: Eurasia (12 lineages)
- G: Pacific (6 lineages)

Pacific

Eurasia

Sink Region

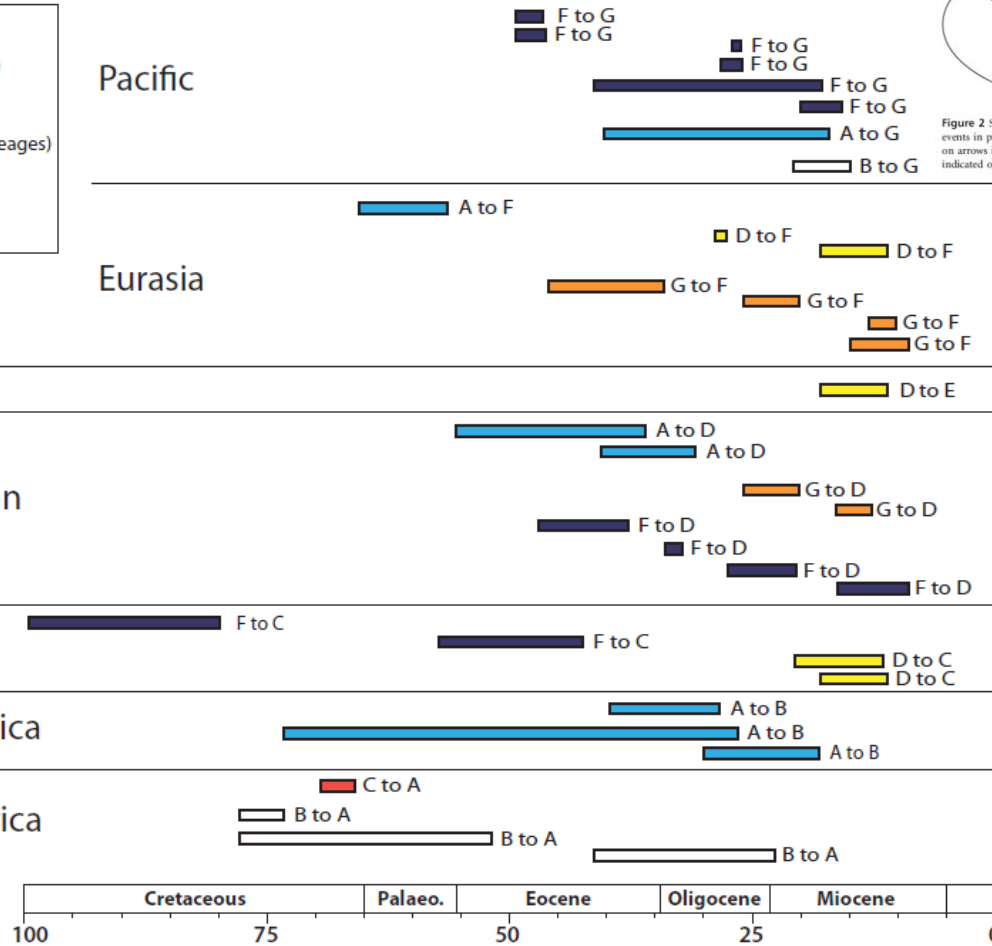
India

Indian Ocean

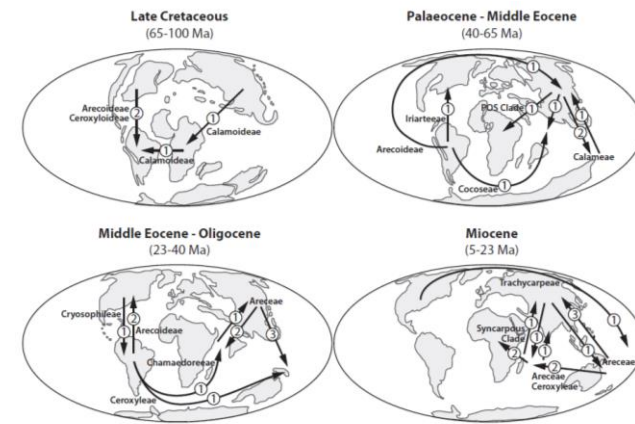
Africa

North America

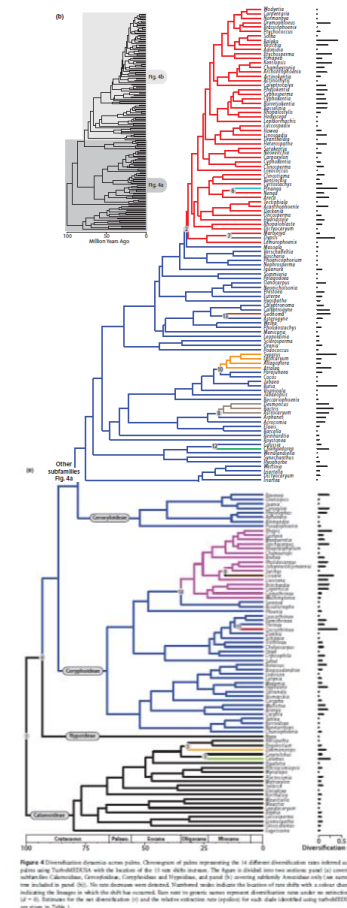
South America



**Figure 1** Temporal history of dispersal events in palms. All 35 dispersal events inferred from the most likely ancestral area reconstructions determined by LAGRANGE are illustrated, grouped into sink regions (see Fig. 1 of Baker & Couvreur, 2013 and raw LAGRANGE output at the Dryad data repository: doi:10.5061/dryad.vb25b35j). Each event spans the stem and crown node age of the branch along which it was inferred.



**Figure 2** Summary of the dispersal history of palms. Four time frames were chosen to represent the history of the major dispersal events in palms. Arrows represent inferred dispersal events (not specific dispersal routes) above the genus level following Fig. 1. Circles on arrows indicate the number of dispersal events that took place in the same direction. Subfamily, tribe or major clade names are indicated on certain arrows (Dransfield *et al.*, 2008). Base maps are derived from Buerki *et al.* (2011).



**Figure 4** Diversification dynamics across palms. Chronogram of palms representing the 11 different diversification rates inferred across palms using ChronoMETSIM, with the location of the 11 rate shifts marked. The figure is divided into two sections: panel (a) covering subfamilies Calamoideae, Gerontodinae, Compsoideae and Trigonatae, and panel (b) covering subfamily Arecoideae only (see summary tree included in panel 10). The rate diversification was detected. Horizontal bars indicate the duration of each shift with a color change indicating the lineage in which the shift has occurred. See text for generic names represent diversification rate under an asterisk or \*). Examples for the net diversification (d) and the relative extinction rate (speciation for each date specified using randomMETSIM) are given in Table 1.

# Post-Boreotropical dispersals explain the pantropical disjunction in *Paederia* (Rubiaceae)

## Cronograma de *Paederia* e grupos relacionados (Rubiaceae)

4 marcadores plastidiais: rbcL, rps16, trnT-F and atpB-rbcL

Inferido com BEAST.

Barras cinza = 95 % highest posterior density intervals for node ages.

C1 –C5 = calibrations points

Nie et al. 2013

*Paederia foetida*

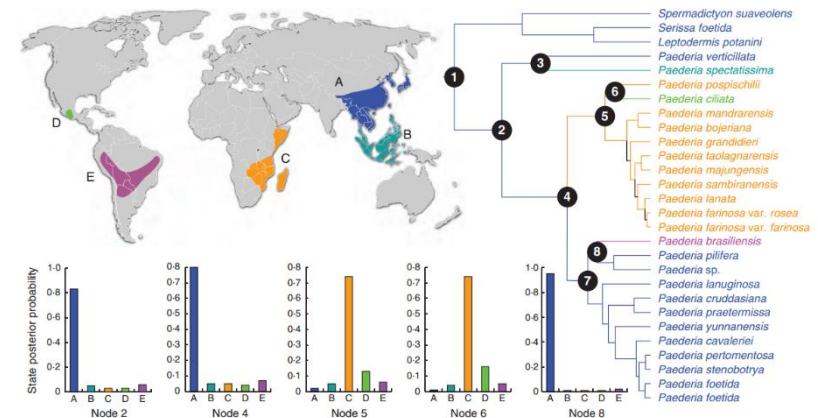
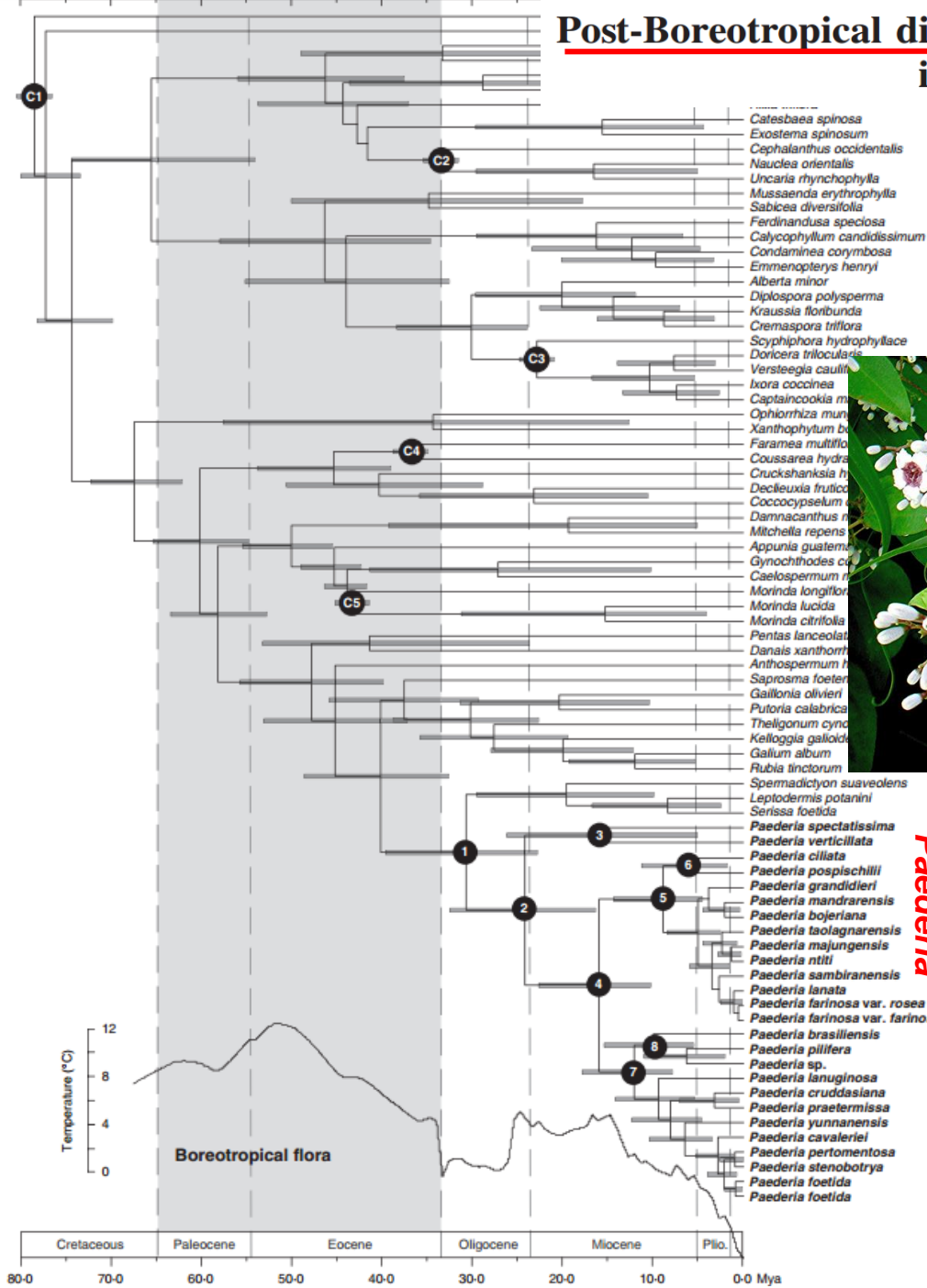
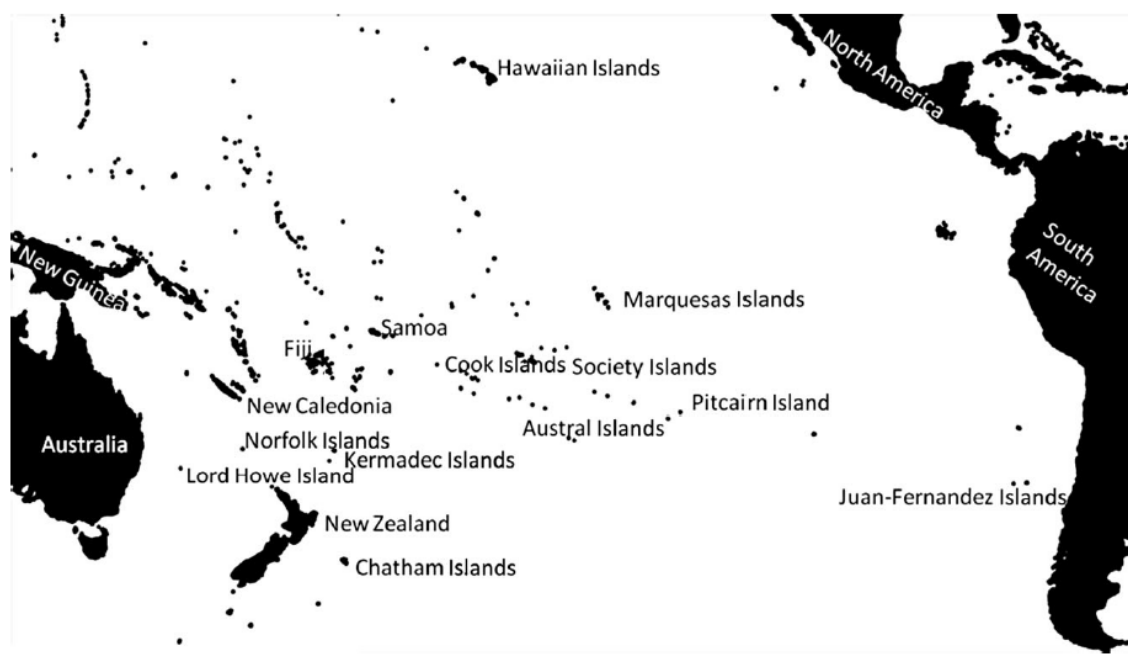


FIG. 3. Bayesian CTMC ancestral area reconstruction from the BEAST tree reconstruction (right) with branches coloured according to the most probable location state of their descendant nodes. The letter and colour coding for areas is indicated on the map (left upper). Left below are state posterior probability distributions for selected nodes as shown on the right-hand tree (see Fig. 2 and Table 1 for details).

Cantley et al. 2014



Anthospermae  
(Rubiaceae)

Heads 2017

Figure 1. Map of the Pacific Ocean indicating selected island archipelagos and continental land masses discussed in the text. Note that island borders were thickened to better display their locations.

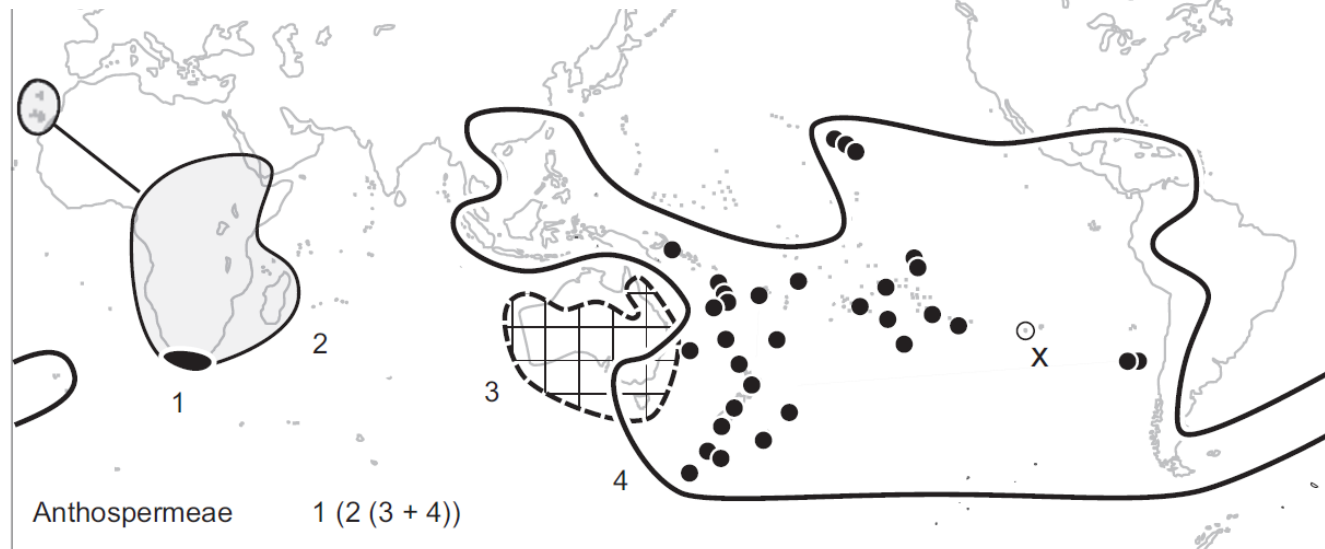
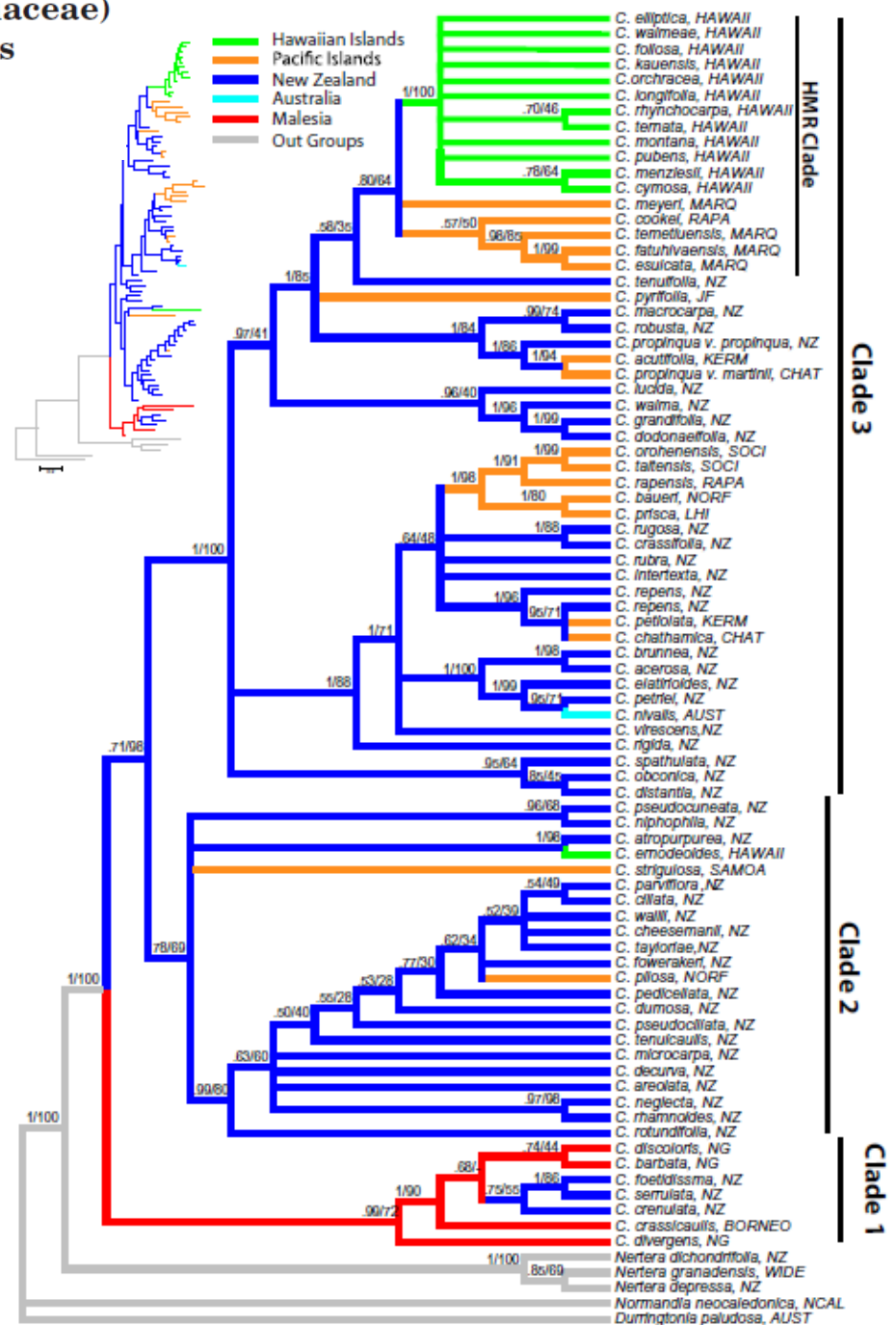


Fig. 8. Distribution of tribe Anthospermeae (Rubiaceae) and its four main clades. 1 = *Carpacoce*; 2 = Anthosperminae; 3 = Operculariinae; 4 = Coprosminae (Rydin et al., 2009). The phylogeny is: 1 (2 (3 + 4)). Black dots = localities of Coprosminae on Pacific islands east of Australia. Open circle with "x" = fossil pollen on Easter Island.

# Biogeographic insights on Pacific *Coprosma* (Rubiaceae) indicate two colonizations to the Hawaiian Islands

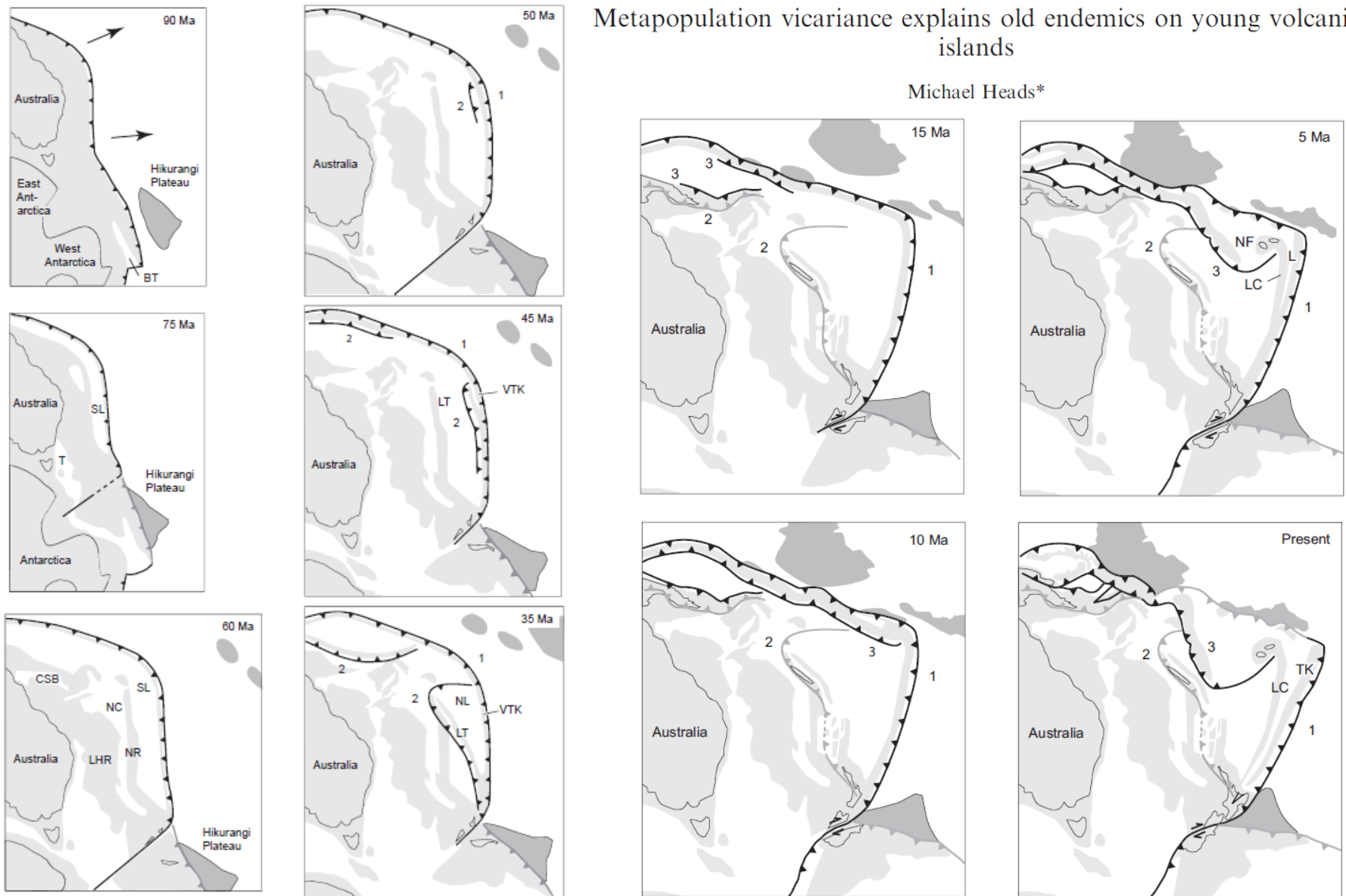
JASON T. CANTLEY<sup>1\*</sup>, NATHAN G. SWENSON<sup>2</sup>, ADRIENNE MARKEY<sup>3</sup> and STERLING C. KEELEY<sup>1</sup>

Cantley et al. 2014



# Metapopulation vicariance explains old endemics on young volcanic islands

Michael Heads\*



**Heads  
2017**

Fig. 3. Tectonic reconstruction of the south-west Pacific, from the Late Cretaceous to the Present. The reference frame is Australia-fixed. Light grey = continental crust and island arc crust; dark grey = oceanic plateaus. Geographical outlines are shown to help identify the location of the crustal blocks but have no palaeogeographical significance. Arrows in the 90-Ma reconstruction = migration of subduction zone by slab rollback. 1, 2, 3 = 1st, 2nd and 3rd generation subduction zones. BT, Bounty Trough; CSB, Coral Sea Basin; LC, Lau-Colville Ridge; LHR, Lord Howe Rise; LT, Loyalty-Three Kings Ridge; NC, New Caledonia Basin; NL, North Loyalty Basin; NR, Norfolk Ridge; SL, South Loyalty Basin; T, Tasman Basin; TK, Tonga-Kermadec Ridge; NF, North Fiji Basin; VTK, Vitiaz-Tonga-Kermadec Ridge. Simplified from Schellart et al. (2006).

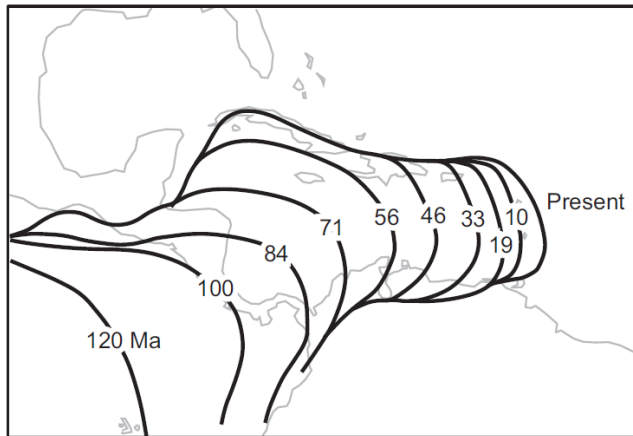


Fig. 6. Former relative positions of the Caribbean Trench from 120 Ma to the Present. The base map has no palaeogeographical significance; over the time period shown, North and South America have drifted apart (Pindell and Kennan, 2009).

**Heads 2017**

## Metapopulation vicariance explains old endemics on young volcanic islands

Michael Heads\*

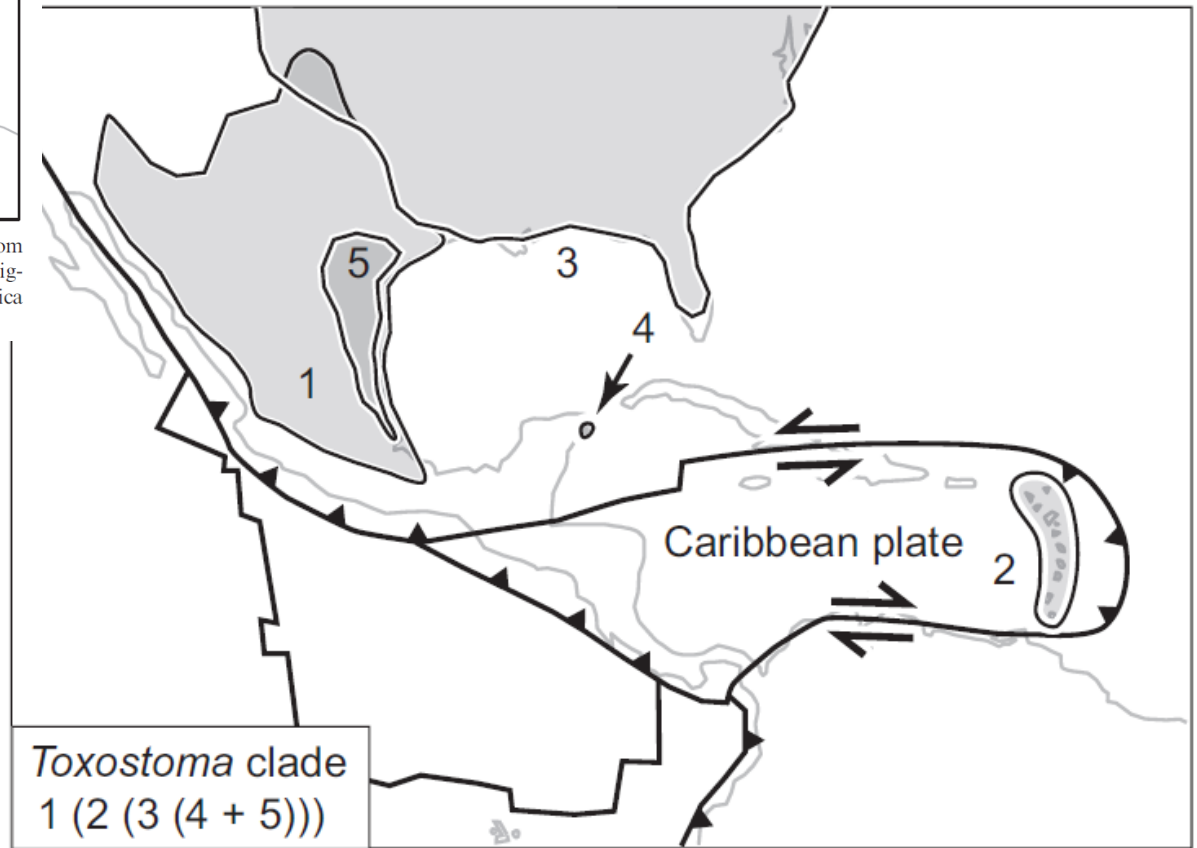
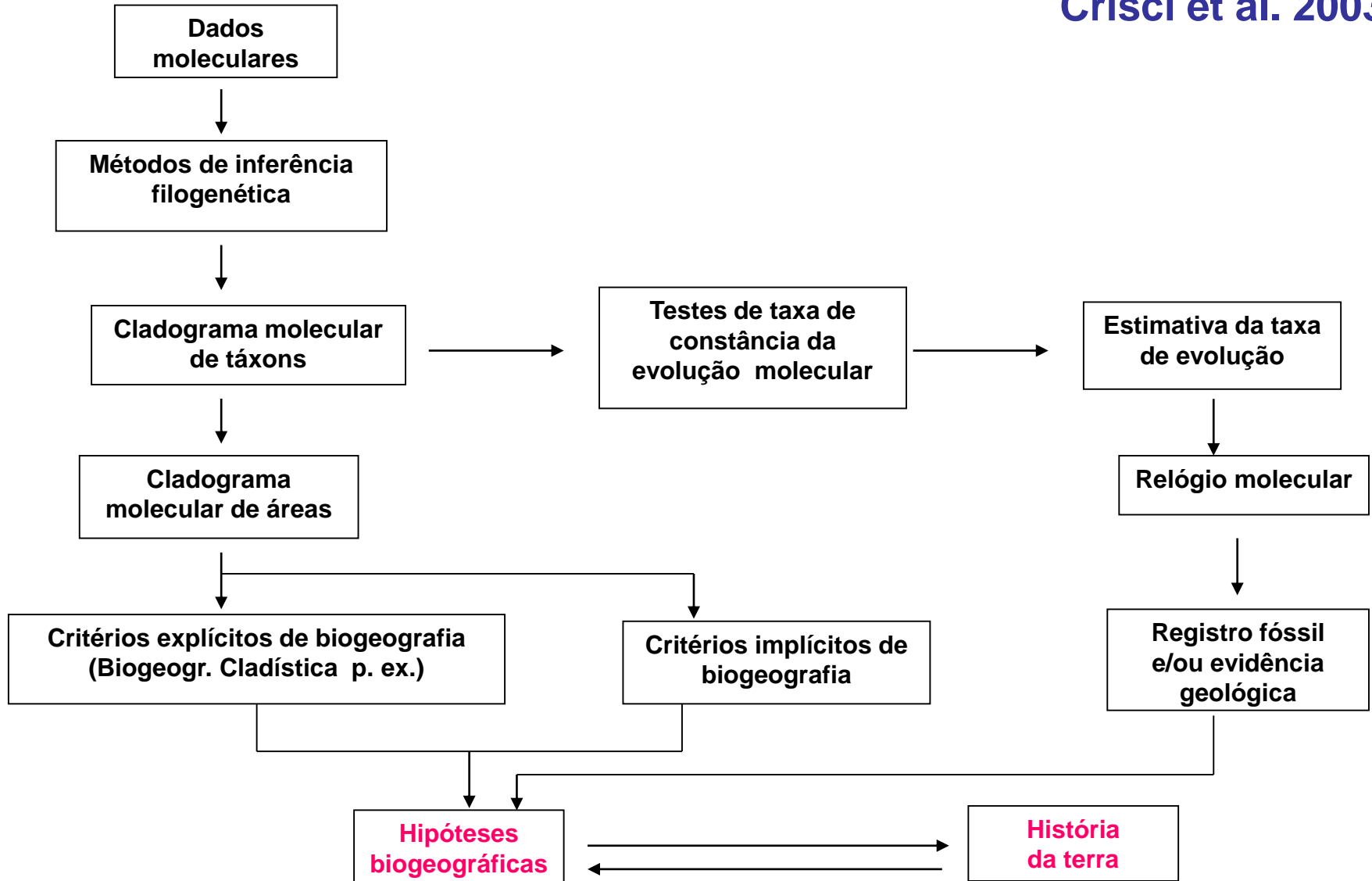


Fig. 5. Distribution of a clade in *Toxostoma* (Mimidae). 1 = *T. curvirostre*, 2 = *T. ocellatum*, 3 = *T. rufum*, 4 = *T. guttatum*, 5 = *T. longirostre*. Phylogeny from Lovette et al. (2012); distributions from IUCN (2016). Continuous lines = divergent and transform plate margins. Lines with barbs = subduction zones (barbs on over-riding plate). Plate boundaries simplified.

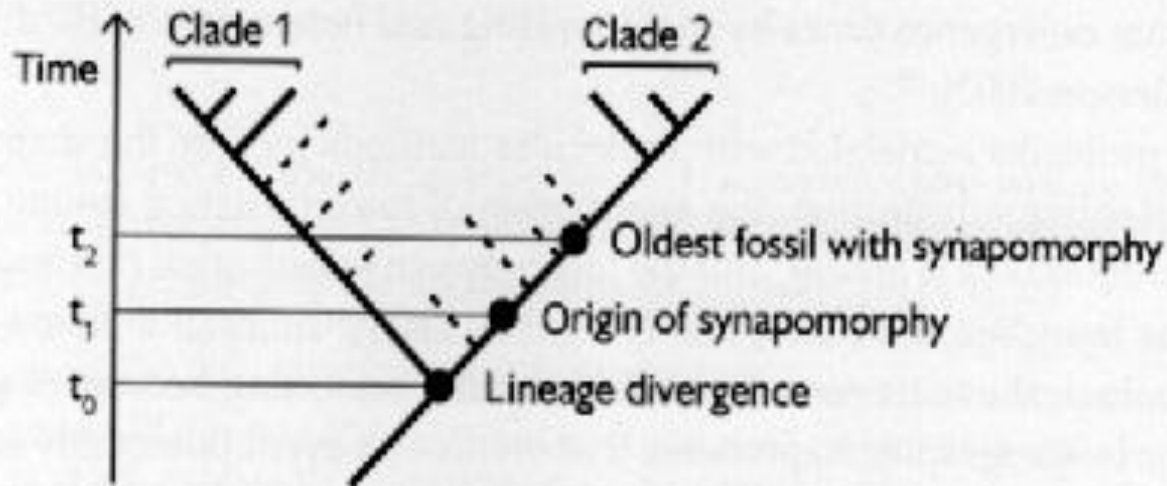
# PAPEL DOS DADOS MOLECULARES NA HISTÓRIA BIOGEOGRÁFICA

Crisci et al. 2003



## Limitações das datações nas filogenias moleculares: idades do grupo-copa (*crown-group*) e do grupo-tronco (*stem-group*)

*Viés: o fóssil só fornece a idade mínima do grupo (Heads 2012)*



*Figure 7.9* Relationship of lineage divergence, origin of a synapomorphy, and occurrence of the oldest fossil with the synapomorphy, according to Magallón (2004). There is a temporal gap between the divergence of a taxon and its sister taxon ( $t_0$ ), the origin of the synapomorphy ( $t_1$ ), and the occurrence of the oldest fossil bearing such synapomorphy ( $t_2$ ).

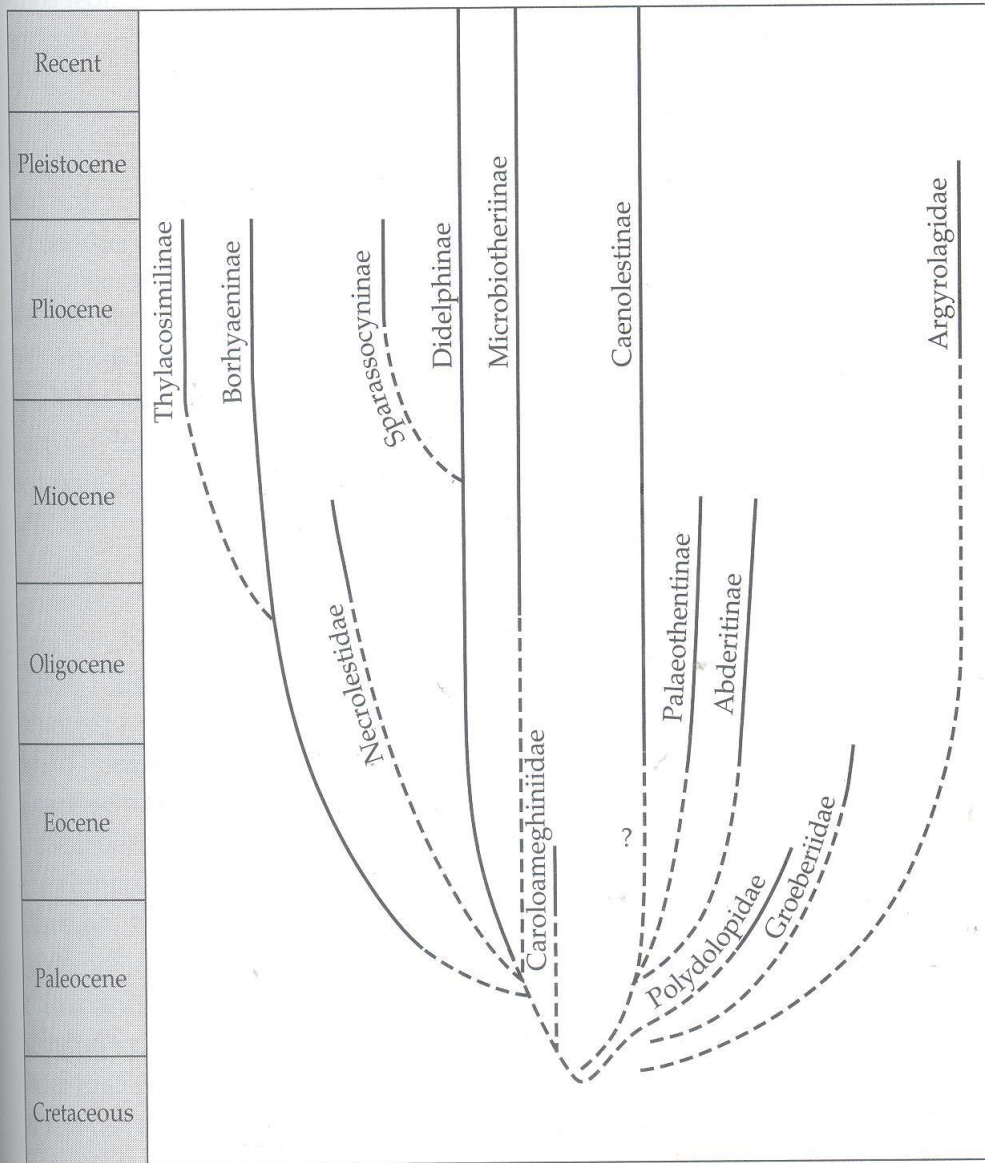
**Morrone 2009**



# Limitações das datações nas filogenias moleculares

# História evolutiva das famílias de marsupiais sul-americanos

Patterson & Pascual 1972  
apud Lomolino et al. 2006



**FIGURE 11.16** A phylogenetic hypothesis for the family-level relationships and evolutionary history of South American marsupials. The fossil record shows that this group had a wide radiation on the isolated South American continent during the early Cenozoic, but only three families have survived to the present. The solid lines show the known time spans of the families in the fossil record; the dashed lines show their inferred durations and relationships to other families. This hypothetical reconstruction uses a modification of cladistic methods, based on detailed information on the living forms supplemented by limited data on morphology and dates obtained from the fossils. A classification that employed molecular and strict cladistic techniques would show only the relationships among the three extant families, missing much of the rich history of this groups of South American mammals. (After Patterson and Pascual 1972.)

# "GIMNOSPERMAS"

## ◆ provavelmente é um grupo parafilético

- **Dados moleculares:** Chase *et al.* 1993, Doyle *et al.* 1994, Rydin *et al.* 2002, Soltis *et al.* 2002
- **Dados morfológicos:** Crane 1985, Doyle *et al.* 1994, Loconte & Stevenson 1990

## ◆ hipóteses recentes de monofilia do grupo

- **Dados moleculares:** Samigullin *et al.* 1999, Bowe *et al.* 2000, Chaw *et al.* 1997, Chaw *et al.* 2000, Soltis *et al.* 2002, Simpson 2006, Won & Renner 2006

**Carbonífero - Permiano**



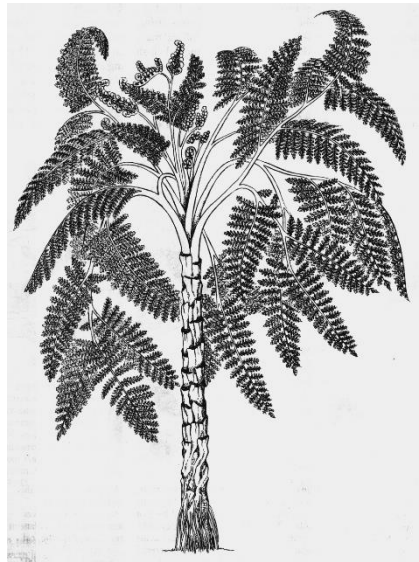
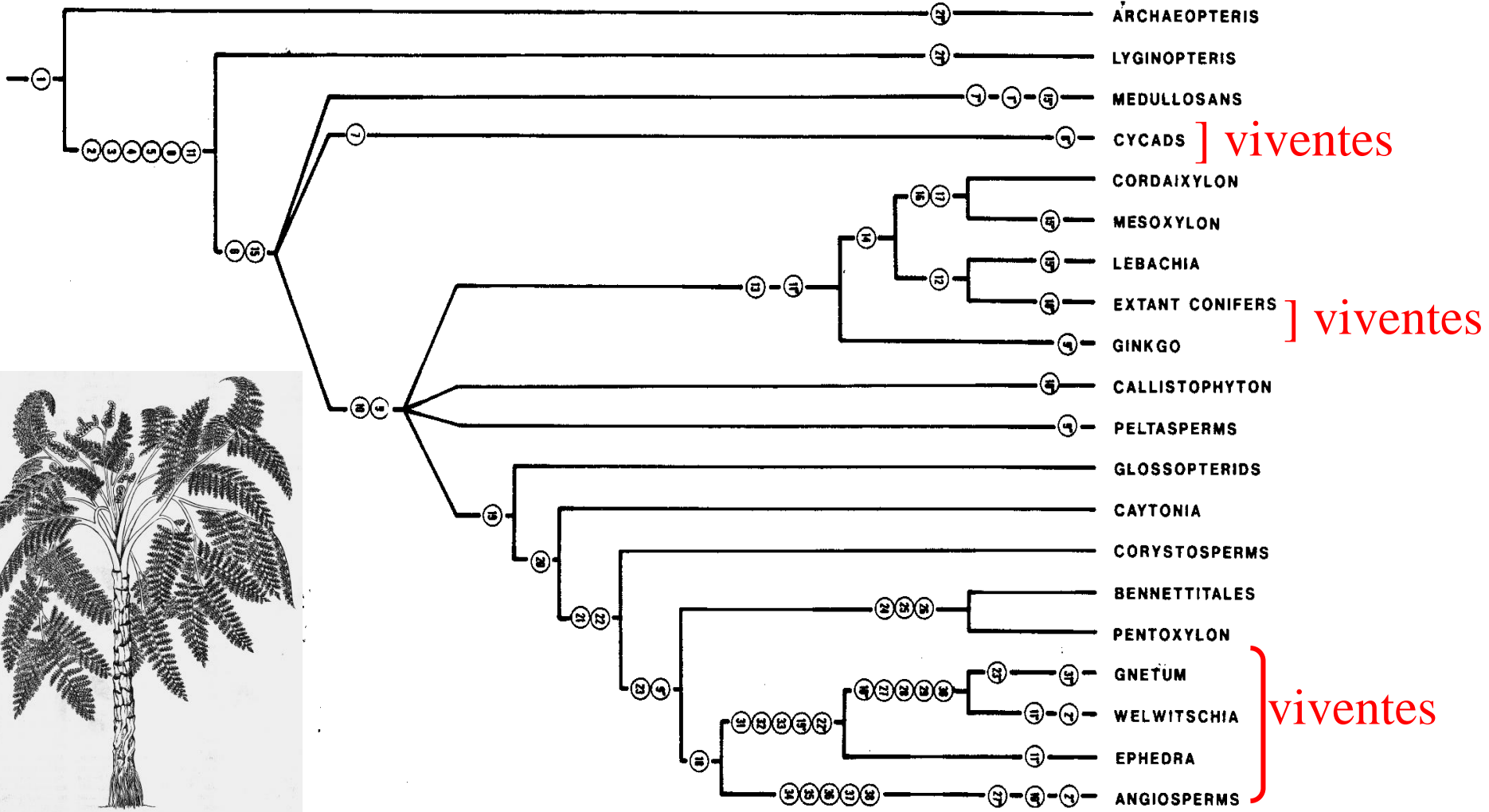
**Triássico**



**Cretáceo inferior**



# Acesso à informação paleontológica (campo praticamente exclusivo da morfologia)



*Medullosa*

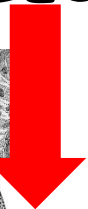
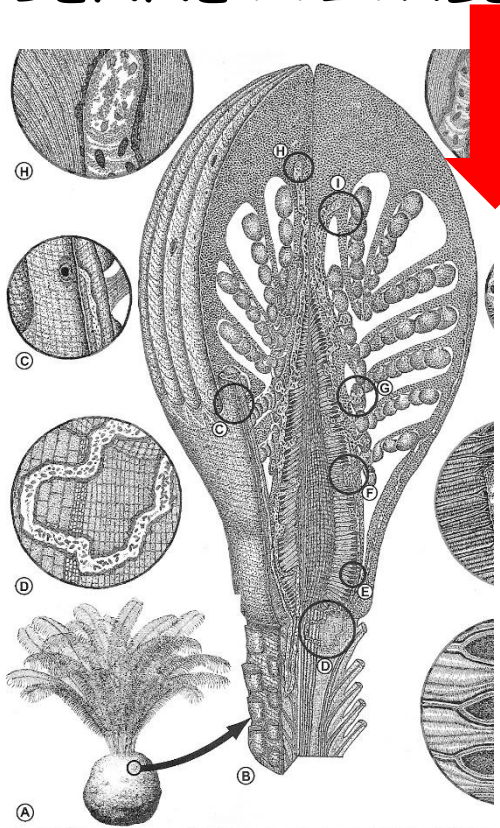
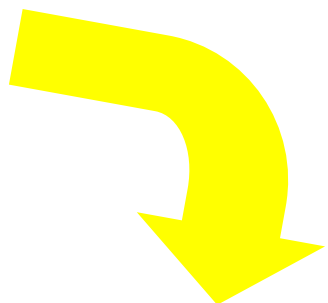
**Crane 1985**

PTERIDOSPERMALES - Carbonífero ao Permiano

CAYTONIALES - Permiano ao Triássico

GLOSSOPTERIDALES - Triássico ao Cretáceo

BENNETTITALES - Triássico ao Cretáceo



*Williamsoniella*



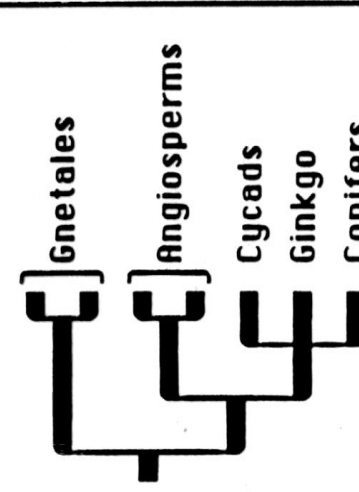
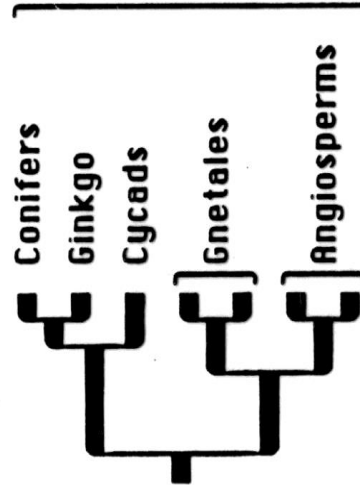
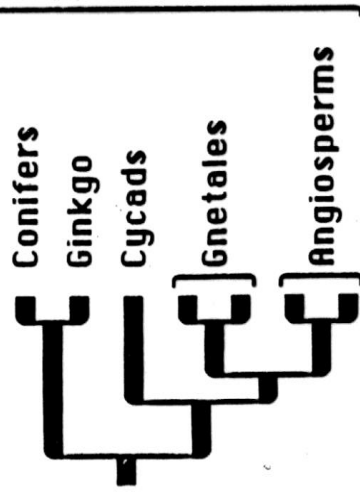
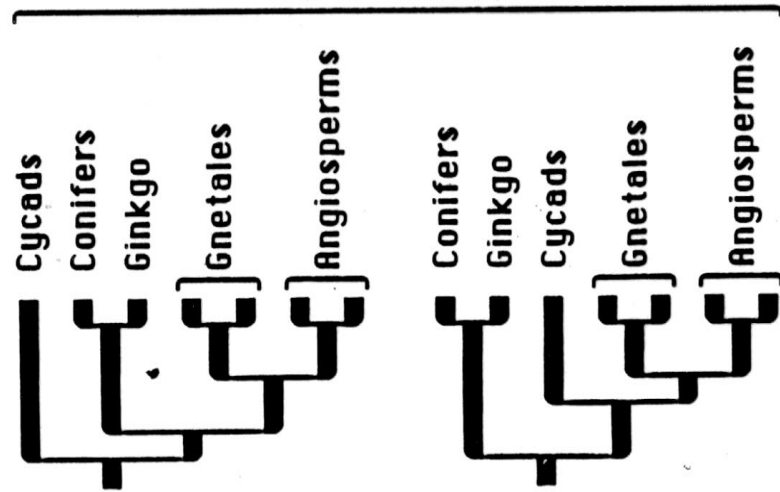
*Medullosa*

*Cycadeoidea*  
Labandeira et al. 2007

Gifford & Foster 1989

## Morphology

## Molecular data

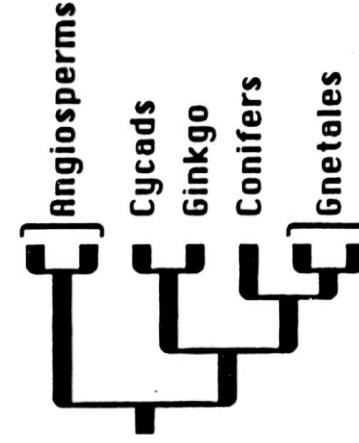
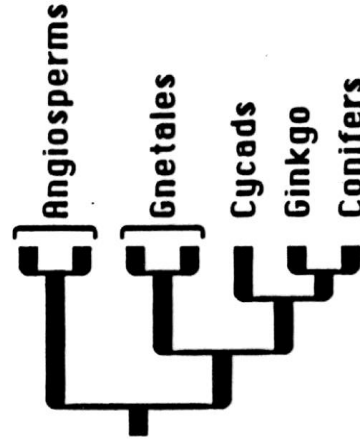
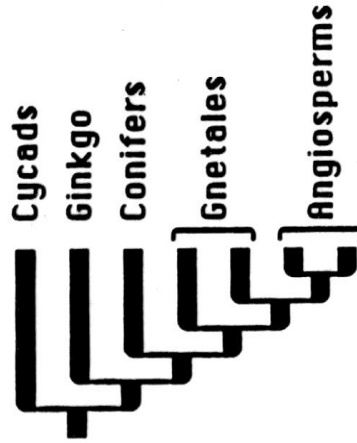
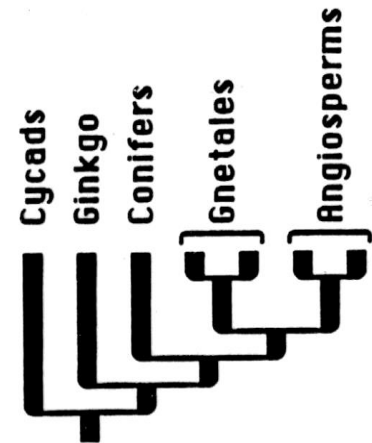


Crane 1985  
Doyle & Donoghue 1986, 1992  
Doyle 1996

Doyle & Donoghue 1986, 1992  
Doyle 1996

rRNA, Hamby & Zimmer 1992

rRNA, Hamby & Zimmer 1992  
rbcL, Albert et al. 1994



Loconte & Stevenson 1990  
Doyle & Donoghue 1992 (R)

Nixon et al. 1994

rbcL, Hasebe et al. 1992  
28S, Stefanovic 1996

cpITS, Goremykin et al. 1996  
18S, Chaw et al. 1997  
coxI, Bowe & DePamphilis 1997

Doyle  
1998

Figure 3 Relationships among living groups of seed plants found in different analyses of morphological and molecular data

# Won & Renner 2006

*rbcL* + *matK*  
Bayesian relaxed  
clock

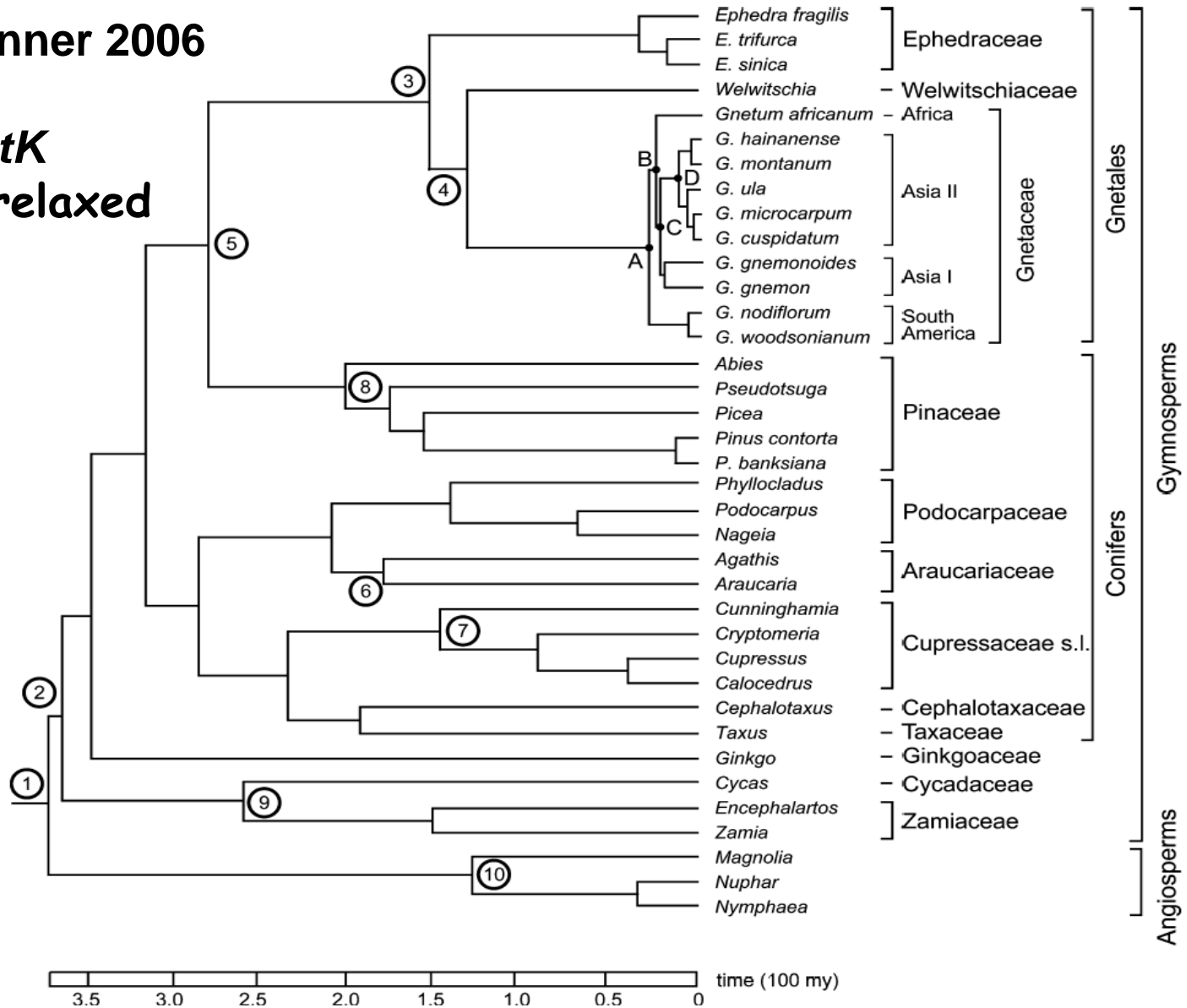
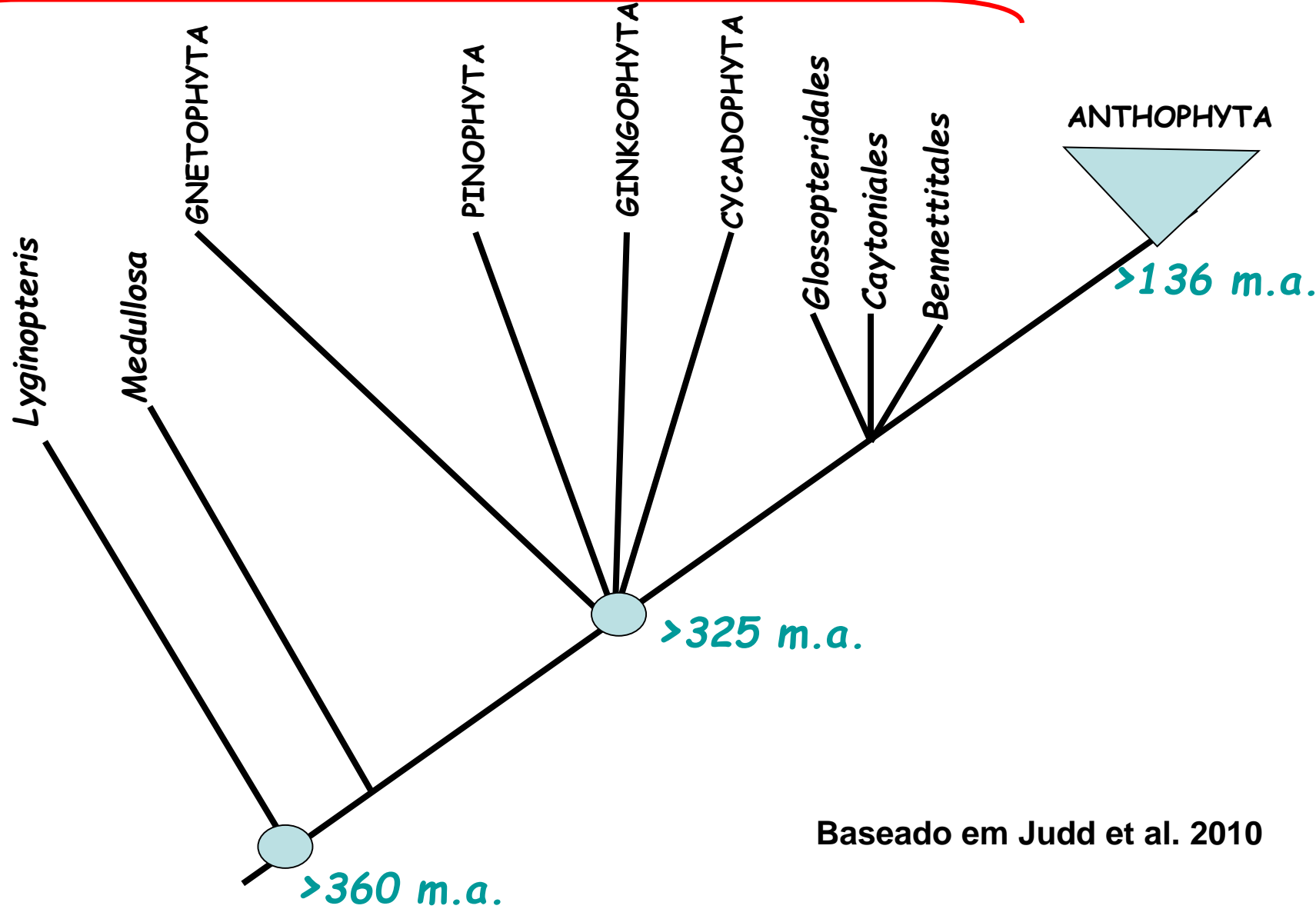


FIGURE 1. Divergence events in *Gnetum* estimated from the chloroplast genes *rbcL* and *matK* analyzed under a Bayesian relaxed clock, constrained by fossil-based minimal ages at nodes 2 to 9 (see Materials and Methods) and assuming that Gnetales are nested in the conifers (the so-called Gnepine topology). For results with four other seed plant topologies see Figures S1A–D. All analyses were rooted with *Psilotum* because the GenBank *matK* sequence of *Marchantia* appears to be a pseudogene. Nodes of particular biogeographic interest are A, the split between the South American clade of *Gnetum* and the remainder of the genus; B, the split between African and Asian *Gnetum*; C, the split between the two main Asian clades of *Gnetum*; and D, the onset of radiation of the most species-rich Asian clade.

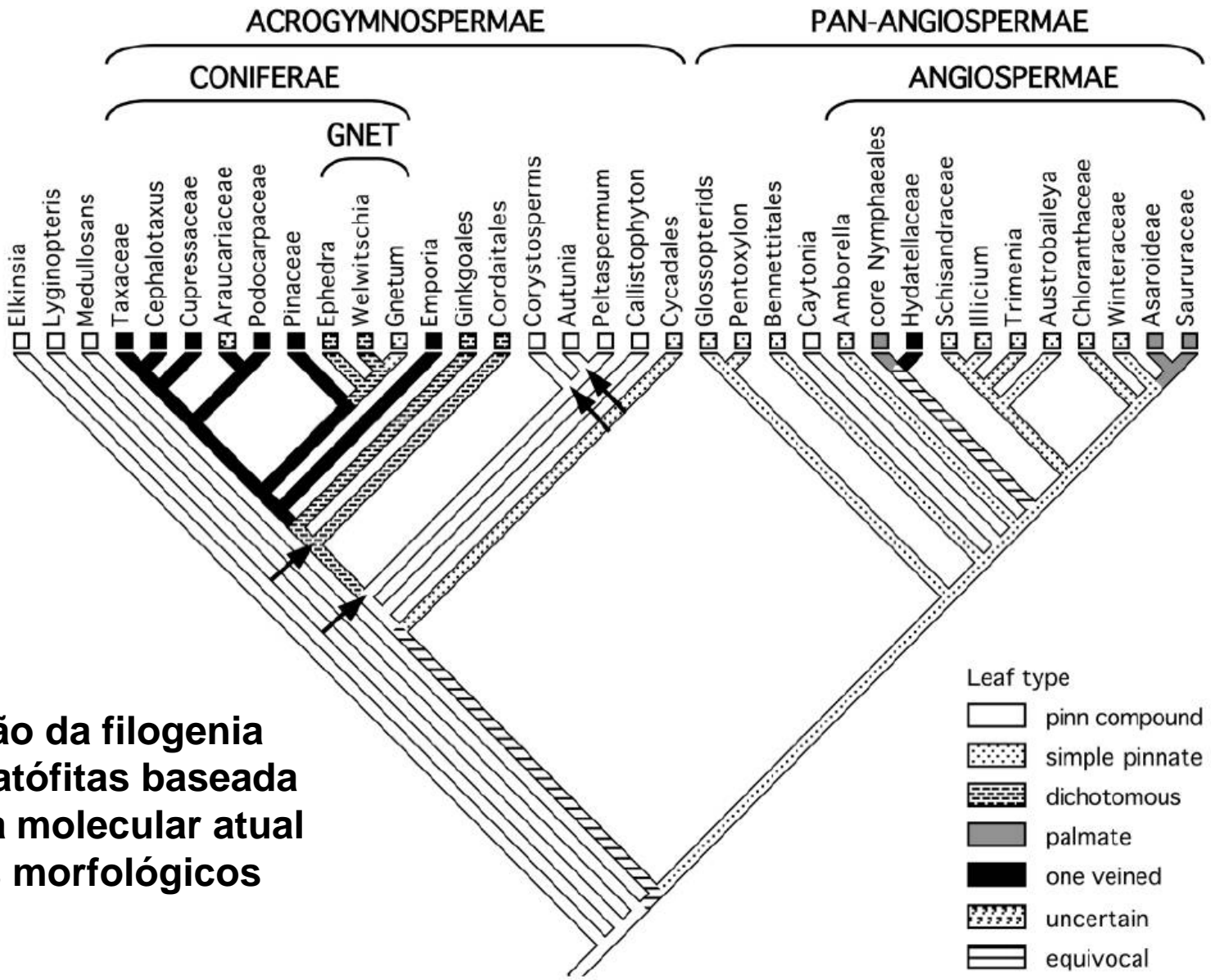
ESPERMATÓFITAS

"GIMNOSPERMAS"



Baseado em Judd et al. 2010





**Reconstrução da filogenia das espermatófitas baseada na topologia molecular atual e nos dados morfológicos de fósseis**

**Doyle 2008**

# CYCADOPHYTES

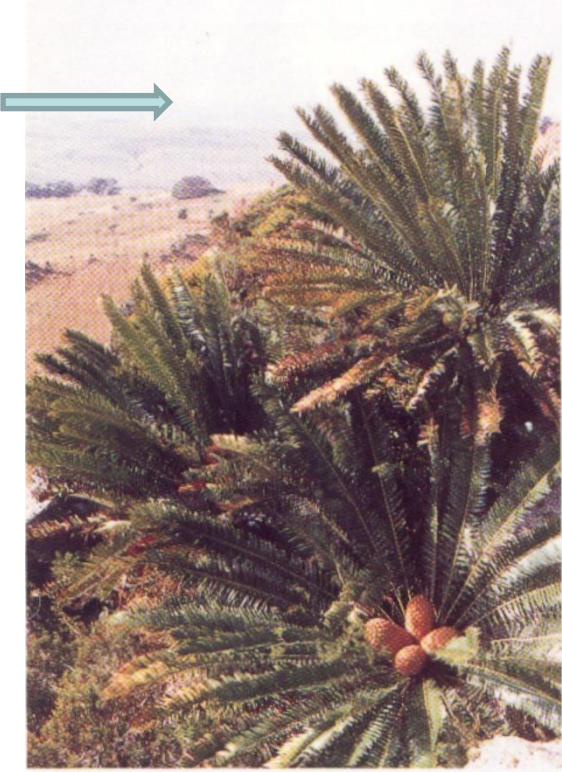
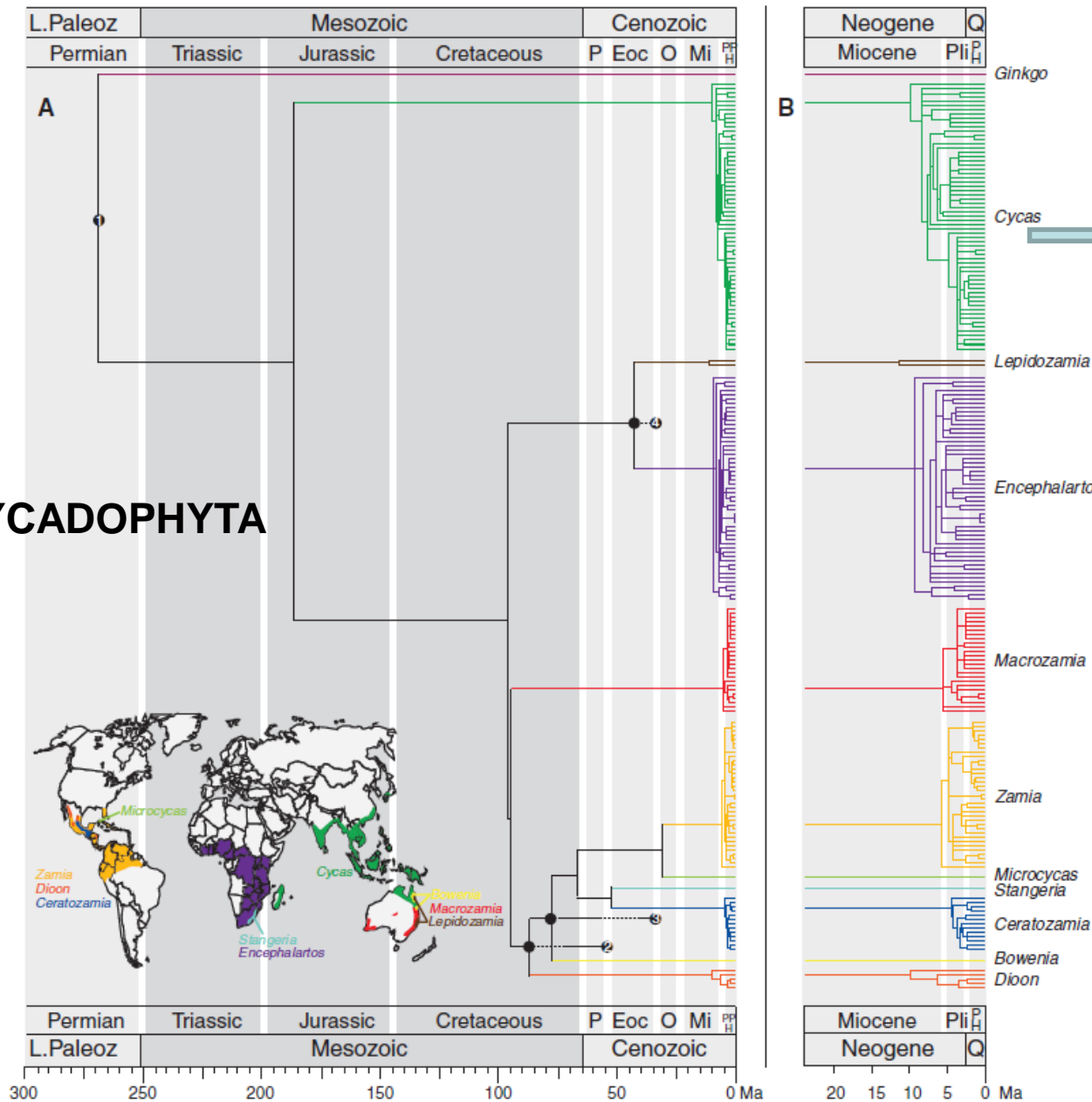


Fig. 1. Cycad timetree inferred from *PHYC* data assuming a relaxed molecular clock (12), and map showing geographic distribution of genera. (A) Timetree and (inset) distribution of genera. Numbered circles mark the ages of fossil constraints, and unnumbered circles mark the inferred ages of the constrained nodes (9).

Geographic distributions were obtained from (2). (B) Enlarged view of timetree from (A) focusing on the Miocene–Recent. L. Paleoz, Late Paleozoic; P, Paleocene; Eoc, Eocene; O, Oligocene; Mi, Miocene; PPH, Pleistocene–Pliocene–Holocene; Q, Quaternary; Pli, Pliocene; PH, Pleistocene–Holocene.

**Nagalingum et al. 2011**

# Distribution of living Cupressaceae reflects the breakup of Pangea

32 gên., 162 spp.  
Mao et al. 2012

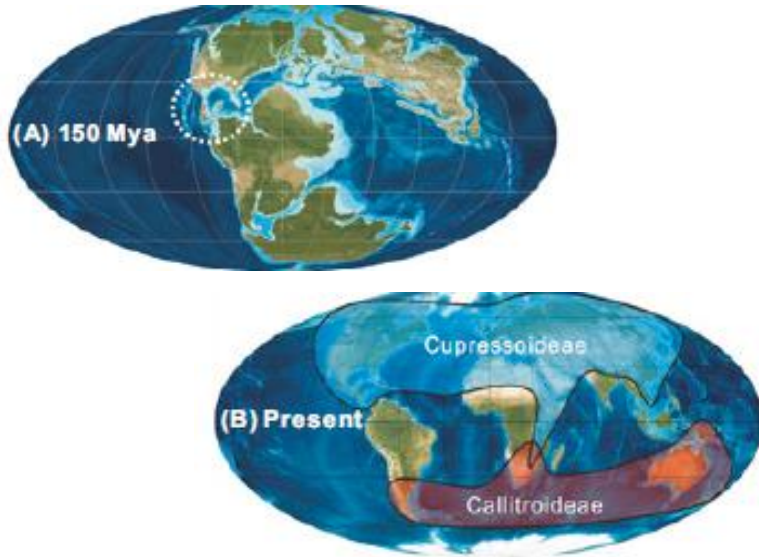
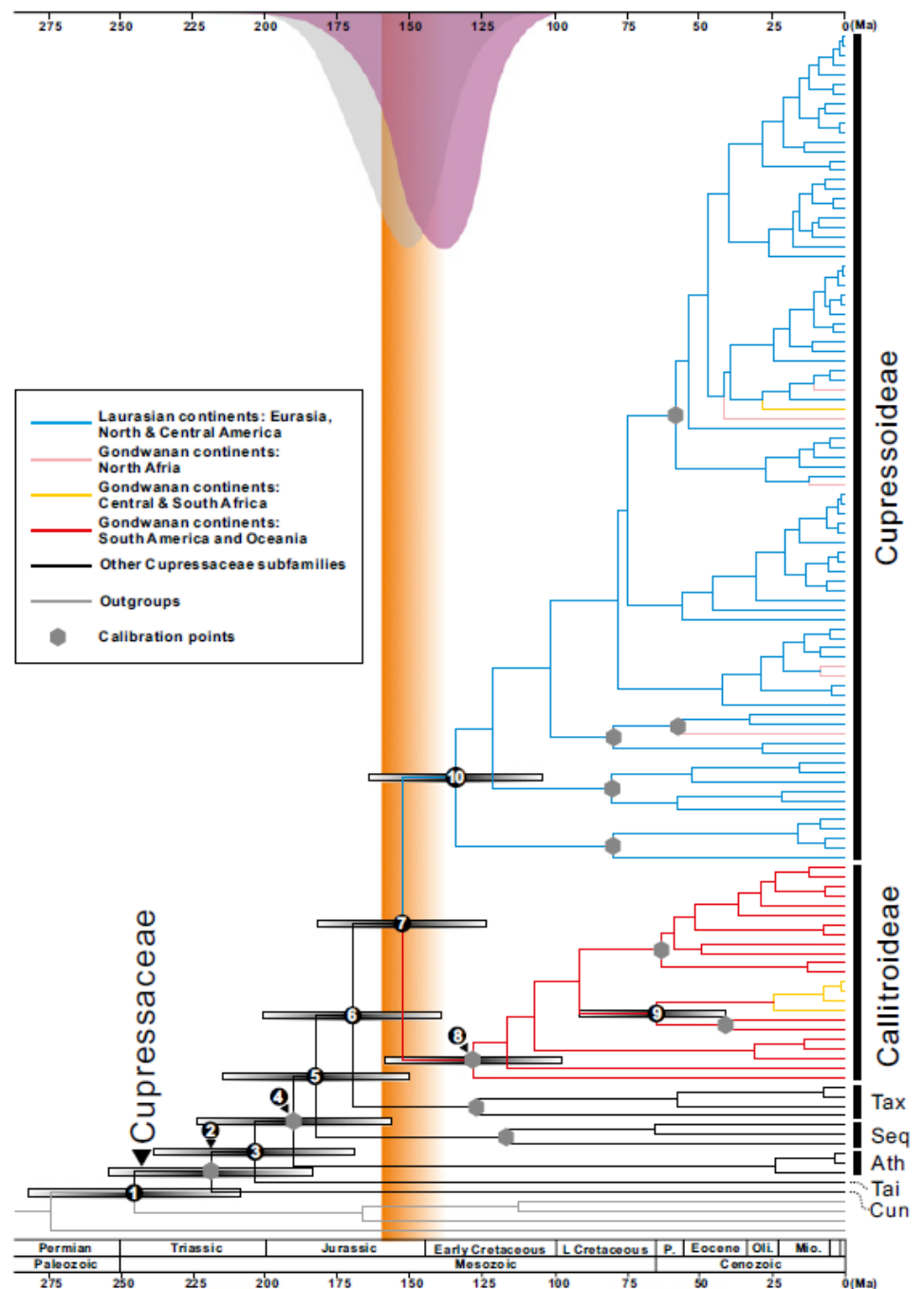
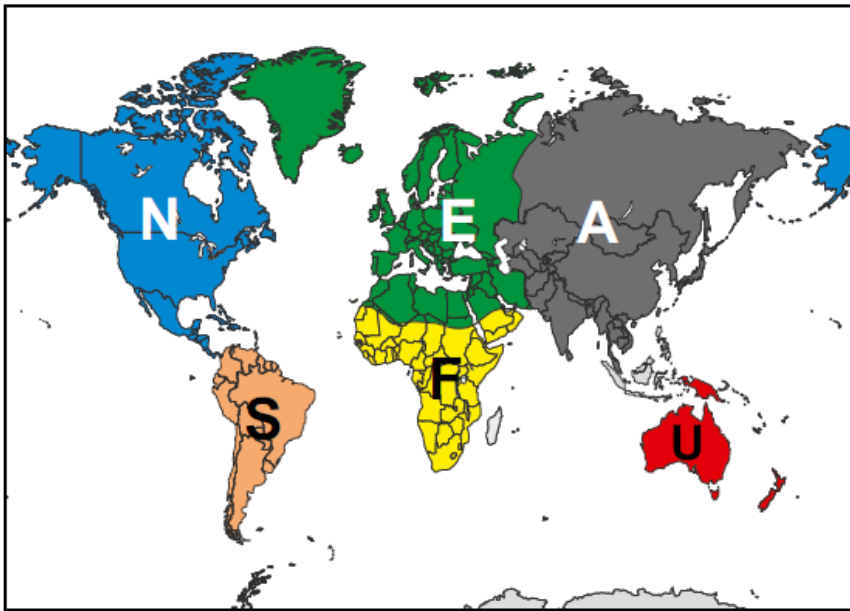
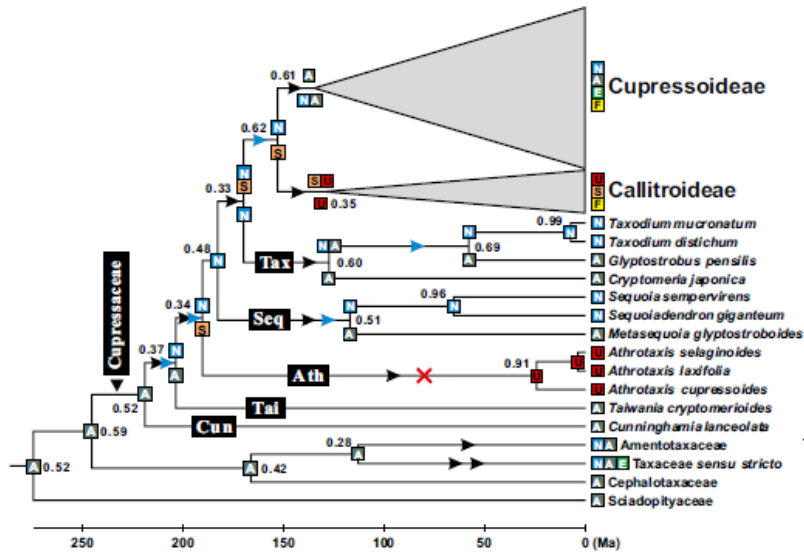


Fig. 1. (Upper) Chronogram for 122 Cupressaceae species and 22 outgroups based on an alignment of >7,000 nucleotides of plastid DNA (144-taxon dataset). A geological time scale is shown at the bottom (48). Blue lines represent Cupressoideae restricted to the area of Laurasian continents. Red lines represent Callitroideae restricted to Gondwanan continents. Pink lines represent species occurring in Africa in and north of the Sahara. Yellow lines represent species occurring in Africa south of the Sahara. Gray hexagons represent calibration points. Gray bars represent 95% HPD intervals for nodes 1–10. Gray (run 1) and purple (run 7) normal distributions represent the posterior for the BEAST age estimate of node 7 when uniform or lognormal priors were applied to calibration points. Orange shading indicates the period of decreasing feasibility of floristic exchange between Laurasia and Gondwana. Divergence times of nodes 5, 6, 7, 8, and 10 overlap with the fragmentation of Pangea. (Lower) Maps show (A) a paleocontinent reconstruction at 150 Ma and (B) the current distribution of Callitroideae and Cupressoideae. The stippled circle in A emphasizes island chains between North and South America; Ath, Athrotaxidoideae; Cun, Cunninghamioideae; Seq, Sequoioideae; Tai, Taiwanioideae; Tax, Taxodioidae. Reprinted with permission from



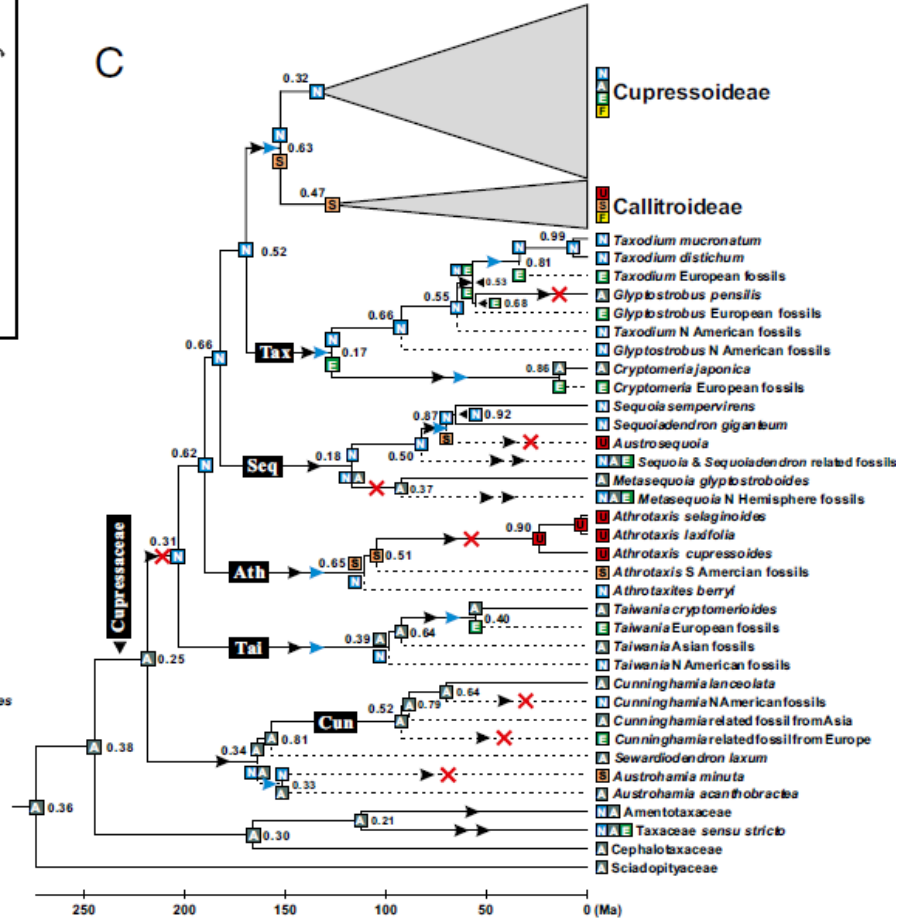


B



- Dispersal resulting in range expansion
- Cladogenesis by vicariance
- × Local extinction

C



Cupressaceae  
Ancestral Areas and Diversification Rate Changes.

Mao et al. 2012

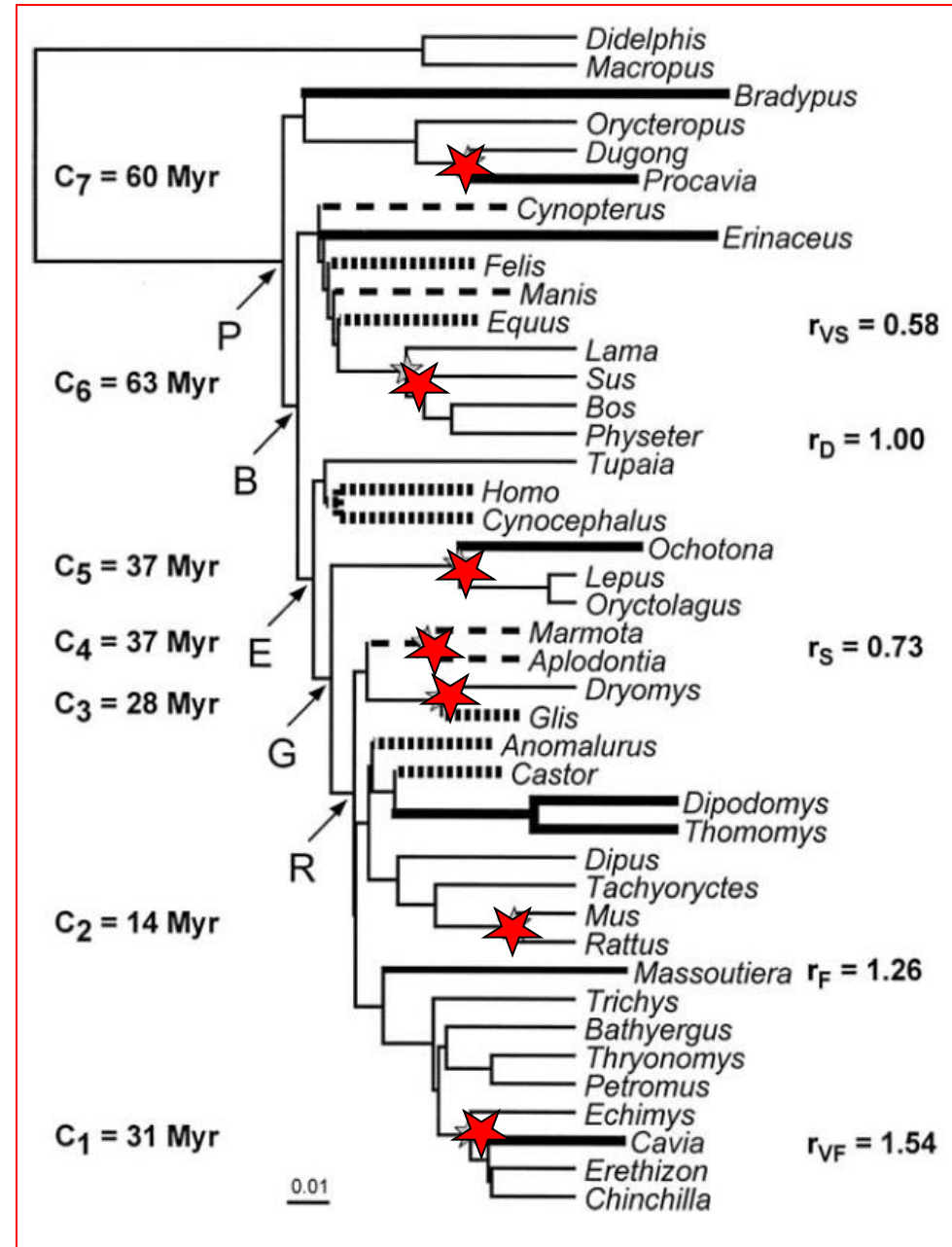


# Some date problems

- Divergence between:
  - Molecular data against fossil date
    - Marsupials and Eutherians (104 vs. >218 Mya)
    - Humans and gorillas (8 vs. 18 Mya)  
(Douzer et al. 2003)
  - Various molecular dates:
    - Rat and mouse
      - Fossil date = 14 Mya
      - Molecular date = 33 Mya, 35 Mya, 41 Mya, 42 Mya, and 23 Mya

- 7 Calibration points
  - Together none were congruent with paleontological dates
  - 3 points recovered
  - 2 dates

Dodson 2003

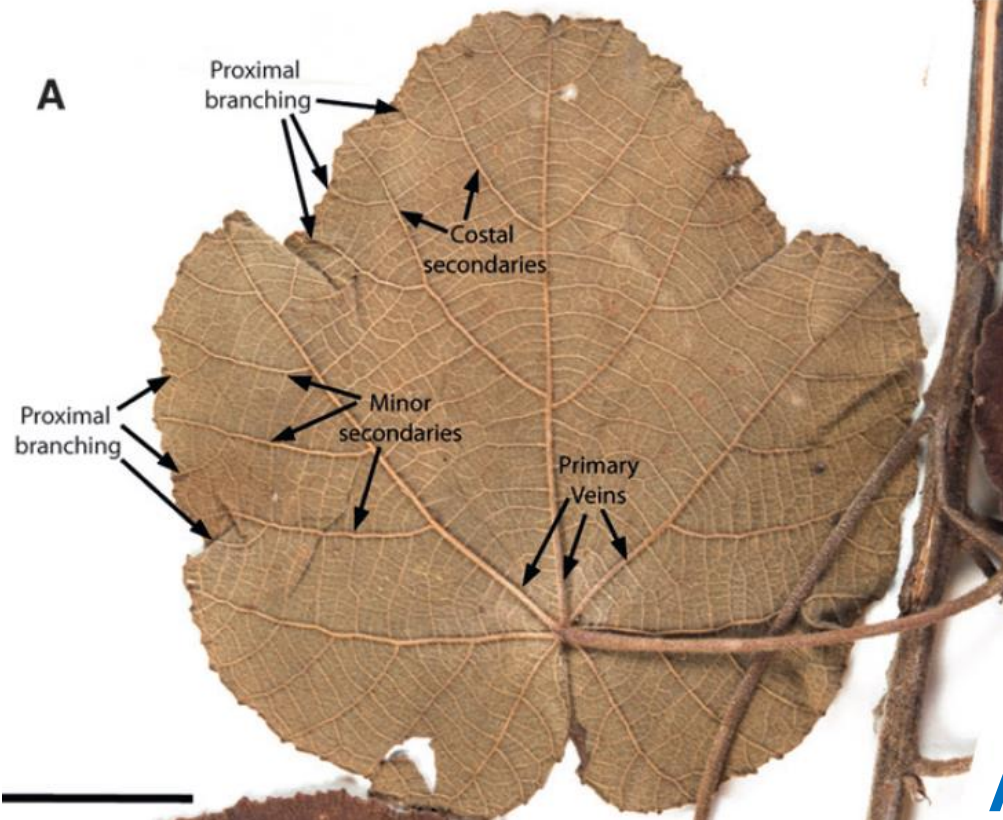


*Malvaciphyllum macondicus*



**FÓSSIL**

**A**



**Malvaceae - Colômbia**  
**PALEOCENO médio**

**ATUAL**

**Carvalho et al. 2011**



---

# PALEOCENE MALVACEAE FROM NORTHERN SOUTH AMERICA AND THEIR BIOGEOGRAPHICAL IMPLICATIONS<sup>1</sup>

MÓNICA R. CARVALHO<sup>2-4,7</sup>, FABIANY A. HERRERA<sup>3,5</sup>, CARLOS A. JARAMILLO<sup>3</sup>,  
SCOTT L. WING<sup>6</sup>, AND RICARDO CALLEJAS<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Instituto de Biología, Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia; <sup>3</sup>Smithsonian Tropical Research Institute, CTPA, Panama City, Panama; <sup>4</sup>Department of Geosciences, Pennsylvania State University, University Park, Pennsylvania 16802 USA; <sup>5</sup>Department of Biology and Florida Museum of Natural History, University of Florida, Gainesville, Florida 32611 USA; and <sup>6</sup>Department of Paleobiology, Smithsonian Museum of Natural History, Washington D.C. 20013 USA

- *Premise of the study:* The clade Bombacoideae + Malvoideae ('Malvatheca group' sensu Baum et al.) in Malvaceae comprises a mostly tropical lineage with derived taxa that now thrive in higher latitudes. The sparse fossil record, especially for Malvoideae, obscures interpretations of past distributions. We describe fossil leaves of Malvoideae from the middle-late Paleocene Cerrejón Formation in Colombia, which contains evidence for the earliest known neotropical rainforest.
- *Methods:* Fifty-six leaf compressions belonging to Malvaceae were collected from the Cerrejón Formation in northern Colombia. Leaf architectural characters were scored and optimized for 81 genera of Malvaceae. Synapomorphic characters and unique character combinations support natural affinities for the fossil leaves. Fossil pollen from the same formation was also assessed.
- *Key results:* Despite convergence of overall leaf architecture among many Malvaceae, *Malvaciphyllum macondicus* sp. nov. can be assigned to the clade Eumalvoideae because of distal and proximal bifurcations of the costal secondary and agrophic veins, a synapomorphy for this clade.
- *Conclusions:* The leaf compressions, the oldest fossils for Eumalvoideae, indicate a minimum divergence time of 58–60 Ma, older than existing estimates from molecular analyses of living species. The abundance of eumalvoid leaves and of bombacoid pollen in the midlate Paleocene of Colombia suggests that the Malvatheca group (Malvoideae + Bombacoideae) was already a common element in neotropical forests and does not support an Australasian origin for Eumalvoideae.

# Palinofósseis *Tubulifloridites* (ASTERACEAE) do Cretáceo na Antártida:

Datados 76-66 m.a. = 20 m.a. mais antigos que os conhecidos até hoje.

Barreda et al. 2015

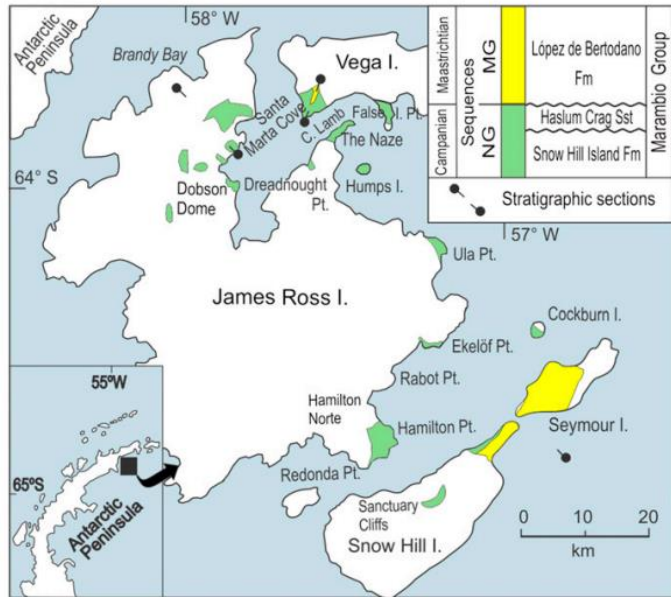


Fig. 1. Map showing distribution of Upper Cretaceous rocks of the Snow Hill Island and López de Bertodano Formations. The studied sections in Brandy Bay–Santa Marta Cove (James Ross Island) and Cape Lamb (Vega Island) are also indicated. Adapted from Olivero (7).

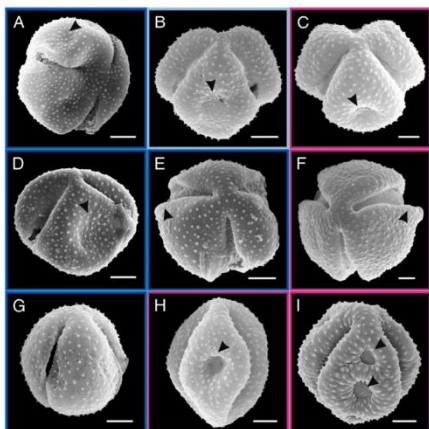


Fig. 4. Fossil and extant representatives of Asteraceae observed by scanning electron microscopy. (A, D, E, G) Specimens of *Tubulifloridites lilliei* type A from the Late Cretaceous of Antarctica (blue frames). (A) Subpolar view showing details of sculpture and poorly defined depressions (arrowhead); note the microgranulate apertural membrane. (D) Subequatorial view showing a poorly defined depression (arrowhead). (E) Polar view with small apocolpium and thickened colpi margins. (G) Equatorial view showing the microechinate-baculate-verrucate sculpture. (B) Specimen of *Quilimbaypollis tayuoides* Barreda and Palazzi from the Miocene of Patagonia (light blue frame) that shares morphological features with both the Cretaceous and extant asteraceous specimens; note the microechinate-baculate sculpture. (C, F, H, I) Extant species of *Dasyphyllum* (pink frames) showing variations in the development and number of intercolpal depressions. (C and H) *Dasyphyllum inerme* (Rusby) Cabrera. (F) *Dasyphyllum latifolium* (Gardner) Cabrera. (I) *Dasyphyllum leptacanthum* (Gardner) Cabrera. (Scale bars, 5 µm.)

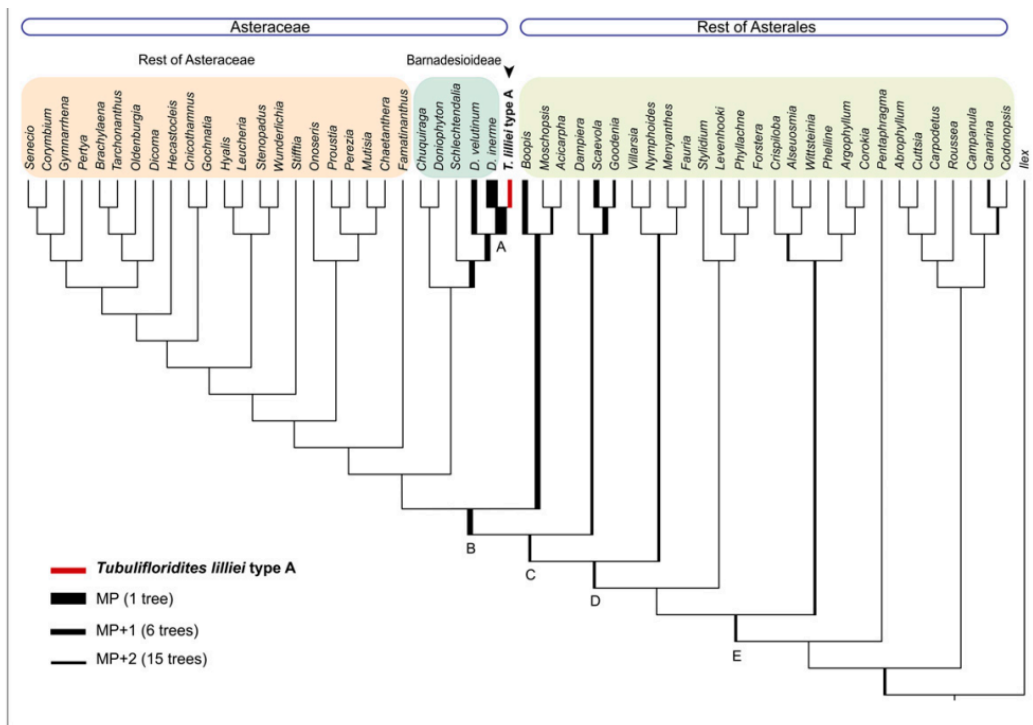
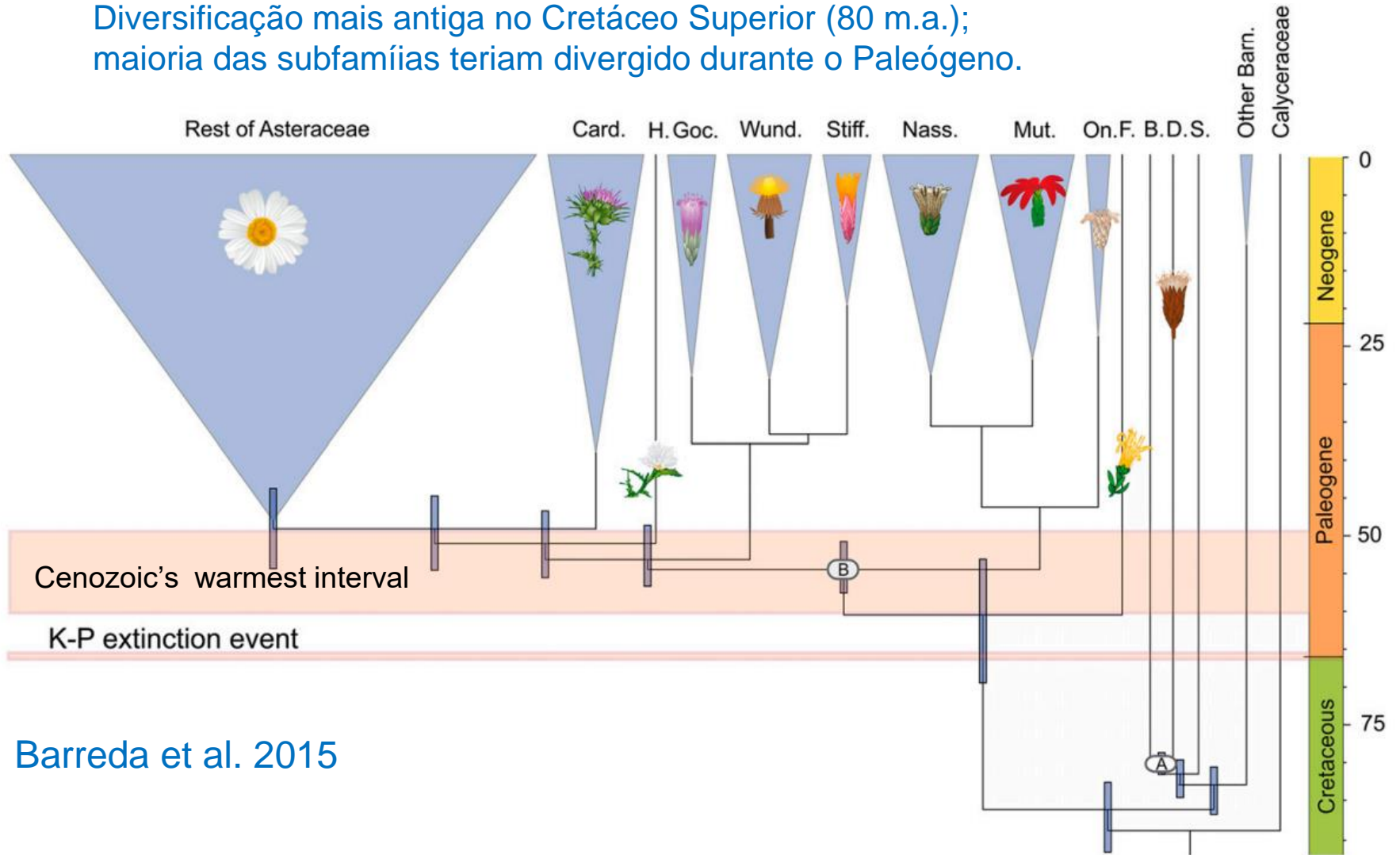


Fig. 2. Phylogenetic analyses of the fossil taxa. Branching positions of the fossil *T. lilliei* type A mapped onto a backbone tree derived from a molecular analysis of Beaulieu et al. (4), with some asteracean taxa added, following a recent comprehensive analyses of Panero et al. (24). Thicker black lines indicate the most parsimonious (MP), one step less parsimonious (MP + 1), and two steps less parsimonious (MP + 2) positions for *T. lilliei* type A. Letters indicate the nodes used to calibrate alternative scenarios, A: Fig. 5; B–E: Fig. S5 and Table S2.

# Cronograma das principais linhagens de ASTERACEAE

Diversificação mais antiga no Cretáceo Superior (80 m.a.);  
 maioria das subfamílias teriam divergido durante o Paleógeno.



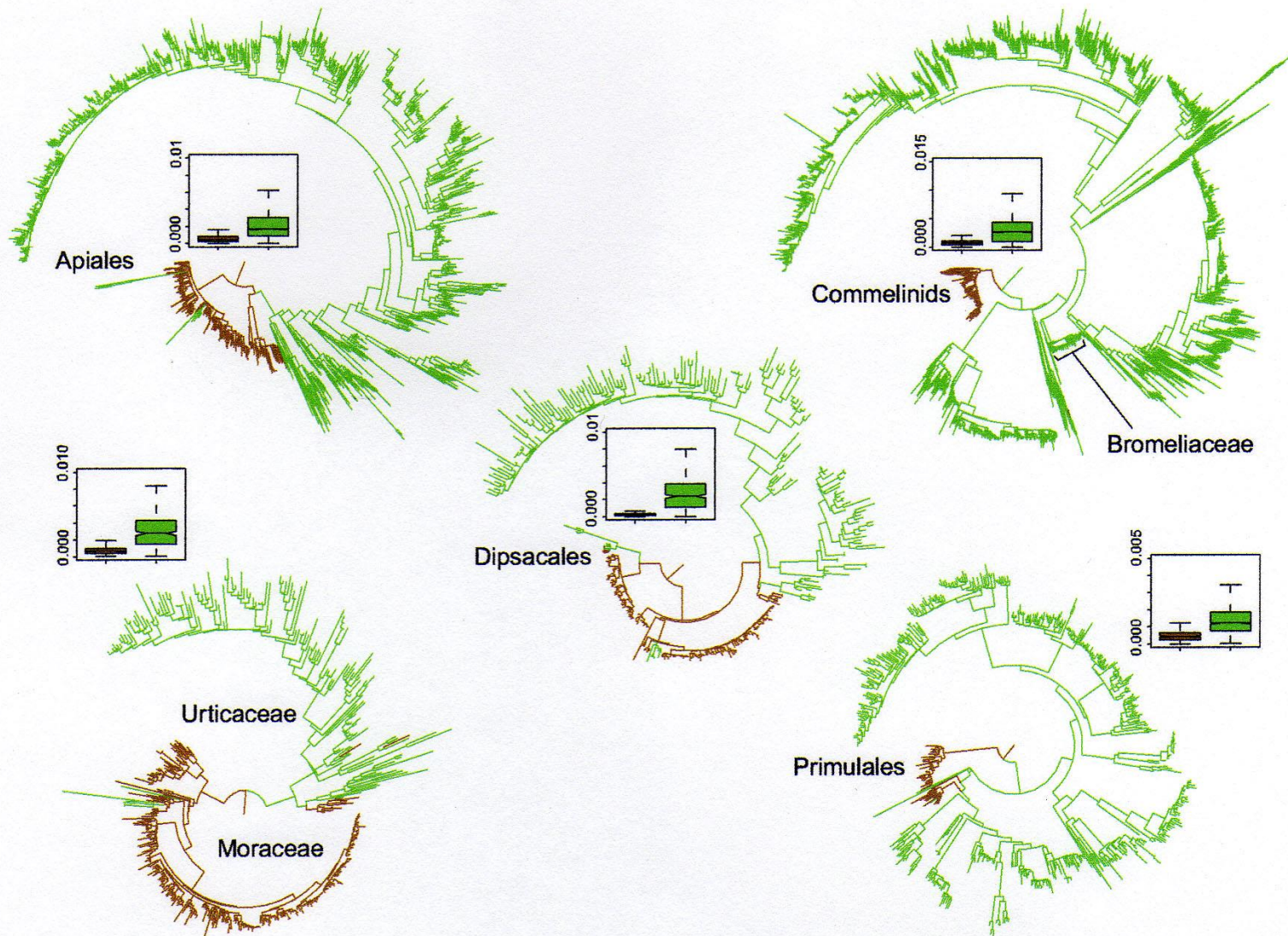
Barreda et al. 2015

**Fig. 5.** Evolutionary timescale of the diversification of Asteraceae. Chronogram (scale on the right in Mya) estimated using a Bayesian relaxed clock calibrated with a previously described fossil inflorescence from the Eocene ("B") and our newly discovered specimens from the Cretaceous of Antarctica ("A"). We assume that this Cretaceous species (*T. lilliei* type A) represents an extinct branch nested within *Dasyphyllum* (crown representative). Other possible calibration scenarios are illustrated in Fig. S5. Light-blue bars at nodes represent 95% credibility intervals on estimates of divergence times. Orange horizontal lines indicate the timing of the K-P extinction event and the Cenozoic's warmest interval. Most subfamilies of Asteraceae diverged during the Paleogene, but the earliest divergence occurred in the Late Cretaceous. B., *Barnadesia*; Barn., Barnadesioideae (91 species); Card., Carduoideae (2,500+ species); D., *Dasyphyllum*; F., Famatinanthoideae (1 species); Goc., Gochnatioideae (90 species); H., Hecastocleidoideae (1 species); Mut., Mutisieae (254 species); Nass., Nassauvieae (313 species); On., Onoserioideae (52 species); S., *Schlechtendalia*; Stiff., Stifftioideae (44 species); Wund., Wunderlichioideae (41 species); rest of Asteraceae (19,600 + species).

# Problems

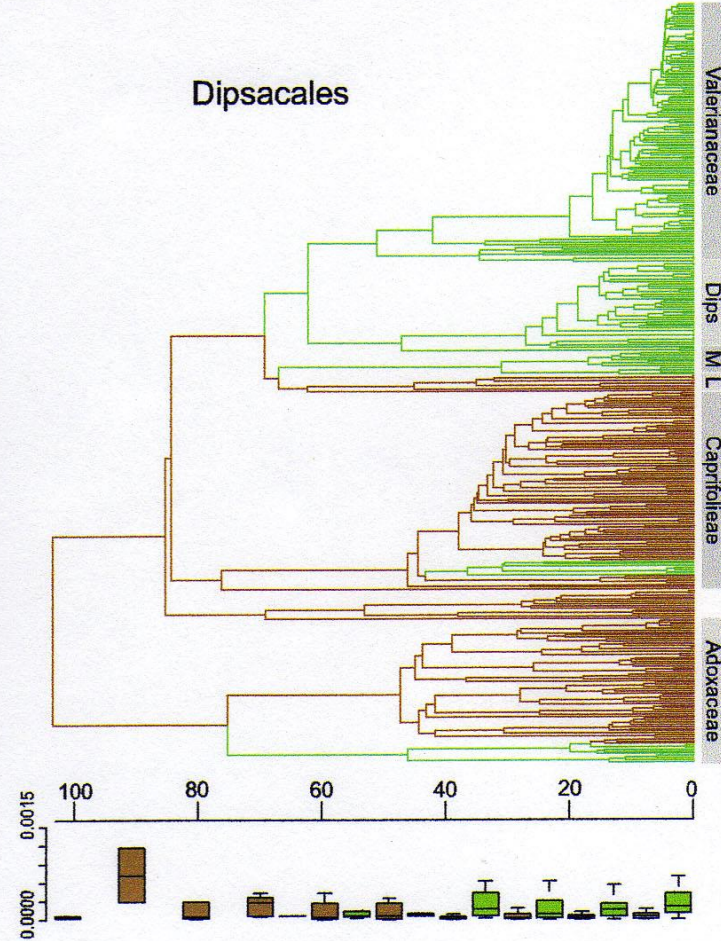
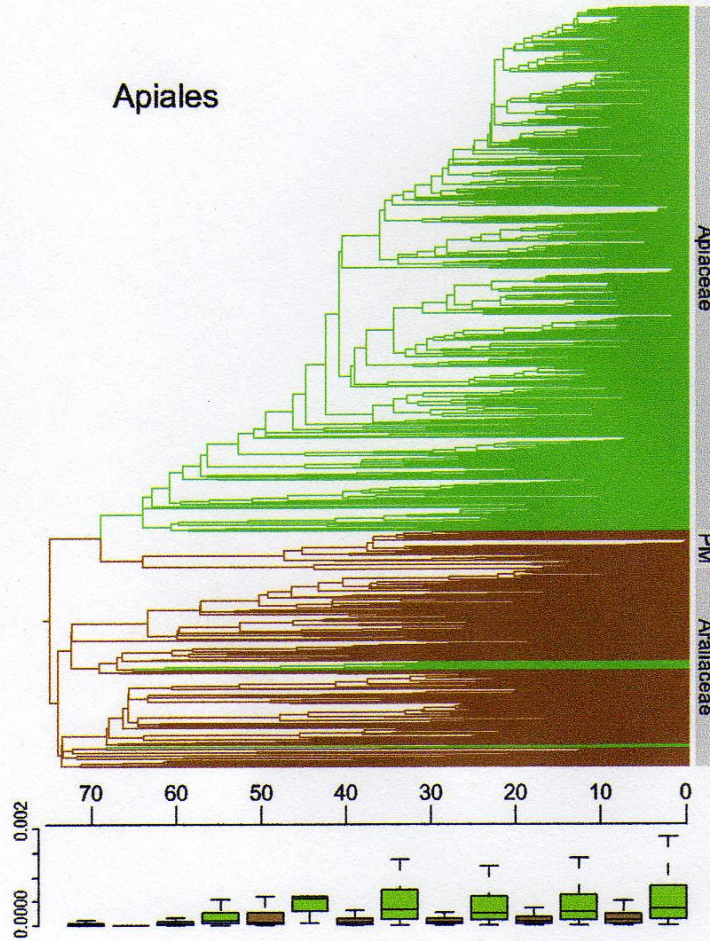
- DNA of even closely related species may evolve at different rates (Welch and Bromham 2005)
  - Mice have consistently faster rates than humans (2:1 synonymous substitutions) (Hermann 2003)
  - Using a constant rate between “Mice and Men” the molecular date is too old
- Cladograms based on morphology data and molecular data are only moderately congruent (Hermann 2003)

**Fig. 1.** Phylogenies of five angiosperm clades with branch lengths proportional to substitutions per site. Branch colors represent inferred life history states (brown for trees/shrubs; green for herbs). Box plots show substitutions per site per million years for the inferred life history categories; centerline represents the median, hinges mark the first and third quartiles, whiskers extend to the lowest and highest non-outlier. Outliers (not shown) have values  $>1.5$  times beyond the first or third quartiles.

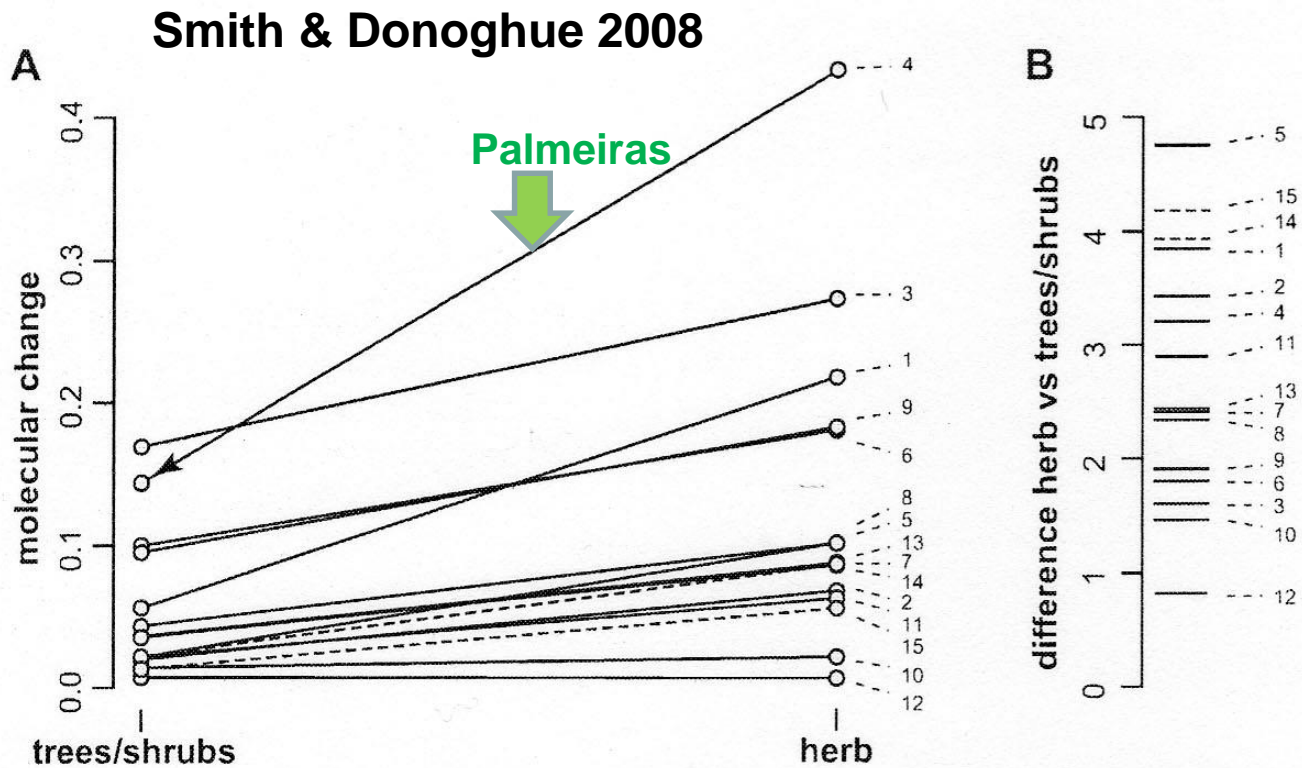


**Smith & Donoghue 2008 - Taxas de evolução ligadas a história de vida em plantas**

**Fig. 2.** Dated phylogenies for Apiales and Dipsacales with substitutions per site per million years plotted for 10-million-year intervals through the life of the clade. Branch colors represent inferred life history states (brown for trees/shrubs; green for herbs). Box plots as in Fig. 1. PM, Pittosporaceae and Myodocarpaceae; Dips, Dipsacaceae; M, Morinaceae; L, Linnaeaceae.



Smith & Donoghue 2008



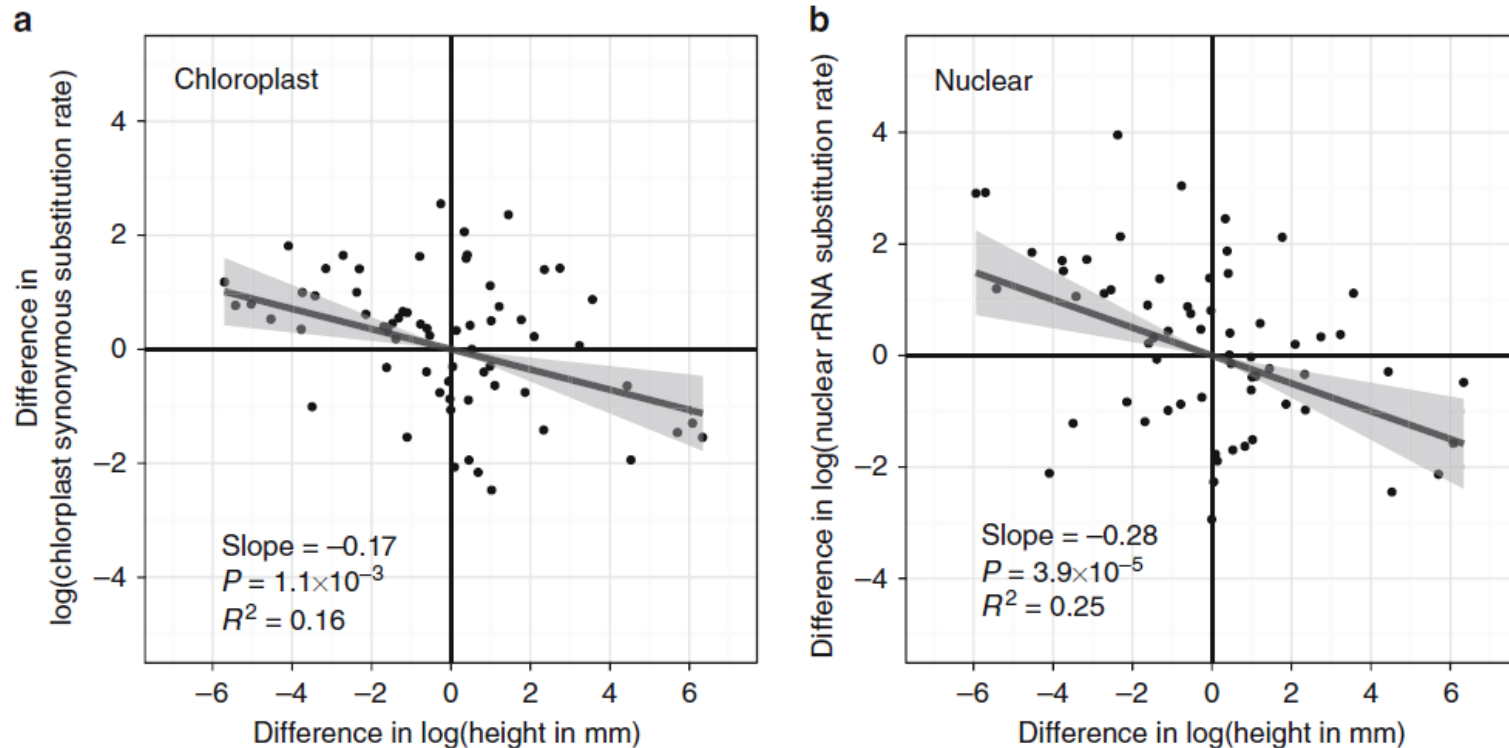
**Fig. 3.** Branch-length contrasts for trees/shrubs versus herbs. **(A)** Lines are drawn between the accumulated average molecular branch lengths for each tree/shrub clade and its sister herbaceous clade (numbers correspond to those in Table 1). All evolutionary shifts were inferred to be from trees/shrubs to herbs except for the evolution of palms within monocotyledons (arrowhead in contrast 4). Contrasts 1 to 13 were used in an initial sign test ( $P = 0.00342$ ). Alternative contrasts within the Dipsacales (14 and 15) are marked by dotted lines and were substituted for 11 to 13 in one test ( $P = 0.00049$ ); contrasts 11 to 15 were omitted in a third test ( $P = 0.00195$ ). **(B)** Magnitude of change between each tree/shrub clade and its herbaceous sister clades; values above 1 show higher rates of molecular evolution in herbs than in trees/shrubs.

**+ ABRUPT DECELERATION OF MOLECULAR EVOLUTION LINKED TO THE ORIGIN OF ARBORESCENCE IN FERNS**

**Korall et al. 2010**

# Taller plants have lower rates of molecular evolution

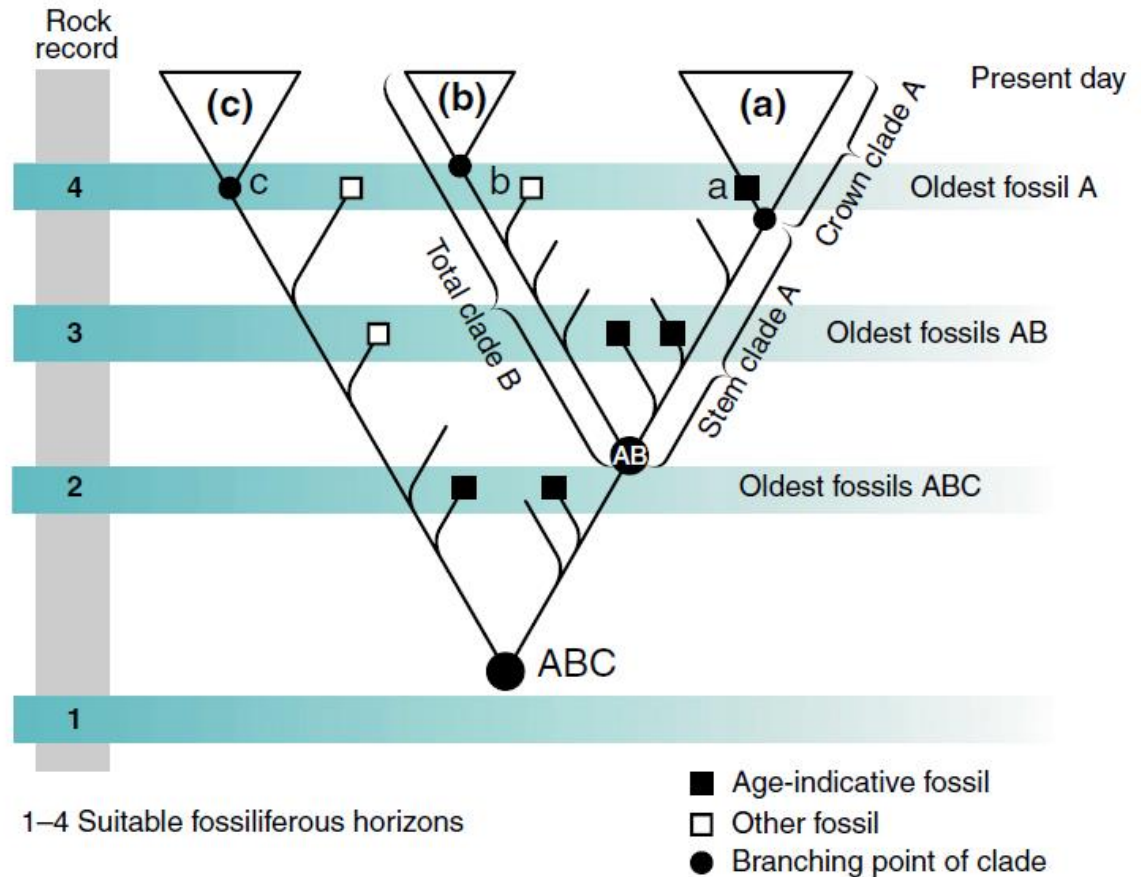
Lanfear et al. 2013: 138 famílias de angiospermas



**Figure 1 | The relationship between plant height and rates of molecular evolution in angiosperms.** Differences in the logarithms of plant height and rates of molecular evolution were measured for sister pairs of angiosperm families. Regressions through zero show a significant negative association between plant height and synonymous substitution rates measured from protein-coding genes in the chloroplast genome (**a**), and between plant height and substitution rates in rRNA genes in the nuclear genome (**b**). In each panel, the best-fit line (dark grey) was estimated using linear regression through the origin, with the 95% confidence intervals around this line shown in light grey (see main text).



# Clarke et al. 2011. Establishing a time-scale for plant evolution.



**Fig. 1** Definitions of terms used in assigning fossils to clades. The crown clade consists of all living species and their most recent common ancestor, and this is preceded by a stem lineage of purely fossil forms that are closer to their crown clade than to another crown clade. The divergence or splitting point between a species in clade A and a species in clade B is the point AB. This is older than the points of origin of crown clades A and B (indicated as points a and b). Fossils may belong to a crown clade or to a stem lineage, and cladistic evidence should indicate which. The crown clade and the stem clade for a particular lineage are together referred to as the total clade. Therefore, if calibrating the divergence between crown clades a and b, this invariably means finding the oldest reliable fossil belonging to the total clade a and total clade b; the oldest of which will provide the hard minimum constraint for the divergence between the two (point AB). Four fossiliferous horizons are indicated, the source of all relevant fossils. Fossiliferous horizon 1 that contains no fossils assignable to the clade ABC marks a maximum constraint (soft bound) on the age of the clade. Fossiliferous horizon 2 marks a maximum constraint on the age of clade AB. Minimum constraints are indicated by the oldest fossils for ABC, AB and A.

Clarke et al. 2011.  
Establishing  
a time-scale for  
plant evolution.

Espermatófitas:  
mínimo 306,2 Ma  
máximo 366,8 Ma

Angiospermas:  
mínimo 124,4 Ma  
máximo 248,4 Ma

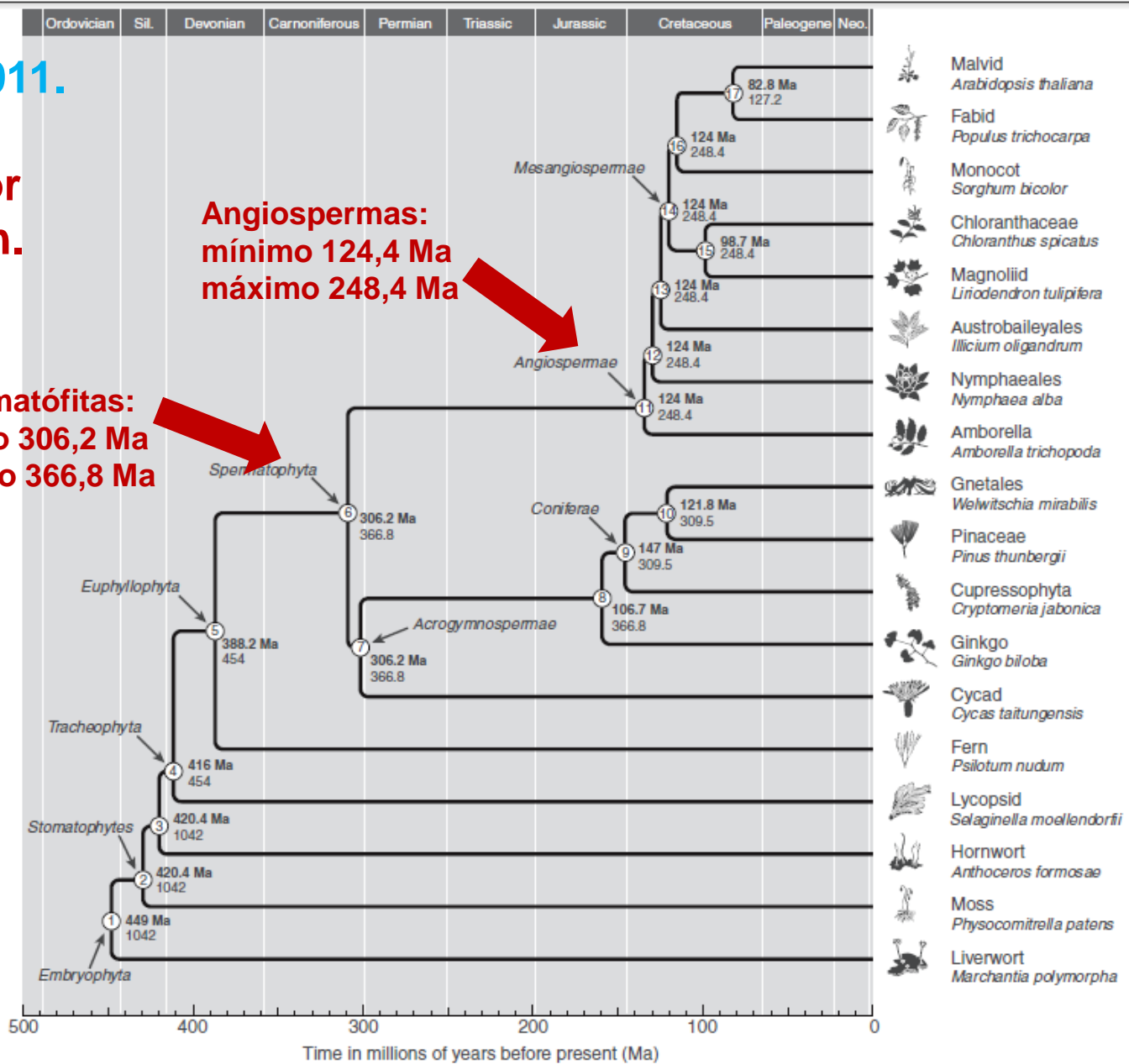


Fig. 2 A representative tree of relationships between model representatives of the major land plant lineages whose plastid or nuclear genomes have been fully sequenced. The topology is based upon a consensus of the most well-supported relationships as reviewed in recent literature (Qiu, 2008; Forest & Chase, 2009; Magallón, 2009; Magallón & Hilu, 2009; Renner, 2009). Calibrations are presented for all 17 nodes, consisting of a hard minimum constraint (bold) and a soft maximum constraint (not bold) for each. Justifications for these minima and maxima are provided in the text. The tree has been scaled to time on the basis of the minimum constraints.

# Diversity dynamics: molecular phylogenies need the fossil record

Tiago B. Quental and Charles R. Marshall

Museum of Paleontology and Department of Integrative Biology, University of California at Berkeley, Berkeley, CA 94720, USA

Over the last two decades, new tools in the analysis of molecular phylogenies have enabled study of the diversification dynamics of living clades in the absence of information about extinct lineages. However, computer simulations and the fossil record show that the inability to access extinct lineages severely limits the inferences that can be drawn from molecular phylogenies. It appears that molecular phylogenies can tell us only when there have been changes in diversification rates, but are blind to the true diversity trajectories and rates of origination and extinction that have led to the species that are alive today. We need to embrace the fossil record if we want to fully understand the diversity dynamics of the living biota.

## Molecular phylogenies and rates of diversification

Understanding the patterns and processes of diversification has long been of interest to paleontologists as we use the fossil record to document biodiversity change through time [1]. However, interest in diversity dynamics among biologists and the greater public has grown, particularly as we become aware of the impact of humans on the biosphere. Among biologists, the study of biodiversity dynamics was invigorated by the proposal that the rates and processes of diversification could be inferred from molecular phylogenies. This is particularly important given that many taxonomic groups have poor-to-non-existent fossil records [2]. In particular, the pioneering contributions of Nee et al. [3–5] and Harvey et al. [6] provided methods for detecting mass extinction events and for estimating speciation and extinction rates from molecular phylogenies despite the absence of the extinct species (but see [7] and [8]). This work was presaged by Thompson [9], and there were also parallel efforts by Hey

determining if a molecular phylogeny is consistent with a constant rate of diversification, or if there has been a decrease in the diversification rate (inferred when molecular phylogenies have significantly negative  $\gamma$  values). There is now a sizeable literature which indicates that many clades have decreasing diversification rates [12,15–17], in fact for about half of the 160 well-sampled phylogenies analyzed [15]. Considerable attention is now focused on exploring the implications of these findings for the evolutionary and ecological mechanisms responsible

## Glossary

**Boundary-crosser method:** used to estimate the diversity at the boundary of adjacent geological time intervals by counting the number of taxa that must have crossed the boundary because they are known before and after it. This method has the desirable property of assuring the co-existence of taxa.

**Chronogram:** a phylogeny with branch lengths adjusted so that they are proportional to absolute time. Also known as a 'time tree'.

**Crown group:** a monophyletic clade that contains all extant members of the clade in addition to its last common ancestor and all of its descendants, both living and extinct.

**Diversification rate:** the rate of origination (speciation,  $\lambda$ ) minus the rate of extinction ( $\mu$ ):  $\lambda - \mu$ .

**Diversity trajectory:** a curve that portrays the number of species through time. It permits one to see if a given clade was diversifying or declining.

**Equilibrium diversity:** assuming diversity-dependent diversification, the expected number of taxa when the speciation and extinction rates are balanced, i.e. when the net diversification rate is zero.

**Frequency ratio (FreqRatio):** statistical method used to measure the incompleteness of the fossil record by estimating the sampling probabilities per unit time ( $f$ ) using the frequency of taxa that have stratigraphic ranges of one ( $f_1$ ), two ( $f_2$ ) or three ( $f_3$ ) time intervals:  $r = (f_2)^2 / (f_1 f_3)$ .

**$\gamma$  statistic:** a statistic that describes the center of mass for the nodes in a chronogram compared with the expected center of mass under a pure birth model. Nodes concentrated towards the base of a tree indicate a decrease in diversification rates, yielding negative  $\gamma$  values.

**Lambda ratio:** the ratio of the initial speciation rate ( $\Lambda_{initial}$ ) and the extinction rate at equilibrium ( $\Lambda_{equilibrium}$ ). It assumes the existence of diversity equilibrium and, along with the size of the clade, and where the clade happens to be in its diversity trajectory, it plays a major part in determining the

## Quental & Marshall 2010

## TREE

## Morphological Clocks in Paleontology, and a Mid-Cretaceous Origin of Crown Aves.

## Morphological dating X molecular dating

“...both approaches entail considerable uncertainties:

for example, nonpreservation of fossils always underestimates the antiquity of lineages, whereas rate heterogeneity, saturation, and calibration uncertainty can strongly bias molecular divergence dating.”

## Ronquist et al. 2012

*J. Syst. Biol.* 61(6):973–999, 2012

© The Author(s) 2012. Published by Oxford University Press

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution Non-Commercial License (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0>), which permits unrestricted non-commercial use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

DOI:10.1093/sysbio/sys058

Advance Access publication on June 20, 2012

## A Total-Evidence Approach to Dating with Fossils, Applied to the Early Radiation of the Hymenoptera

FREDRIK RONQUIST<sup>1,\*</sup>, SERAINA KLOPFSTEIN<sup>1</sup>, LARS VILHELMOSEN<sup>2</sup>, SUSANNE SCHULMEISTER<sup>3</sup>, DEBRA L. MURRAY<sup>4</sup>, AND ALEXANDR P. RASNITSYN<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Department of Biodiversity Informatics, Swedish Museum of Natural History, Box 50007, SE-104 05 Stockholm, Sweden; <sup>2</sup>Department of Entomology, Natural History Museum of Denmark, Universitetsparken 15, DK-2100 Copenhagen Ø, Denmark; <sup>3</sup>Faculty of Biology, Department II, Ludwig-Maximilians-University, Grofshaderner StraÙe 2–4, DE-82152 Martinsried, Germany; <sup>4</sup>Department of Biology, Duke University, Box 90338, Durham, NC, 27708, USA; and <sup>5</sup>Paleontological Institute, Russian Academy of Sciences, Profsoyuznaya Ulitsa 123, Moscow 117647, Russia

\*Correspondence to be sent to: Department of Biodiversity Informatics, Swedish Museum of Natural History, Box 50007, SE-10405 Stockholm, Sweden; E-mail: [fredrik.ronquist@nrm.se](mailto:fredrik.ronquist@nrm.se).

Fredrik Ronquist and Seraina Klopffstein contributed equally to this article.

Received 1 September 2011; reviews returned 19 October 2011; accepted 7 June 2012

Associate Editor: Thomas Near

**Abstract.**—Phylogenies are usually dated by calibrating interior nodes against the fossil record. This relies on indirect methods that, in the worst case, misrepresent the fossil information. Here, we contrast such node dating with an approach that includes fossils along with the extant taxa in a Bayesian total-evidence analysis. As a test case, we focus on the early radiation of the Hymenoptera, mostly documented by poorly preserved impression fossils that are difficult to place phylogenetically. Specifically, we compare node dating using nine calibration points derived from the fossil record with total-evidence dating based on 343 morphological characters scored for 45 fossil (4–20% complete) and 68 extant taxa. In both cases we use molecular data from seven markers (~5 kb) for the extant taxa. Because it is difficult to model speciation, extinction, sampling, and fossil preservation realistically, we develop a simple uniform prior for clock trees with fossils, and we use relaxed clock models to accommodate rate variation across the tree. Despite considerable uncertainty in the placement of most fossils, we find that they contribute significantly to the estimation of divergence times in the total-evidence analysis. In particular, the posterior distributions on divergence times are less sensitive to prior assumptions and tend to be more precise than in node dating. The total-evidence analysis also shows that four of the seven Hymenoptera calibration points used in node dating are likely to be based on erroneous or doubtful assumptions about the fossil placement. With respect to the early radiation of Hymenoptera, our results suggest that the crown group dates back to the Carboniferous, ~309 Ma (95% interval: 291–347 Ma), and diversified into major extant lineages much earlier than previously thought, well before the Triassic. [Bayesian inference; fossil dating; morphological evolution; relaxed clock; statistical phylogenetics.]

# Polêmica atual na Biogeografia Histórica

Queiroz 2005 – **The resurrection of oceanic dispersal in Biogeography.** *TREE* 20: 68-73.

Cowie & Holland 2006 – **Dispersal is fundamental to biogeography and the evolution of biodiversity on oceanic islands.** *J. Biogeogr.* 33.

McGlone 2005 – **Goodbye Gondwana.** *J. Biogeogr.* 32.

Christenhusz & Chase 2013. **Biogeographical patterns of plants in the Neotropics – dispersal rather than plate tectonics is most explanatory.** *Bot. J. Linn. Soc.* 171.

X

Arnaud-Haond et al. 2007 - **Vicariance patterns in *Posidonia*.**  
*J. Biogeogr.* 34(6). (microssatélites)

Cook & Crisp 2005 – **Directional asymmetry of long-distance dispersal and colonization could mislead reconstruction of biogeography.** *J. Biogeogr.* 32.

Crisp & Cook 2007 - **Congruent molecular signature of vicariance across multiple lineages.** *Mol. Phyl. Evol.* 43(5). (23 linhagens de plantas da Austrália)

Mao et al. 2012 – **Distribution of living Cupressaceae reflects the breakup of Pangea.** *PNAS*.

van den Ende et al. 2017 – **The existence and break-up of the Antarctic land bridge as indicated by both amphi-Pacific distributions and tectonics.** *Gondwana Research* 44  
(múltiplas linhagens)

Yoder et al. 2006. **Has vicariance or dispersal been the predominant biogeographic force in Madagascar? Only time will tell.** *Ann. Rev. Ecol. Evol. Syst.* 37.

# Polêmica atual na Biogeografia Histórica

**Heads 2008 - Biological disjunction along the West Caledonian fault, New Caledonia: a synthesis of molecular phylogenetics and panbiogeography. *Bot. J. Linn. Soc.* 158. (87 táxons de plantas, mariposas e lagartos - padrões de vicariância)**

**Datações moleculares desafiando datações geológicas!**

**Boxclaeer et al. 2006**

**Zaragüeta-Bagils et al. 2004.** Temporal paralogy, cladograms, and the quality of the fossil record. *Geodiversitas* 26: 381–389.

**Nelson, G. & Ladiges, P.Y. 2009. Biogeography and the molecular dating game: a futile revival of phenetics? *Bull. Soc. géol. Fr.* 180: 39–43:**

“In molecular dating, branch lengths are considered parameters that may be estimated by counting similarities and differences in DNA sequences. **Long and short branches imply long and short time spans, which might appear informative additions when imposed on a tree that is otherwise cladistic.** Recent attempts to apply molecular dating to southern hemisphere biogeography (*Nothofagus*, *Adansonia*) seem only another “excursion into futility,” as was the fate of phenetic systematics”.

**LIVRO de M. Heads 2012. Molecular Panbiogeography of the Tropics.**

# Aprimorando a Biogeografia Histórica

**Filogenias** continuarão sendo fundamentais para nossa compreensão da biogeografia.

**MAS** para testes rigorosos das hipóteses biogeográficas, temos que incorporar explicitamente um espectro mais amplo de dados nas análises (e.g. **tempo, eventos geológicos/climáticos, ecologia**).

**Novas ferramentas analíticas têm sido desenvolvidas.**

# BIOGEOGRAFIA HISTÓRICA

**“What biogeography is: a place for process”.**

**‘Vicariância e dispersão são atributos das distribuições bióticas. A **Filogeografia** tem grande potencial em ajudar a determinar qual desses processos gerou os padrões observados’.**

**R. M. McDowall 2004**

**J. Biogeogr. 31.**

*Bases da Filogeografia: na próxima aula.*